

**AURELINO JOSÉ FERREIRA FILHO**

**OS VELHOS CURTUMEIROS DA CIDADE DE FRANCA – SP.  
TRABALHO E EXPERIÊNCIA 1940 -1980**

**Doutorado – História Social**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**São Paulo - 2007**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

AURELINO JOSÉ FERREIRA FILHO

**OS VELHOS CURTUMEIROS DA CIDADE DE FRANCA – SP.  
TRABALHO E EXPERIÊNCIA 1940 -1980**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em História Social, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário da Cunha Peixoto.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo - 2007

A Maila, sempre presente.

Aos meus pais, Aurelino e Francisca que sempre acreditaram.

Aos meus filhos João e Heitor, pela esperança.

## AGRADECIMENTOS

Aos Velhos Curtumeiros da cidade de Franca.

A CAPES pela ajuda financeira, sem a qual esta pesquisa não teria sido possível .

À Professora Maria do Rosário da Cunha Peixoto pela paciência e dedicação.

Às professoras Olga Brites e Mirna Busse Pereira pelas valiosas críticas e sugestões no exame de qualificação.

Aos professores e colegas do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História.

Aos Professores e amigos Daniel Camurça, Márcia Juliana e Nancildo Antonio pela leitura valiosa e pelo apoio. Amigos que souberam se fazer presentes nos *instantes de perigo* deste trabalho.

Aos Amigos.

## RESUMO

O Objetivo do presente trabalho é tornar visíveis experiências de vida e de trabalho de um grupo de homens, os velhos curtumeiros da cidade de Franca entre os anos de 1940 a 1980. Homens que neste período saíram de pequenas cidades da região Sul do Estado de Minas Gerais buscando melhores condições de vida e de trabalho na cidade de Franca, região Nordeste do Estado de São Paulo.

Buscou-se refletir sobre o deslocamento social destes homens, o trabalho nas lavouras de café na região paulista, o trabalhar nos curtumes e a elaboração do ofício de curtumeiros como um caminho promissor para compreender experiências de vida destes sujeitos, que antes de dedicarem-se a este ofício experimentaram outras formas de trabalho e ganhos entre o campo e a cidade.

Destaca-se ainda, a itinerância de práticas de trabalho na aprendizagem de um ofício e na constituição das suas vidas na cidade. Entendendo que para estes homens o tornar-se trabalhadores, adquirir um ofício urbano, fazer parte de uma categoria de trabalho, exigia o diálogo, sempre tenso, com processos em que não se separam trajetórias pessoais, a relação com o trabalho e os locais em que constituíram suas vidas, o campo e a cidade. O que significa encontrá-los nas fímbrias da constituição social e econômica da cidade naqueles anos, na invisibilidade imposta aos trabalhadores comuns, pobres e "migrantes" em geral em uma cidade que buscava as feições paulistas de urbanidade e modernização naquele momento.

Transita-se por suas memórias, flagrando aspectos do seu viver, percebendo como se sentiram vendo afastar-se deles, temporal, espacial e socialmente experiências de trabalho que foram verdadeiras referências em suas vidas.

Buscou-se também compreender as suas interpretações do seu próprio caminhar, como se vêem, no presente, naquele processo, que em determinado momento transformou-os em trabalhadores urbanos, para, em seguida excluí-los do processo produtivo. Percebendo-os a partir de uma forma própria de se situar no presente, do seu posicionamento frente á este processo, os impasses, as lembranças e esquecimentos.

## ABSTRACT

The purpose of this work is to become experiences of life and work of a group of men, the old men that work in tannery at the Franca City between 1940 and 1980. Men who in this period left small cities of south of Minas Gerais looking for better conditions of life and in the Franca city, northeast region of São Paulo.

There was a reflection about the social displacement of these men, the work in the coffee plantation in the São Paulo region, the work at the tannery and the preparation of de tannery workers office as a promising way to understand experiences of life of these men, that before work in this position tried another works and gains between the field and the city.

It is relevant to say that the itinerancy of the work practice in the learning of the work and in the formation of their lives at the city. Understanding that for these men become workers, to can a urban work, to be part of a category of work needed a dialog, always anxious, with processes that do not apart personal life, the relation with the work and the places where their lives grew up, the field and the city, what mean find them at the layer of social formation and economic of the city int that time, in the invisibility given to the common workers, poor and migrants in general in a city that look for the paulistas `face of urbanity and modernization in that moment.

This is in their memories, showing aspects of their lives, noticing how they feeling observing apart from them, in question of time, space and social experiences of work that were true references in their lives.

There was interest in understand their comprehension of their own way, how they look to themselves, in that process , that in a special moment, change them in urban workers to after exclude them of the productive process. Noticing them in a way that they situated themselves in the present time, how they are in this process, the problems, the reminder and things that they left in the past.

# SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>Trabalho e Memória: O viver entre o Sul de Minas Gerais e São Paulo</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>Trabalho e Cidade: Cartografias de trabalhadores</b>	<b>62</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>Trabalho e Modernidade: Curtumeiros na cidade racionalizada</b>	<b>97</b>
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>Cidade e Memória: Lembrar o passado e recompor o presente</b>	<b>136</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>179</b>
<b>FONTES</b>	<b>183</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>184</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Refletir sobre as experiências de vida e de trabalho de um grupo de homens, os velhos curtumeiros da cidade de Franca entre os anos de 1940 a 1980 foi o desafio desta pesquisa. Homens que neste período saíram de pequenas cidades da região sul do estado de Minas Gerais buscando melhores condições de vida e de trabalho na cidade de Franca, região nordeste do estado de São Paulo.

Denomina-se curtumeiros aos trabalhadores em curtumes dedicados ao ofício de “lapidar” o couro bruto (vaqueta), preparando-o para o uso no fabrico de diversos produtos, desde sapatos, bolsas, cintos, carteiras, roupas, itens para montaria e uso industrial, bem como uma infinidade de outros produtos com diversos tipos de acabamentos.

Buscou-se refletir sobre o deslocamento social destes homens para São Paulo, o trabalho nas lavouras de café na região de Franca, o trabalhar nos curtumes e a elaboração do ofício de curtumeiros — entre outras transformações que experimentaram em suas trajetórias — como um caminho promissor para compreender as experiências de vida destes sujeitos, que antes de dedicarem-se ao ofício de curtumeiros, experimentaram outras formas de trabalho e ganhos. Foram negociantes de animais, vaqueiros, tropeiros, trabalhadores da agricultura, entre outras atividades de ganhos em suas cidades no sul de Minas. Colonos em fazendas de café já na região de Franca, ou ocuparam outras atividades no núcleo urbano da Cidade antes de tornarem-se curtumeiros.

Ao defini-los como “velhos curtumeiros”, pretendi, além de diferenciá-los dos atuais trabalhadores em curtumes — mais jovens e já atendendo às exigências de um novo perfil de trabalhadores procurados pelos modernos curtumes da cidade — destacar um grupo específico de homens, todos idosos, que “trazem na memória” e em tantas outras dimensões do seu viver, a experiência do deslocamento social para esta região do estado de São Paulo e do trabalho como curtumeiros na cidade de Franca por um longo período de suas vidas. E que, apesar de terem dedicado grande parte dela ao trabalho nos curtumes da cidade — 30 a 40 anos em jornadas de 10 a 12 horas diárias — vivem hoje a invisibilidade imposta aos velhos não só pela sociedade industrial<sup>1</sup>, mas também por uma série de transformações, físicas e simbólicas, que a cidade vem

---

<sup>1</sup> CAHAUÍ, Marilena IN: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de velho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

implementando nas últimas décadas, tendo como carro-chefe sua indústria coureiro-calçadista.

A mudança do parque industrial para uma área afastada da cidade, denominada *Distrito Industrial*, em 1984, foi a mais significativa destas mudanças, fazendo desaparecer referências e marcos importantes da vida e da experiência de trabalho destes homens, *lócus* físico das suas memórias<sup>2</sup>.

O recorte temporal problematizado, os anos de 1940 a 1980, compreendem, grosso modo, ao período recoberto por suas memórias. Mas também buscou pensar sobre um momento em que um número grande de homens, juntamente com suas famílias, deslocou-se desta região de Minas Gerais em busca de melhores condições de vida e de trabalho, primeiramente na agropecuária e, em um segundo momento, no parque industrial coureiro-calçadista da cidade.

O meu envolvimento com temáticas em torno de experiências de deslocamentos sociais de trabalhadores do campo para a cidade vem da minha própria trajetória pessoal e de pesquisa. Histórias de vida e percursos muito próximos que em vários momentos aproximam pesquisador e sujeitos pesquisados, e, trajetórias, sensações, perspectivas, tensões e deslocamentos sociais ganham importância para ambos nas problemáticas e questões que perpassam este trabalho.

Faz-se importante também considerar o meu percurso na pós-graduação do *Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. Nesta oportunidade, no convívio com Disciplinas, professores, Programas, leituras e colegas, formaram-se para mim as principais questões que norteiam esta pesquisa. Disciplinas como *História e Cultura*, *Cultura e Trabalho*, *Cultura e Cidade*, entre outras, sugeriram caminhos, delinearam perspectivas e desafios. Apontaram a necessidade de superar limites e experimentar diferentes perspectivas teóricas, fontes e materiais, buscando a compreensão de novos temas de pesquisa relacionados ao Trabalho e à Cultura situados no âmbito da História social<sup>3</sup>.

Entre tantas outras discussões, o papel do historiador na relação com seu tema esteve sempre presente, apontando a necessidade de politizar a sua prática no envolvimento com as problemáticas, colocando-se, no presente, com autonomia, avaliando seu próprio percurso e reconhecendo suas responsabilidades. Negando o consenso neoliberal que estabelece a desigualdade como paradigma do relacionamento social e da organização da dominação. Repensando os pactos e esquecimentos, a versão autorizada dos acontecimentos, a produção da invisibilidade e inaudibilidade dos dissidentes

---

<sup>2</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares**. Tradução HOURY Iara Aun. In: Revista Projeto História n. 10. Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC / SP, São Paulo: Edusp, 1993.

<sup>3</sup> FENELON Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA; Paulo Roberto; KHOURY, Yara Aun.

pelo apagamento dos sinais e vestígios de suas Memórias e Histórias.<sup>4</sup>

Nesta perspectiva, destacou-se o contato com outras pesquisas produzidas pelos colegas de turma. Variedade de temas que desvendavam as diversas linguagens instituintes das memórias em diversos campos do social. Pesquisas que neste desvendamento buscavam a produção de novas temporalidades, projetos e sujeitos. Visibilizando materiais que possibilitassem eleger momentos, processos e lugares significativos das experiências sociais de indivíduos, grupos e classes sociais. Vislumbrando conflitos e tensões entre as memórias hegemônicas e memórias alternativas produzidas nas vidas cotidianas.<sup>5</sup>

Algumas disciplinas, principalmente *Cultura e trabalho*, enfatizou o deslocamento dos estudos sobre o trabalho como categoria abstrata para a produção de pesquisas relativas às práticas de trabalhadores, problematizando experiências sociais de homens, mulheres, jovens, migrantes, entre outros sujeitos até então ausentes. Destacando-se processos de urbanização e modos de viver, a relação trabalho/campo/cidade, a industrialização e a formação do mercado de trabalho, assim como as diversas formas de sobrevivência de trabalhadores e trabalhadoras frente às dificuldades impostas por novas formas de organização e das relações de trabalho.

Importantes discussões colocaram no centro do debate espaços e modos de trabalhar, resistências, viveres e fazeres de trabalhadores, tendo como perspectivas os desafios colocados pelo mundo do trabalho contemporâneo, destacando a desindustrialização a reestruturação dos processos de produção, controle e redefinição dos ofícios e profissões.

Nesta perspectiva, ganha importância a investigação sobre os processos pelos quais se reproduz a pobreza, a exclusão, a informalidade, a terceirização e a precarização dos vínculos trabalhistas, destacando distâncias e aproximações com antigos modos de produção.<sup>6</sup> Interessando-se ainda em compreender novas dimensões da exploração do trabalho, resultantes da intensa exploração dos ritmos e da insalubridade, assim como novas formas de organização, resistências e sobrevivências nos locais de trabalho<sup>7</sup>.

Sendo assim, “velhas” temáticas são revisitadas, ganhando novas leituras, olhares e perspectivas diferenciadas, repondo reflexões e perspectivas até então ausentes. Entre elas, o

---

(Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> Ibidem

<sup>6</sup> Ibidem

<sup>7</sup> FILHO, Aurelino José Ferreira. **Trabalho, insalubridade e resistências. A Experiência dos trabalhadores da categoria Química do ABC Paulista 1984 – 1990**. Tese de mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

deslocamento de trabalhadores rurais para a cidade em busca de melhores condições de vida — problemática já presente e muito explorada nos 70 — possibilitando repensá-la, no presente, sob novas perspectivas teórico-metodológicas, discutindo processos pelos quais trabalhadores rurais tornam-se trabalhadores urbanos, não mais apenas como consequência da expulsão do homem do campo por parte do capital, mas visibilizando o viver entre o campo e a cidade, valorizando opções, tensões significados e sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos envolvidos. Considerando a itinerância de práticas de trabalho e de regiões na aprendizagem de um ofício e na constituição da vida na cidade. O que significa pensar sobre suas experiências em movimento, abertas, formando-se no próprio caminhar histórico dos trabalhadores. Revistando reflexões e conclusões.

Entendendo que para os trabalhadores do campo o tornar-se trabalhador entre o campo e a cidade, aprender um ofício, fazer parte de uma categoria de trabalho, não significa uma consequência “natural” do capital e suas forças produtivas, mas do diálogo, sempre tenso, ambíguo — em um universo de conquistas e perdas — com processos em que não se separam trajetórias pessoais e relações com o campo e com a cidade na constituição de suas vidas.

Marcante naquele momento também foram as discussões e leituras em torno das noções de Trabalho e Cultura, passando de conceitos abstratos para a compreensão das diferentes maneiras pelas quais trabalhadores desenvolvem suas práticas sociais, refletindo seus modos de viver, trabalhar, morar, lutar, morrer, divertir-se. Cultura tomada como expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos, costumes, lutas sociais, trabalho, política, símbolos. Categoria sempre em construção e constitutiva do social.

Noções de cultura que possibilitam resgatar experiências sociais, pensando homens e mulheres como sujeitos que experimentam suas atuações e relações sociais como necessidades, interesses e antagonismos. Experimentando-a não apenas como idéias no âmbito do pensamento, mas também como sentimentos, normas, valores, obrigações, que se exprimem em ações e também como antagonismos, “contradições”, negociações e resistências.

As discussões em torno da disciplina *Cultura e cidade* apontou importantes reflexões na compreensão dos espaços e territórios urbanos como expressões das experiências sociais desenvolvidas na cidade. Experiências diversas compondo as paisagens e as imagens urbanas, sempre impregnadas de memórias e de significações diversas que incluem modos de morar, lutar, trabalhar e se divertir, enfim, a cultura urbana. Cidade como memória organizada e construção convencional, natureza e cultura, público e privado, passado, presente e futuro. Projetos coletivos e individuais, mas também da presença de sujeitos e memórias alternativas. Portanto lugar da

pluralidade e das diferenças.

Memórias apreensíveis nas referências temporais e espaciais que marcam o viver urbano, nos usos cotidianos do espaço, nas formas de perceber os monumentos, utilizar os equipamentos urbanos, assim como a maneira de caminhar, freqüentar e pensar as ruas, praças, calçadas, locais de trabalho e de lazer públicos e privados.

Cidade que se revela nas pesquisas com a História Oral e Memória, privilegiando a maneira como os sujeitos não somente se expressam, mas também como organizam a vida cotidiana, animam seu tempo de trabalho e de lazer, constroem seus imaginários, tecem elos entre si e com os lugares que habitam e representam.

Em um segundo momento, porém não menos importante, o envolvimento com esta temática vem também da pesquisa com os trabalhadores da categoria química da região do ABC Paulista, desenvolvida para tese de mestrado<sup>8</sup>, quando então surgiram as primeiras inquietações que norteiam este trabalho.

Naquele momento, mantinha contatos com os velhos trabalhadores daquela categoria — a química — velhos operários, também, em sua maioria, vindos do campo, que possuíam longa experiência no ramo químico, e, portanto, detentores de um tipo de conhecimento e um saber fazer elaborado ao longo dos anos de trabalho. Conhecimento alicerçado na experiência do cotidiano nas fábricas, mas que começavam a perder suas funções e empregos substituídos por trabalhadores mais jovens e por tecnologia microeletrônica nos processos produtivos.

Inquietou-me a percepção que a adoção de novas tecnologias, resultado da reestruturação produtiva daqueles anos — fim dos anos 80 e início dos anos 90 — fazia desaparecer velhas formas de se trabalhar, elaboradas na experiência e no saber fazer do cotidiano do trabalho e ao longo da vida de cada trabalhador. Como experiências de trabalho e velhos ofícios, entre eles o de curtumeiros, eram descartados, substituídos por novos processos que prescindiam da experiência e do conhecimento dos velhos trabalhadores.

Experiências e saber-fazer próprios de velhos trabalhadores e de ofícios elaborados ao longo de anos, transmitidos por gerações. O pedreiro é descartado pelos pré-moldados e pré-fabricados; o sapateiro por sapatos e tênis fabricados em grande escala, geralmente provenientes da China e vendidos até em hipermercados; o alfaiate por roupas prontas, assim como o sapato,

---

<sup>8</sup> FILHO, Aurelino José Ferreira. **Trabalho, insalubridade e resistências. A Experiência dos trabalhadores da categoria Química do ABC Paulista 1984 – 1990.** Tese de mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-

também vendidas até em hipermercados; o mecânico por oficinas automatizadas e “autorizadas”, tão bem equipadas por aparelhos microeletrônicos que quase dispensam o seu saber, só para citar alguns casos.

Fazendo desaparecer formas de trabalhar nas quais homens do campo tornaram-se trabalhadores urbanos, explicitando momentos de rupturas em que práticas do rural ainda tinham um sentido e um valor no trabalho fabril. “Descartando” experiências de trabalho e aprendizagens alicerçados no viver entre o campo e a cidade.

Refletir sobre estas questões pareceu-me de algum valor em um momento em que, como nunca antes, a perda do lugar social do indivíduo está ligada à perda do seu papel na cadeia produtiva.<sup>9</sup> Ao desempregado mais jovem cabe então “requalificar-se”, sob pena de não mais se empregar nesta nova organização do trabalho. Ao velho trabalhador cabe apenas lembrar de um tempo em que também ele “era produtivo”. Trata-se de um momento em que os seus conhecimentos e o seu saber-fazer, suporte fundamental de suas experiências de vida, são rapidamente descartados por uma sociedade que destrói os marcos sociais da memória, bloqueia os caminhos da lembrança, arranca marcos e apaga rastros, experiências de trabalho e de vida<sup>10</sup>.

Nesta perspectiva recordar e narrar suas experiências de trabalho torna-se assim para o velho trabalhador, não só a oportunidade de atualizar a sua experiência no tempo presente, mas contribuir para a construção do novo. Pois, conforme PORTELLI<sup>11</sup>, os recordadores são, no presente, trabalhadores, pois lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora e não simples repetição de um tempo passado.

Embora não fosse este o objeto da pesquisa naquele momento, estas questões inquietavam-me ao mesmo tempo em que mantinha contatos, propiciados por relações de amizade, com os antigos trabalhadores aposentados dos curtumes de Franca. Durante algum tempo visitei algumas residências de antigos curteiros localizadas no bairro de Cubatão e Santa Rita. Bairros que entre as décadas de 1940/80, sediaram a maioria dos estabelecimentos curteiros da Cidade.

Essas visitas informais oportunizaram o diálogo com alguns velhos curteiros. Lembranças que fluíam da memória daqueles senhores e que dão sentidos e significados não só às

---

graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

<sup>9</sup> CHAUI, Marilena IN: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de velho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. In: Revista Projeto História n. 14. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC / SP, São Paulo, Edusp, 1997.

suas experiências de trabalho, mas também às suas vidas, ganhando sentido a maneira como enfrentaram e experimentaram, no plano material e simbólico, o “trabalhar em curtume” na cidade naqueles anos.

Ao poucos o objeto de pesquisa foi se delineando, evidenciando que ao rememorar suas experiências de vida e de trabalho, sempre “saudosamente”, aqueles velhos trabalhadores falavam, inclusive com seus esquecimentos, de experiências que ainda marcam as suas realidades, memórias e narrativas, como re-elaboração crítica de um processo mais amplo que desqualifica o trabalhador na medida em que envelhece e não pode mais acompanhar os novos ritmos e a nova organização da produção. Construindo um tipo de memória do progresso a partir do apagamento da memória de antigas formas do saber-fazer e de antigas formas de se relacionar com o trabalho. Buscando assim, naturalizar a atual situação do trabalho no Brasil, caracterizada pela informalidade, baixos salários, e exigências de qualificação cada vez maiores.

Delinear este processo na vida dos velhos curtumeiros significou, perceber como as suas memórias, ao enfatizar um tempo “bom” e distante - geralmente ligado à momentos em que ainda não trabalhavam nos curtumes - a seu modo, apontava para a reavaliação e re-elaboração crítica de suas experiências de vidas. Pois os velhos não falam diretamente, em forma de análises, não dão respostas prontas para apaziguar nossos anseios de pesquisadores, mas expressam-se, opinam e criticam por meio de outros caminhos: ao falar das suas trajetórias e de suas experiências pessoais, que também são sociais e que desnudam processos pelos quais memórias são instituídas e outras apagadas.

O caminho escolhido então foi conhecer um pouco das trajetórias de vida destes homens, que antes de tornarem-se curtumeiros na cidade já tinham uma longa caminhada, e esta precisava ser ouvida, pois muito podia falar às atuais inquietações.

Homens que antes de adquirirem um ofício experimentaram outras formas de trabalho, sempre em busca de melhores condições de vida, quando desde os séculos XVII e XVIII um grupo maior de sujeitos provenientes do Sul do Estado de Minas Gerais dirigia-se à região do Nordeste Paulista. Processo este que teve continuidade no XX, quando mineiros, mas também paranaenses goianos e baianos, pobres diversos, buscaram na região melhores condições de vida e de trabalho. Primeiramente nas fazendas de café, na agropecuária e, em um segundo momento - no caso daqueles que foram especificamente para Franca - no seu parque industrial coureiro-calçadista.

Para Maria Odila Leite da Silva Dias o deslocamento social por parte daqueles que não

tinham terras para plantar naquela região de Minas Gerais, encontrava raízes sociais fincadas no Império, sendo que a lavoura de subsistência oferecia trabalho apenas por um período do ano, forçando aos homens a procura por outras ocupações nos meses seguintes, voltando apenas nas épocas de semeaduras. Destacava-se o deslocamento para a zona da mata e o vale do Paraíba, sendo que as regiões de Uberaba e as cidades que compreendem de Franca a Mogi Mirim eram as regiões que mais recebiam pessoas das áreas de criação de gado do Sul e Minas Gerais<sup>12</sup>.

Compreender alguns sentidos e significados na vida deste grupo específico de homens, os velhos curtumeiros, e o seu fazer-se neste ofício entre os anos de 1940 e 1980, aponta, portanto, para a possibilidade de delinear aspectos, rastros e vestígios do fazer-se da vida daquele grupo maior de sujeitos, homens pobres e itinerantes, mas, sobretudo, possibilita pensar sobre sonhos, perspectivas, explorações e dificuldades enfrentadas, trajetórias pessoais e sociais daqueles que fizeram do trabalho nos curtumes o seu meio de vida.

Homens comuns que ao longo de suas vidas dedicaram-se ao trabalho extenuante e insalubre com o couro nos curtumes da cidade em suas diversas funções, salgando-o, o saleiro; amaciando-o, o amaciador; limpando-o dos resíduos de carne, o descarnadeiro; dedicando-se em tirar o cabelo do mesmo, o picaleiro; deixando-o na espessura adequada para cada produto final, o rebaixador, ou providenciando para que o mesmo se mantivesse conservado com um tratamento a base de cal, o caleiro. Especializações próprias do trabalho em curtumes em um processo de produção ainda bastante artesanal que persistiu na região, grosso modo, entre os anos de 1940 a 1960.

Nas primeiras conversas com os velhos curtumeiros, alguns depoimentos colhidos e em um primeiro caminhar por suas narrativas, uma multiplicidade de aspectos se colocaram. Mas de forma especial as suas experiências do deslocamento para Franca e o trabalho nas fazendas de café, primeira oportunidade de trabalho assim que chegavam à cidade, marcam as suas memórias. Sendo que, em um segundo, momento desenvolver uma atividade profissional no núcleo urbano, e, principalmente, em algum curtume da cidade fazia-se importante.

Embora para aquela região paulista naqueles anos fossem também homens de outros Estados como Paraná, Goiás, Bahia, entre outros, buscou-se compreender apenas o caminhar de um grupo de mineiros em suas experiências de deslocamento, pois a presença deste grupo neste processo, exercendo o ofício de curtumeiro, e na própria cidade é marcante.

---

<sup>12</sup> BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (orgs.). **Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000.

As condições de vida em algumas regiões de Minas também foram observadas na literatura nacional. Antonio Candido em *Parceiros do Rio Bonito*, observou aspectos do modo de vida das pequenas e pobres cidades do sul de Minas e próximas a São Paulo. CANDIDO destacou que os habitantes do Sul e do Oeste de Minas, na primeira metade do XX “eram populações disseminadas, vivendo os pobres da agricultura de subsistência; os remediados da pecuária atrasada”<sup>13</sup>.

O deslocamento social nas diversas regiões do Brasil, geralmente chamado de migração nacional, foi amplamente estudado por uma diversidade de cientistas sociais a partir da década de 1960, mas parte significativa destes estudos, associando migração à industrialização e outros fatores de ordem econômica, tendem a desconsiderar os significados que os próprios sujeitos atribuem às suas experiências de deslocamento e de vida neste processo.

Significativos desta perspectiva teórico-metodológica foram as pesquisas de Eunice R. Durhan e Maria Aparecida de Moraes Silva.

Para DURHAN<sup>14</sup> o crescimento econômico resultante da industrialização dos anos de 1950/60 está associado a dois fenômenos complementares, o incremento das desigualdades regionais e a constituição das grandes metrópoles. Para a autora, tanto um quanto o outro fenômeno implicou na formação de grandes correntes de migração interna.

Para SILVA<sup>15</sup>, este deslocamento revela o processo histórico de exclusão social no campo brasileiro. Processo este que excluiu do direito à terra parte significativa da população rural, estabelecendo assim relações de exploração da mão-de-obra alicerçadas na concentração fundiária que obrigava aos pobres, despossuídos de terras em geral, conciliar o trabalho na roça com outras tentativas de ganhos, e, em determinado momento da vida, buscar em outras regiões melhores perspectivas de trabalho e de vida.

Para a autora, na primeira metade do XX a expansão industrial e urbana de um grande número de cidades, obedecendo às lógicas político-administrativas ligadas a interesses público-privados, não foi acompanhada por possibilidades econômicas e sociais para todos, fazendo com que um grande número de famílias perdessem suas terras. Este processo foi reforçado no bojo da mecanização de parte do campo brasileiro iniciada na década de 1960, cujos efeitos foram um maciço êxodo rural e violento processo de proletarização no campo brasileiro.

Na tentativa de lançar um olhar aguçado sobre experiências de vida de um grupo de

---

<sup>13</sup> CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 9ª Edição São Paulo: Editora 34, 2001.

<sup>14</sup> DURHAN, Eunice R. **A Caminho da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

homens no enfrentamento das condições às quais estavam submetidos, mas também como sujeitos na busca de alternativas, valorizando suas opções e narrativas enquanto re-significações das suas experiências vividas.

Pesquisas estas que buscaram uma perspectiva que possibilita perceber o deslocamento social destes homens e — embora não deixando de considerar transformações econômicas, que, de uma forma ou de outra, tiveram importância neste processo — trouxeram um novo olhar que revelou os significados e representações atribuídas à experiência de deslocar-se por parte daqueles que viveram tal experiência, em uma *“abordagem que privilegia a subjetividade e a história de vida dos sujeitos”*.

LUCENA estudando um grupo de sitiados da região de Barbacena, Minas Gerais, que no início da década de 1960 buscou na cidade de São Paulo, especificamente na região de Cotia, melhores condições de vida e melhores perspectivas de trabalho, revelou como estes homens e mulheres re-criaram o jeito mineiro de viver na capital paulista, *“indagando os significados simbólicos que permeiam os universos culturais (...) levando em consideração as representações do rural e do urbano, nas diferentes fronteiras temporais”*<sup>16</sup>,

DOMINGUES refletiu sobre as experiências sociais e culturais de homens e mulheres moradores da Colônia do Pulador na cidade de Anastácio, estado de Mato Grosso do Sul. Trata-se de pessoas que foram de diversas regiões do estado de Pernambuco para aquela região. Buscou apreender memórias e os modos de vida, *“buscando compreender como se deu o embate com pessoas com formas de vida diferentes, incluindo suas relações com a natureza e o trabalho, seus valores e relações sociais dentro da colônia, seus sonhos e receios, na tentativa de evidenciar as singularidades de sua cultura material e sensível”*<sup>17</sup>

Estas pesquisas romperam com categorias como migrantes, retirantes, entre outras definições usuais na historiografia sobre o tema. Categorias que reforçam preconceitos construídos a partir de análises que desconsideraram sentidos e significados, singularidades, subjetividades e representações atribuídas à experiência do deslocamento por parte daqueles que viveram tal processo.

Sendo assim, trabalhando com depoimentos orais e fontes escritas, lança-se um olhar sobre

---

<sup>15</sup> SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

<sup>16</sup> LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar. (Re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 1999.

<sup>17</sup> DOMINGUES, Andréa Silva. **A Arte de Falar: Redescobrimo Trajetórias e outras Histórias. Colônia do Pulador – Anastácio**, Tese de mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia

homens que tradicionalmente a historiografia chamou de migrantes, homogeneizando suas práticas e experiências de vida, suas diversidades culturais e formas diferenciadas de construção da memória, inserções e ocupações dos lugares. Categorizando-os como migrantes nacionais nos chamados “fluxos migratórios”. Categorias genéricas para “explicar” o desenvolvimento econômico de cada região, desconsiderando assim a memória social daqueles que diariamente souberam forjar diversas formas de intervenções, recriações e apropriações dos lugares na constituição das suas próprias vidas.

Memórias, lembranças e depoimentos que possibilitam conhecer um pouco das experiências de vida daqueles curtumeiros, presentes entre aqueles que se deslocavam constantemente em busca de melhores condições de trabalho na itinerância de ofícios e na inserção gradativa no mercado de trabalho urbano no Brasil entre os anos de 1940 a 1970. Pensando o fazer-se curtumeiros nas relações de trabalho, em suas sociabilidades e significações, nas dificuldades próprias do viver deslocando-se em busca de melhores condições de trabalho e de vida.

O que significa encontrá-los nas fímbrias da constituição social e econômica da cidade de Franca naqueles anos. Na invisibilidade imposta aos pobres, trabalhadores e "migrantes" em geral em uma cidade que, ao buscar as feições paulistas, esforçava-se para negar a sua presença, e que, buscando os ícones da modernidade, na construção dos seus “símbolos”, remodelava-se e negava suas feições mineiras.

O que significa indagar sobre o redimensionamento de suas vidas em uma cidade que passava por processos de transformações econômicas, urbanas e de industrialização nos mesmos anos, embora com forte presença da agropecuária, da cafeicultura e de colonos europeus e mineiros e que traziam seus modos de vida, fundindo-se características da cidade e do campo, do trabalho, do lazer e da religiosidade.

Redimensionamento que se dava, entre outras dimensões, na busca de outras formas de remuneração do trabalho em São Paulo. Redimensionamento este, como apontou HALL<sup>18</sup>, constituído por processos de identificações. Envolvendo relações de sentimentos, de pertencimento e de vínculos. Buscando recuperar modos de vida e referências sociais passadas, re-significando o que é sentido como perdido, mas mantendo identidades que atravessam e intersectam as fronteiras das diversas experiências vividas.

Para o autor, por este “processo” os sujeitos retêm fortes vínculos com seus lugares de

---

Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

origem e suas tradições, mas sem a possibilidade de um retorno ao passado. São “obrigados” a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas, e sem perder completamente suas identidades “originais”. Carregam ainda os traços da cultura, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcados. Mas a diferença é *“que estas experiências não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque são agora irrevogavelmente o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e ao mesmo tempo, a vários lugares. Estão irrevogavelmente traduzidas”*<sup>19</sup>. Para o autor os processos de identificação envolvem também vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares - híbridas.

Andando atualmente pelos bairros mais antigos da cidade de Franca, principalmente os bairros de Santa Rita e Cubatão, encontra-se um número grande de velhos curtumeiros. Senhores, atualmente aposentados, que exerceram durante anos este ofício, e que hoje “passam” boa parte do seu tempo a conversar nas suas principais praças.

Presentes nas praças, estes velhos trabalhadores, e tantos outros sujeitos, anônimos em geral, estão ausentes na memória instituída das cidades e na historiografia regional e local. Resultado de uma perspectiva que não valorizava o viver e o fazer de homens e mulheres comuns. A produção historiográfica local, grosso modo até meados dos anos 80, privilegiou em vários trabalhos um olhar economicista da região, não abordando temas capazes de dar visibilidade a estes e outros sujeitos em suas práticas na cidade.

Embora tais estudos foram importantes para compreender aspectos da dinâmica econômica da cidade, sua articulação com a região, com o grande capital e o seu fazer-se como moderno parque industrial calçadista exportador, busca-se outras percepções. Percepções que aproximem esta pesquisa de homens comuns, homens provenientes das pequenas cidades do sul de Minas Gerais e que fizeram do trabalho nos curtumes da cidade de Franca seu meio de vida.

A partir dos anos 90 uma importante e interessante produção historiográfica<sup>20</sup> do Departamento de História da Unesp em seu campus de Franca, passou a produzir análises comprometidas com a História Social, revelando novos sujeitos e possibilitando novos olhares e novas perspectivas para a historiografia da região.

Assim, creio que as possibilidades de percepções do modo de vida destes homens,

---

<sup>19</sup> Idem

<sup>20</sup> Ao longo da pesquisa valho-me em diversos momentos desta vasta produção, que será citada na medida em que forem incorporadas às análises.

enfazando o “trabalhar em curtume” e suas experiências elaboradas a partir das condições vividas, articuladas e articulando-se com a constituição da própria Cidade, encontram nas fontes orais campo fértil de diálogo. Sobretudo na medida em que a História Oral privilegia percursos subjetivos, coletivos e individuais na elaboração de experiências sociais dos sujeitos. Buscando a relação entre reminiscências individuais e Memória Social, entre Memória e História, re-elaborando significados subjetivos de experiências sociais vividas<sup>21</sup>.

O trabalho com a História Oral tem possibilitado que problemáticas e temas contemporâneos ganhem lugar de destaque entre um número cada vez maior de pesquisadores que optam por problemáticas que permeiam tanto sujeitos como pesquisadores nas suas contemporaneidades. Pesquisadores que perceberam nesta perspectiva teórico-metodológica a possibilidade de realizar suas pesquisas a partir de seu próprio envolvimento e filiações com a realidade desvendada.

Possibilitando a superação de limites e dificuldades – inclusive financeiras – de acesso a acervos e arquivos pouco acessíveis. Fazendo emergir assim realidades sociais de sujeitos, de grupos específicos, de comunidades ou de classes às quais o próprio pesquisador está inserido na condição de pertencimento, militância ou de trabalhador.

Histórias de vida e trajetórias pessoais – em alguns momentos de pesquisados e, indiretamente, do próprio pesquisador – são revisitadas, articulando experiências vividas com processos sociais. Momentos significativos jamais considerados por uma perspectiva tradicionalista da História.

Sendo assim, memórias e lembranças são alçadas à condição de fontes, que, juntamente com outras, revelam perspectivas desconectadas da história e da memória instituídas. Impressões, versões e re-elaborações do vivido capaz de amalgamar conjunturas maiores, complexas e sociais.

Pontuando aspectos das trajetórias e conjunturas das vidas dos pesquisados como do pesquisador. Longe de uma pesquisa fria, mas conjunturas em diálogos, circularidade e construção<sup>22</sup>. Desvendando não resultados, mas trajetórias, incompletas e inconclusas, porém significativas.

---

<sup>21</sup> PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** In: Revista Projeto História n. 14. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC / SP. São Paulo: Edusp, 1997.

<sup>22</sup> KHOURY, Yara Aun. **A pesquisa em História Oral: Perspectivas e desafios.** Curso ministrado no Programa de Pós-Graduando em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2004.

Nos primeiros contatos com os velhos curtumeiros de Franca estabeleci diálogo com aproximadamente vinte senhores, todos com muitas histórias interessantes para contar, a vinda para São Paulo e para a cidade, o começo da vida em Franca em alguma fazenda de café e a suas vidas como curtumeiros. Foram longas conversas informais, todas em alguma Praça do Bairro de Cubatão ou Santa Rita, que muito contribuíram para a construção da problemática. Ao longo de várias idas à Franca e muitas conversas, fui definindo com quais curtumeiros iria se estreitar à pesquisa. Uma escolha difícil, cada um tinha histórias e experiências importantes, mas quase que “por um dever de ofício”, decidiu-se por dez curtumeiros inicialmente.

Priorizou-se então depoentes que suas memórias ainda recobrem um período maior de suas vidas e da experiência de ter sido curtumeiro na cidade por um longo tempo. Sendo assim, ganharam destaque então as memórias do Sr. Sebastião, do Sr. Jácomo, do Sr. Benedito, do Sr. José Elídio do Sr. José do Patrocínio do Sr. José Pereira, do Sr. Zequinha de Carlos e de Hélio.

Aos poucos os objetivos foram ficando claros para a pesquisa e para eles, que inicialmente não compreendiam qual a importância de suas histórias de vida para um trabalho acadêmico. Como poderiam contribuir? Mas não tinham dúvidas, queriam falar.

Um caso interessante foi o do Sr. Sebastião, sempre simpático e solícito, atendia em sua casa e sempre com muita satisfação, contactou vários curtumeiros, mas recusou-se a contar suas histórias. Também outro velho curtumeiro, o qual não gostaria sequer de ter seu nome revelado, apesar das várias insistências do senhor Sebastião, nunca quis falar da sua história, demonstrando profunda mágoa deste período da sua vida.

Nos primeiros contatos apresentou-me o Sr. Gabriel, curtumeiro com aproximadamente 84 anos de idade, que infelizmente logo ficou muito doente, não mais podendo falar das suas experiências.

Quase todos os depoimentos foram colhidos nas praças do bairro, sendo sempre acompanhados por outros velhos curtumeiros que cotidianamente reúnem-se ali para bater papo. Apesar de muitas conversas informais, colheu-se em média, apenas três depoimentos de cada curtumeiro dos dez que comporam a pesquisa. A construção dos mesmos não obedecia nenhuma ordem por pré-estabelecida, as perguntas fluíam nas conversas, sendo que geralmente na segunda ou terceira entrevista solicitava-se que esclarecessem as várias dúvidas que ia ficando ao longo dos depoimentos anteriores.

Por fim, algumas fotografias que registraram estes encontros e que compõe este trabalho,

têm como perspectiva registrar o momento de nossas conversas. Não coube, portanto, maiores aprofundamentos da fotografia enquanto fonte para a análise historiográfica.

Também nas primeiras visitas à Franca com o intuito de pesquisa, ao mesmo tempo em que fazia os primeiros contatos com os velhos curtumeiros, visitei o *Arquivo Histórico Municipal de Franca – AHMF* e o acervo de Processos-Crimes que este Arquivo possui. Ao folhear estes processos, fiquei impressionado ao constatar que entre os sujeitos que figuram em suas páginas nos anos de 1940 até aproximadamente 1960 há um importante número de mineiros. São casos de escaramuças entre o poder público e práticas populares consideradas ofensivas à moralidade, à urbanidade municipal ou ao código civil brasileiro de 1917.

Também visitei em algumas oportunidades o *Museu Histórico Municipal José Chiachiri*, o que possibilitou conhecer os jornais que circulavam na cidade no período pesquisado, principalmente um valioso acervo digitalizado compreendendo quatro décadas do jornal *O Francano*.

Ao mesmo tempo em que folheava alguns processos e lia várias edições do *O Francano*, percebi que embora ausentes nas representações da cidade que se buscava construir nas páginas deste jornal, estes trabalhadores e suas práticas, assim como outros “migrantes”, estavam presentes nas páginas dos processos-crimes. Aguçando assim a possibilidade de incorporar esta documentação à pesquisa.

A leitura deste jornal e dos processos-crimes permitiu tangenciar nuances da malha urbana da Cidade, sua tessitura e urdidura social, aspectos da cidade em que curtumeiros e tantos outros trabalhadores viveram e construíram suas vidas e suas memórias. Trilhar os diversos caminhos percorridos por aqueles que figuram naqueles processos, porém ausentes nas páginas do *O Francano* naqueles anos. Possibilitando delinear alguns dos lugares sociais que estes trabalhadores ocuparam, preconceitos que enfrentaram e dificuldades encontradas, mas também as alternativas que forjaram naquele momento.

Com o jornal trabalhei prioritariamente com seus editoriais, sendo que com os *processos-crimes*, apesar da enorme quantidade, optei por trabalhar com um número reduzido deles, na medida em que em suas páginas figurassem sujeitos que foram do sul de Minas para Franca no período compreendido pela pesquisa.

Sendo assim, na perspectiva de trabalhar com estes processos busco um diálogo com outros

historiadores da História Social, entre eles CHALHOUB<sup>23</sup> e GUINSBURG<sup>24</sup>, na medida em que revelaram o grande potencial que esta categoria de fonte representa como possibilidades de esmiuçar processos sociais complexos capazes de explicitar aspectos do mundo da cultura e das ações de homens e mulheres que viveram nas fronteiras de práticas legais e ilegais, aceitas ou repudiadas em suas táticas diárias pela sobrevivência.

Fontes “marginais” que durante muito tempo não despertou o interesse dos historiadores pela própria dificuldade de se trabalhar com este tipo de material, mas que possibilitam transitar do universo particular para o desvelamento de conjunturas sociais, culturais e ideológicas maiores.

Revelando sujeitos que não tiveram oportunidades de deixar suas marcas a não ser em uma documentação, que é ela própria resultado e reveladora das dificuldades, preconceitos e exclusões dos mais diversos tipos que sofreram, mas também das táticas, caminhos e brechas que souberam forjar neste processo como condição imperiosa das suas próprias sobrevivências.

Sendo assim, optou-se, entre tantas outras possibilidades, por tentar “flagrar” pequenos momentos de caminhos que se entrelaçavam com as possibilidades de ofícios e de ganhos no centro urbano da cidade, revelando nuances de práticas sociais e culturais daqueles que foram do sul de Minas para Franca naqueles anos, nas tensões e conflitos entre práticas populares, a municipalidade e seus projetos de urbanização, reestruturação produtiva e reorganização social naquele momento.

A leitura destas fontes revela também outras possibilidades de ofícios ocupados por trabalhadores na cidade, além do trabalho nas fazendas de café ou no ramo coureiro-calçadista. Emergindo ofícios como sapateiros, açougueiros, comerciantes, balanceiros, trabalhadores da Mogiana<sup>25</sup>, guardas noturnos, farmacêuticos, normalistas, entre outros.

Evidencia também que as possibilidades de melhores condições de vida e toda a propaganda da cidade visando atrair mão-de-obra em torno da economia cafeeira e, mais tarde, calçadista, tão propagada nos meios de comunicação, inclusive no *O Francano*, fazia parte, embora ambigualmente, de um processo excludente de urbanização, “reorganização social” e sistematização

---

<sup>23</sup> CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**. São Paulo: Companhia da Letras 1990.

<sup>24</sup> GUINSBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras 1998.  
\_\_\_\_\_. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras 1998.

<sup>25</sup> Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, fundada em 18 de março de 1872 chegou a ter aproximadamente 2000 quilômetros de extensão, serviu aos estados de São Paulo e Minas Gerais até 1971, quando foi incorporada à Fepasa - Ferrovia Paulista S.A. O primeiro trecho da Mogiana foi inaugurado em 3 de maio de 1875, ligando Campinas à Jaguariúna, na época Jaguary. Em 27 de agosto do mesmo ano a linha chegava à Mogi - Mirim e em 15 de novembro era inaugurado o ramal entre Jaguariúna e Amparo. O último trecho foi inaugurado em 1921, quando os trilhos da C.M chegaram em Passos-MG. Dos 2.000 km de linhas que possuía em 1922, restaram apenas 1.500 km em 1970, sendo que vários ramais foram desativados entre 1956 à 1970.

do espaço urbano da Cidade naqueles anos.

Ao delinear outras práticas, não só de trabalho na cidade, dá-se visibilidade ao imenso caleidoscópio em que homens pobres, “migrantes”, trabalhadores de diversos ofícios, se movimentavam e construía suas práticas profissionais e pessoais, embora como é comum, dificilmente vistas e reconhecidas a não ser por um “olhar” aguçado nas fímbrias destas relações.

Um olhar que considere práticas culturais e modos de vida como possibilidade de construção de identidade de classe social no sentido sugerido por Thompson<sup>26</sup>, que, na construção e identificação dos seus interesses, encontram os elementos que lhe dão unidade e o campo de forças no qual esta identidade se constrói.

Perceber o fazer-se deste grupo de velhos curtumeiros nas itinerância de práticas de ofícios e da vida entre o viver no campo e na cidade, nas representações da Cidade fronteira – fronteira entre Minas Gerais e São Paulo, fronteira entre o modo de vida mineiro e o modo de vida paulista, entre o rural e o urbano. Fronteira também entre a migração nacional e a imigração européia para o Brasil – significa valorizar a elaboração deste ofício nas rupturas e permanências das suas vidas. Trabalhando com uma temporalidade mais flexível, a temporalidade da memória, de maneira que se possibilite perceber o constituir-se curtumeiros nas estruturas de sentidos e de sentimentos destes homens.

Creio ser proveitoso tomar como estruturas de sentidos a leitura de Raymond Williams<sup>27</sup>, ou seja, as estruturas sociais onde as percepções, ações, permanências ou mudanças ocorrem. É a “estrutura interna” que permite “negociar” a formação identitária, que envolvem crenças e tradições com “interesses” imediatos e vividos.

Esta perspectiva possibilita pensar cultura e memória como campo de práticas capazes de trazer para o âmbito das reflexões históricas as ações de sujeitos comuns, que elaboram suas experiências pessoais e sociais no seu fazer-se como cidadãos em sua busca diária pela vida. Pensando cultura a partir das referências colocadas por estes autores, como relações sociais e o modo de organizar as várias instâncias do viver, o trabalho, o lazer, a religiosidade, a política, e os sentidos e significados por eles atribuídos à suas experiências.

Relações construídas, portanto, na luta e nas ações cotidianas dos sujeitos e nas

---

<sup>26</sup> THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>27</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

experiências vividas. Culturas, no plural, como campo de transformações, tensões e disputas<sup>28</sup>. E memória como inspira as leituras de PORTELLI, “*interpretações construídas pelos sujeitos em um processo ativo de criação e de significados e não como um depositário passivo de fatos*”<sup>29</sup>. Revelando importantes dimensões e significados atribuídos pelos sujeitos ao seu viver. Ganhando significado não somente os aspectos matérias em torno da vida de cada um, mas também suas relações com a subjetividade, a imaginação e o desejo de “re-significar” suas histórias como parte de uma história maior, o local, o regional, o nacional<sup>30</sup>, experiências pessoais na relação com o social.

Trabalho, portanto, com noções de memórias enquanto campo de embates e disputas entre uma memória construída e instituída por meio de instrumentos de silenciamentos — como, por exemplo, a imprensa escrita e os processos-crimes — de experiências de sujeitos sociais não pertencentes aos grupos dirigentes e formadores de opiniões, fazendeiros, industriais, comerciantes, letrados em geral, o poder público, a própria imprensa, entre outros. Memória geralmente associada às noções de progresso, modernidade e modernização em oposição a outras memórias, de homens comuns, considerados sem direitos a elas, que vivenciaram os seus marcos e as suas experiências de vida ser cotidianamente apagadas da cidade, seja por meio da especulação imobiliária, da reorganização urbana visando a criação de estruturas para o capital, ou por meio de projetos do poder público/privado. Ações que, na prática não se separam.

No Primeiro capítulo reflete-se sobre o constituir-se curtumeiros na experiência do deslocamento social do sul de Minas Gerais para a região e a cidade de Franca. Pretendeu entender a aquisição do ofício de curtumeiro na experiência do deslocamento entre o campo e a cidade, na constituição de suas próprias vidas, dificuldades e possibilidades encontradas. Compreender o que os moviam na busca de outras possibilidades de trabalho em São Paulo. O que esperavam encontrar e o que realmente a cidade ofereceu àqueles que depositaram todas as suas esperanças de uma vida melhor naquela região paulista.

Sendo assim, buscou-se pensar sobre o antes – em Minas – e o depois – já em São Paulo – em suas vidas a partir das suas trajetórias pessoais, seus trajetos, experiências, individuais e enquanto grupo social. O viver ainda nas terras mineiras, o deslocamento para São Paulo, o trabalho nas fazendas de café da região e o trabalho nos curtumes, considerando suas interpretações, sensações, sentidos e percepções deste caminhar.

---

<sup>28</sup> CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural.**, Campinas: Papyrus, 1993.

<sup>29</sup> PORTELLI, A. **Sonhos Úcrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores.** In: Revista Projeto História n. 10. Programa de Estudos Pós-graduandos em História da PUC- SP, São Paulo: Edusp, 1993.

<sup>30</sup> Idem

No segundo capítulo buscou-se transitar pela cidade por meio das páginas do jornal *O Francano*, tentando flagrar alguns aspectos da cidade que se apresentava nas páginas daquele jornal àqueles que chegavam naqueles anos. Por meio dos *processos-crimes* perscrutou-se a cidade vivida, percebendo as diversas possibilidades de caminhos por parte de curtumeiros, sapateiros, comerciários, domésticas, homens da roça, chegantes em geral. Caminhos que em alguns momentos aproximavam homens e categorias de trabalho, experiências e práticas do campo e da cidade, sonhos e perspectivas, possibilidades, discriminação, expulsões e limites.

Buscou-se pensar sobre a cidade representada nas páginas do jornal, delineando a forma como este pretendia insistentemente construir uma representação de cidade moderna tendo a cidade de São Paulo como ideal a ser perseguido, elegendo o desenvolvimento urbano e industrial como símbolos da sua modernização, em contraposição à cidade real, enfrentada cotidianamente por trabalhadores na reorganização das suas vidas. Territórios pelos quais transitaram e construíram suas experiências. Uma leitura a contrapelo, percebendo representações, preconceitos e lugares sociais pelos quais possivelmente transitaram.

O seu antes e o depois na ótica de determinados setores da sociedade francana, portanto, na forma destes grupos pensarem a cidade e seus projetos para ela, que tinham como objetivo maior a reorganização do seu centro urbano, fazendo parte deste processo a criação de um Distrito Industrial afastado do centro. Ao deslindar elementos destes projetos pretendeu-se perceber movimentos de expansão e diversificação das atividades comerciais, industriais e de serviço na cidade, nos curtumes e fábricas de calçados. Percebendo como o trabalho nos curtumes foi aos poucos se profissionalizado, deixando para trás experiências de trabalho de velhos curtumeiros.

Assim, neste capítulo a transferência dos curtumes para o Distrito Industrial, afastado do centro da cidade, ganha destaque a partir da percepção que esta mudança significou não só a vitória de pressões e projetos da elite que por meio da especulação imobiliária e projetos públicos/privados buscava afastar trabalhadores e suas práticas do centro da cidade, mas, sobretudo alterou profundamente a relação destes homens com o trabalho e com a cidade.

No terceiro capítulo buscou-se delinear processos pelos quais trabalhadores do campo tornam-se trabalhadores urbanos, em um caminhar muito próximo de processos pelos quais estes mesmos trabalhadores “tornam-se” excluídos na cidade. Revelando-se a outra “face da mesma moeda” de projetos pelos quais a cultura rural é desqualificada e desclassificada no urbano, no momento em que não mais é útil à cidade que se moderniza e se industrializa, descartando velhas formas de se viver e trabalhar próprias daquela cultura. Verificando a tentativa de transformar a

tradição do couro na região, ligada à tradição da lida com o gado, antigas rotas de tropeiros e ao trabalho com o couro, em uma nova cultura, a cultura fabril.

No quarto capítulo transita-se pela memória dos velhos curtumeiros, tentando flagrar alguns aspectos do seu viver, lembranças que revelam sonhos, ilusões, tristezas, alegrias, perspectivas e suas trajetórias pessoais na cidade naqueles anos.

Tenta-se perceber como se sentiram estes homens vendo afastar-se deles, temporal, espacial e socialmente, experiências que foram verdadeiras referências em suas vidas. *Lócus* físico e social de suas memórias em uma cidade que buscava construir seus símbolos da modernidade por meio de uma intensa reorganização urbana e industrializante. Destruindo marcos das suas memórias. Indaga também sobre os significados de continuar morando nos mesmos bairros em que no passado estes curtumes surgiram e aos quais dedicaram tantos anos de suas vidas.

Buscou, portanto, compreender as suas interpretações do seu próprio caminhar, como se vêem, no presente, naquele processo, que em determinado momento transformou-os em trabalhadores urbanos, nos anos 50 e 60 para, em seguida, já nas décadas de 80/90, excluí-los do processo produtivo, resultado da reestruturação produtiva e das transformações nas relações de trabalho que a indústria coureiro-calçadista adotou naqueles anos. Buscou perceber-los a partir de uma forma própria de se situar no presente, do seu posicionamento frente à este processo, os impasses, as lembranças, ambigüidades, contrações e esquecimentos.



# **CAPÍTULO I**

## **TRABALHO E MEMÓRIA:**

### **O VIVER ENTRE O SUL DE MINAS GERAIS E SÃO PAULO.**

**“A classe operária não surgiu como o sol, numa hora determinada. Ela estava presente em seu próprio fazer”**

**Thompson**



*Figura 1: Foto aérea da atual cidade de Franca.*

Este capítulo pretende problematizar o fazer-se no<sup>31</sup> ofício de curtumeiros, nas experiências do deslocamento de região e de práticas de trabalho de um grupo de homens que entre os anos de 1940 e 1970 dirigiram-se de algumas pequenas cidades do sul de Minas Geras para a cidade de Franca, Região Nordeste do Estado de São Paulo.

Busca-se compreender os motivos pelos quais essas famílias saíam da sua região, deixa suas relações de trabalho, de sociabilidades, parentes e amigos, enfim, o envolvimento com o lugar, em busca de outras possibilidades de trabalho em São Paulo. Como se deu para estes homens o processo de deslocamento para a região de Franca. As perspectivas e esperanças de uma vida melhor em uma cidade que experimentava importantes transformações econômicas e urbanas.

Embora o sul de Minas Gerais compreenda um vasto conjunto de cidades composto atualmente por aproximadamente 156 municípios<sup>32</sup>, estes homens saíam de algumas cidades fronteiriças com São Paulo e próximas da Região Nordeste deste Estado e da cidade de Franca, na sua maioria cidades pequenas, em que a agropecuária era e ainda é a atividade econômica mais importante<sup>33</sup>. Vinham de cidades como Ibiraci, Capetinga, Altinópolis, Claraval, Cássia, São Tomás de Aquino, Pratópolis, São Sebastião do Paraíso, São João Batista da Glória, Itaú de Minas, Fortaleza de Minas, Delfinópolis, Passos, Sacramento, entre outras.

---

<sup>31</sup> THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>32</sup> [http://pt. Wikipédia. org/wiki/Franca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Franca) – Consulta feita em 23/02/07

<sup>33</sup> GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. **Migrantes mineiros em Franca**. Série História local n. 2. Franca:



Figura2: Localização do sul de Minas Gerais no Estado

Faz-se necessário considerar também que nos anos que compreendem o período de 1940 a 1970 esta grande região mineira experimentava processos de transformações econômicas específicas e diferenciadas. Algumas cidades vivenciavam transformações no que se refere a chegada da eletrificação, estrutura fundiária, rodoviária e ferroviária, relativa modernização dos meios e das relações de trabalho no campo, conforme a proximidade de algum centro urbano da região que funcionavam como pólos irradiadores destas transformações. Cidades como Alfenas, Poços de Caldas, Três Corações, Pouso Alegre, Itajubá e Varginha.

A construção do Sul de Minas enquanto referência industrial se deu por meio das melhorias no escoamento da produção, possibilitando pluralidades de trabalho fabris ou agrícolas, que hora convidava a população comum, hora exigia sua retirada do campo. Por outro lado, é necessário lembrar que o campo era, e ainda é, a grande referência para as cidades sul mineiras, resultando em indústrias tímidas e relações trabalhistas próximas à lógica do campo.

Nas pequenas cidades limites entre a Região Nordeste de São Paulo e o Estado de Minas — portanto distante do centro do estado mineiro e destes pólos — no entanto, predominava a pequena agropecuária como atividade econômica mais importante, prevalecendo antigas estruturas, antigas relações de trabalho e reduzido crescimento populacional.<sup>34</sup>

---

Unesp, 1989.

Esta região paulista, no passado chamada de Alta Mogiana e que atualmente compreende as cidades de Ribeirão Preto, Franca, Sertãozinho, Batatais, São Joaquim, Ituverava, Orlandia, Guairá, Pontal, entre outras, experimentava desde as últimas décadas do século XIX um acentuado desenvolvimento econômico com base na expansão do café e das ferrovias e, a partir da segunda metade do XX, também da indústria.<sup>35</sup>

A cidade de Franca que atualmente ocupa uma área de 607.333 km<sup>2</sup> possui uma população de 328.121 habitantes, com uma densidade demográfica de 540.3 hab./km<sup>2</sup>. Suas atividades econômicas principais, ainda hoje, são as indústrias coureiro-calçadistas, a pecuária e a agropecuária.<sup>36</sup>

Os velhos curtumeiros com o quais dialoguei, o Sr. Sebastião, o Sr. Jácomo, o Sr. Benedito, o Sr. José Elídio, o Sr. José do Patrocínio e o Sr. Zequinha, com exceção de Carlos, e Helio, são trabalhadores aposentados, com faixa etária entre 57 e 89 anos de idade.<sup>37</sup> Homens que entre as décadas de 1940 e 1970 deslocaram-se de algumas pequenas cidades do Sul de Minas Gerais para Franca. Ainda vivem nos mesmos bairros e em torno de algumas construções que no passado foram os locais nos quais trabalharam a maior parte de suas vidas: os curtumes do bairro Cubatão, Vila Santa Rita, Bairro São José, Vila Samello e Vila industrial.

---

<sup>35</sup> O avanço do café na chamada Alta Mogiana ocorreu a partir de 1870, em momento propício à sua expansão, favorecido pelo aumento do consumo e pela alta dos preços internacionais. Fazendeiros e o próprio Estado investiram pesadamente na lavoura cafeeira, gerando enriquecimento notável da região e da São Paulo. A primeira metade do século XX em Franca caracteriza-se pela criação e expansão das principais indústrias da cidade. Muitos dos novos empresários eram pequenos artesãos que possuíam um pequeno negócio ou mesmo imigrantes que, nos finais de semana, se dirigiam para o centro urbano a fim de venderem sapatos e botinas que fabricavam nas horas de folga. PRADO; BRIOCHI, Lucila (org.). Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000

<sup>36</sup> [http://pt. Wikipédia. org/wiki/Franca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Franca) – Consulta feita em 23/02/07

<sup>37</sup>

É o caso do Sr. Jácomo Guazelle, nascido na Fazenda Três Porteiros / Franca em 1



Figura 3: Localização da cidade de Franca no estado de São Paulo.

Neste processo, geralmente excludente, em que trabalhadores rurais tornam-se trabalhadores urbanos, perscrutou-se o seu fazer-se curtumeiros nas experiências de viver entre o campo e a cidade, nas negociações e tensões entre necessidades, opções e resistências. E assim vislumbrou nuances das diferentes formas de relações e exploração do trabalho de região para região, no campo e na cidade, na constituição de suas vidas. Sondou os “caminhos percorridos” por estes trabalhadores, na itinerância de práticas de trabalho e de regiões, na aprendizagem de um ofício na cidade, no seu fazer-se como curtumeiros. O que significou pensar sobre as suas vidas em Minas, a mudança para São Paulo, o trabalho nas fazendas já em Franca e nos curtumes da cidade. Buscando a “percepção que os trabalhadores urbanos que compõem determinados segmentos, são, em grande medida, trabalhadores rurais que, em algum momento significativo de suas vida se deslocaram para a cidade e neste novo espaço enfrentaram cotidianamente um longo processo de lutas por direitos, espaços e dignidade”<sup>38</sup>.

Para estes segmentos, o tornar-se trabalhador na cidade, aprender um ofício, fazer parte de uma categoria de trabalho, significa enfrentar processos em que não se separam trajetórias pessoais, a relação com os locais em que constituíram suas vidas - seja o campo, seja a cidade - e novas experiências de trabalho.

Esta percepção por parte do historiador possibilita pensar que os trabalhadores se formam ao longo de suas próprias vidas e das experiências por eles vividas. Desenvolve e aperfeiçoa o seu

<sup>38</sup> SILVA, Márcia Resende. **Carregadores de Mercadorias: memórias e lutas. Uberlândia, MG, 1970 – 2000.** Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ofício,<sup>39</sup> no enfrentamento e na relação - sempre tensa - entre suas necessidades e os interesses da produção. Possibilidades e opções pessoais “cavadas” em determinados momentos e em diferentes lugares.

Sendo fundamental considerar também que o fazer-se<sup>40</sup> trabalhadores urbanos de várias gerações de curtumeiros na região está fundamentalmente ligado às práticas com o trabalho com o gado. Explicitando a relação com o campo e com a pecuária na região mineira e o trabalho com o couro nos curtumes na região paulista. Pontuando momentos em que o processo manufatureiro com o couro — assim como em outros ramos — não significava exclusão, mas ao contrário, ressaltava permanências culturais que se faziam presentes e importantes em processos produtivos em que o homem do campo e seu saber-fazer ainda tinha um lugar.

E, se nos anos 80/90, os velhos curtumeiros são excluídos destes processos, agora automatizados, naquelas décadas identificavam-se práticas de trabalho no campo — próprias da cultura rural - e o curtume. Orientando sentidos em suas vidas: a cultura da lida com o couro ligado à cultura da lida com o gado.

Sugerindo que as lembranças não são apenas exposições da memória, mas um olhar através do tempo, que ao reconstituir e decifrar permite a passagem de um momento a outro e a visualização de tempos múltiplos,<sup>41</sup> há em suas recordações um ir e vir constante entre os vários momentos vividos: o viver ainda em Minas, o deslocamento, novas relações com trabalho, pontuadas pelo tempo das festas e da religiosidade já nas fazendas na região de Franca; passando para outro momento, no núcleo urbano da cidade e do trabalho nos curtumes.

Os curtumeiros mais velhos com os quais dialoguei, o Sr. Benedito, Sr. Sebastião, Sr. José Elídio e o Sr. José do patrocínio, homens que se deslocaram para a região paulista entre os anos de 1940 a 1950, ao reconstituir suas experiências de vida e de trabalho trazem em suas memórias momentos da vida ainda nas terras mineiras onde moraram, destacando-se aspectos das condições de trabalho, as dificuldades cotidianas e as poucas possibilidades de ganhos.

Mesmo se deslocado de cidades diferentes e em diferentes momentos, suas lembranças revelam a convicção de que ao longo dos anos a realidade na região mineira — principalmente as mudanças nas relações de trabalho — alterava-se muito lentamente, sendo marcantes em suas

---

<sup>39</sup> HOBSBAWN, Eric J. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

<sup>40</sup> \_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>41</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Artes da memória: fontes orais e relato histórico** In: *História e Perspectivas*. n. 23, Uberlândia, EDUFU, 2000.

memórias as “vantagens” nas vizinhas cidades paulistas.

A História Social e especificamente a História Oral, ao trabalhar prioritariamente com memórias e narrativas de trabalhadores, vem contribuindo para a politização do ofício do historiador como meio da luta contra o apagamento de memórias de sujeitos geralmente ausentes em uma historiografia que, até os anos 80, trabalhou com noções de progresso, industrialização e urbanização na construção de temáticas, recortes e problematizações. Contribuindo assim para o desvendamento de processos pelos quais memórias pretensamente hegemônicas são instituídas.

Estas perspectivas colocam para o historiador do presente novas possibilidades de investigações antes difíceis pela inexistência de fontes, preocupando-se mais com experiências sociais vividas e vivenciadas por homens comuns na constituição de suas próprias vidas.<sup>42</sup> Neste caminhar a documentação oral tem sido produzida como possibilidade de se trabalhar com temáticas contemporâneas e aproximar-se de sujeitos e grupos sociais cujas práticas não estão registradas nas fontes tradicionais, escritas ou iconográficas. Cabe então, pensar Cultura, Trabalho e Memória como categorias sociais e campo de análise capaz de articular experiências, significados e significações como processos sociais constitutivos de diferentes e específicos modos de vida e práticas de trabalho.<sup>43</sup> Elementos constituintes de processos sociais pelos quais sujeitos comuns constroem suas relações em um combinado de possibilidades, tensões e limites com outros sujeitos sociais e diante de outras dificuldades. Possibilitando aos sujeitos envolvidos reflexões sobre suas próprias experiências e práticas, cabendo ao historiador — na construção das problemáticas e escolhas dos processos sociais a ser desvendados — estar atento as relação de poder ai presente.<sup>44</sup> Diálogo da “seleção da memória” de cada um, das articulações do historiador a partir dos seus objetivos, da sua compreensão dos processos sociais investigados, das conjunturas, temas e temporalidades ao seu dispor.

Portanto, ciente dos limites, resultantes das minhas próprias limitações frente a este leque de possibilidades, e tendo claro a impossibilidade de capturar toda a riqueza e complexidade que o trabalho com memórias pode oferecer quanto às trajetórias de vida destes sujeitos, opto por trabalhar com narrativas que recobrem suas experiências de trabalho.

---

<sup>42</sup> FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e História Social: historiografia e pesquisa**. In: Revista Projeto História n. 10. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC / SP , São Paulo: Edusp, 1993.

<sup>43</sup> Idem

<sup>44</sup> Ibidem



*Figura 4: Mapa localizando a Região Nordeste do estado de São Paulo.*

Ao tentar encontrar e ao mesmo tempo “situar” os velhos curtumeiros na Região Nordeste do Estado de São Paulo no período pesquisado, logo alguns desafios — nem todos resolvidos — relativos às articulações dos processos vivenciados pelos narradores com a complexidade de conjunturas econômicas e sociais do território em que construíram parte importante de suas vidas se apresentaram, tornando-se imprescindível entender suas estruturas de vida, trabalho e lazer localizando-os dentro de um universo cultural múltiplo e fragmentado.



Figura 5: Cidades que compõe a Região Nordeste do estado de São Paulo.

Trata-se de uma região em que processos econômicos, modos e relações de trabalho se desenrolaram de forma intensa, e, por vezes, contraditórias em relação a noções de desenvolvimento, em curtas temporalidades. Resultado de conjunturas recentes, como a expansão da lavoura cafeeira, processos de industrialização e urbanização, planos políticos/econômicos dos governos autoritários dos anos de 1960 e 70, mas também de processos ligados à tradição coureira da região, que remete mesmo aos séculos XVII e XVIII<sup>45</sup>.

45

Período em que dois fatores principais concorreram para explicar o êxito da atividade local do artesanato com o couro. Primeiro a posição geográfica da região, que possibilitou a formação de destacado entreposto comercial, distribuidor de gado, sal e outras mercadorias para viajantes que se dirigiam para o Brasil Central por meio da Estrada dos Goyases. Segundo, uma significativa atividade de criação de gado na região, estimulando as atividades voltadas para o uso do couro, formando no núcleo urbano intensa atividade de produção de selarias. Na segunda metade do XIX artesãos locais, produziram além de selas para montarias os chamados sapatões, bastante utilizados entre os trabalhadores rurais aproveitando o potencial da região fronteira e a disponibilidade de matéria local. A maioria das pesquisas sobre este processo afirma que a partir de 1850 documentos da época já registravam 17 oficiais de sapateiros, passando para 32 em 1865. Por volta de 1855 foi criado na cidade o primeiro curtume, denominado Cubatão. Ao final do XIX a expansão ferroviária foi outro estímulo para as atividades manufatureiras com couro na cidade, mas a produção ainda guardava características artesanais. O início do XX marca o início das atividades manufatureiras com couro em Franca. Em 1910, já haviam 18 fábricas de calçados na cidade. Em 1921 foi fundada a empresa pioneira, a Calçados Jaguar, com processo maquinizado, com máquinas vindo da Alemanha.

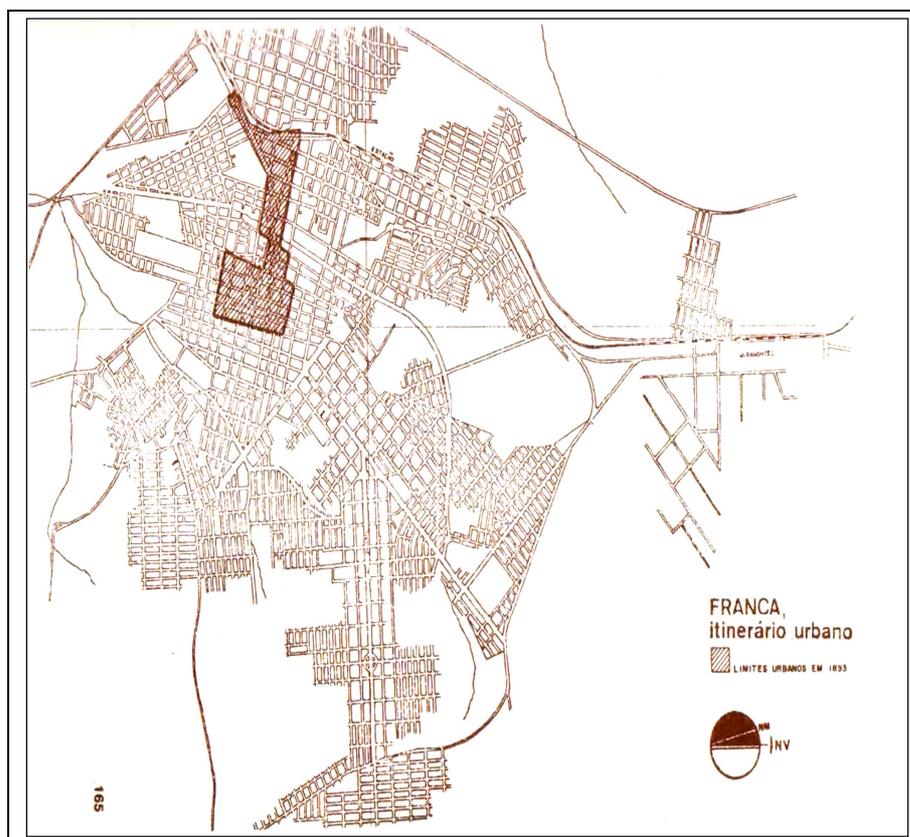


Figura 6: Limites urbanos da cidade em 1893.<sup>46</sup>

Em suas narrativas fica claro que a decisão de mudar-se para a região de Franca estava associada às possibilidades de melhores perspectivas de vida, entendidas como maior oferta e melhores contratos de trabalho, melhores formas de remuneração, possibilidade de moradia, escolarização para os filhos, entre outras “melhorias”, que algumas cidades do nordeste paulista, principalmente Franca e Ribeirão Preto prometiam naqueles anos.<sup>47</sup>

<sup>46</sup>

FERREIRA, Mauro. **Franca itinerário Urbanos**. São Paulo Laboratório das Artes, 1983.

<sup>47</sup>

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (orgs.). **Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000.



*Figura 7: Sr. Benedito em frente à casa que residiu durante 30 anos e que atualmente funciona a sua oficina de máquinas.<sup>48</sup>*

Sr. Benedito mora no bairro de Santa Rita há aproximadamente 30 anos. Com família constituída em Franca, seus três filhos concluíram cursos superiores. Atualmente aposentado, mantém uma oficina de máquinas no seu quintal - montada na primeira casa em que morou no núcleo urbano da cidade - como forma de aumentar a renda mensal. Relembra momentos de sua vida nas terras mineiras:

*“Porque em Minas é aquele negócio daquele serviço esquisito, caboclo trabaia o ano inteiro vai acertar no fim do ano e sempre fica devendo o patrão, né. Quando eu vim pra fazenda foi duro, foi muito duro porque eu cheguei pra cá, eu vim do Rio Grande do Sul, cheguei lá (em Minas) minha família tava mal em Minas. (Em Minas) Não é empregado, eles chama de agregado, que o cabra ele faz a casa na propriedade do outro e ele trabaia ali quando ele precisa, né, quando ele não precisa ele trabalha pra quem ele quiser ué, ele pranta um pouco pra ele né. Mais o que acontece, na época lá o serviço de roça era pouco. Então trabaivava seis meses, seis meses ficava meio sem serviço negociando, ai ficava negociando cavalo, foi ai que eu aprendi mexer com esse negócio de boi de corte,*

*essas coisas foi por causa disso né. Porque o veio (seu pai) lá em casa era exigente. Ficasse a toa dentro de casa ele começava a ratear. Eu pegava um cavalo e saia comprando galinha, comprando porco, comprando (...) Eu sabia que ( em São Paulo) era melhor porque o véio meu pai, ele era de Minas, ele não saia de lá, e eu viajava muito (inclusive para o Rio Grande do Sul) né, eu andava comprando boi, né? Era comprando boi, amansando cavalo, então eu sabia o regime daqui do Estado de São Paulo e de Minas era diferente né, porque em Minas era recebido dinheiro no fim do ano. E no Estado de São Paulo recebia todo mês, depende trabaiá, né?”*

A sua narrativa contribui para a explicitação dos sentidos de deslocamentos de velhos curtumeiros, pois, embora se fizesse presentes promessas e representações de melhores condições de trabalho, buscava-se uma região com fortes contornos rurais e com uma tradição de trabalho que tinha sentido em suas vidas, o trabalho com o couro.

Em Franca o Sr. Benedito trabalhou muitos anos na Fazenda Palmital, onde continuou morando mesmo após a morte de seus pais. Também foi na fazenda Palmital que conheceu sua esposa e se casou em 1955.

Na sua trajetória de vida também se destacam as lembranças dos anos em que viveu nesta fazenda, sendo importante considerar que mesmo tão jovem, e não sendo o chefe da família, foi ele que tomou a decisão de mudar-se com todos para São Paulo. Foi o filho que se dispôs a vir porque o pai já estava em uma idade difícil para enfrentar mais este desafio sozinho. Para o Sr. Benedito, além da juventude — fator importante para o trabalho nas fazendas paulistas da região — a sua experiência de trabalho sazonal fez com que sua decisão fosse aceita por todos da família.

Ele, assim como seu pai, sabia que o trabalho familiar era valorizado nas fazendas cafeeiras de São Paulo, pois embora fosse comum a contratação de mão-de-obra sazonal, a presença de famílias como colonos nas fazendas significavam muitas mãos trabalhando. Para o fazendeiro o colonato era mais lucrativo que o trabalho assalariado “puro”, pois as roças de subsistências reduziam o custo com a mão-de-obra. Outras estratégias, como dar preferências para grandes famílias também eram adotadas.<sup>49</sup>

Revela também tensões entre o viver em relações de trabalho consideradas por ele como

---

48

Fotografia tirada pelo autor em 03/07/2004.

49

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (orgs.). **Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000.

“*esquisitas*”, sem a propriedade da terra para plantar, poucas possibilidades de ganhos, trabalho remunerado apenas sazonalmente e o constante endividamento com o patrão.

Ao referir-se às práticas de trabalho na região como *trabalho esquisito*, revela elementos de insatisfação e discordância em relação àquelas práticas. Descontentamento com a exploração sofrida, sobressaindo-se o desejo de melhores condições e contratos de trabalho fixos. Desejo comum a todos aqueles que tiram o sustento diário nas mudanças e improvisações da vida e de práticas de ganhos.

O contrato de trabalho praticado em São Paulo e que, *grosso modo*, vigorou nas fazendas paulistas a partir de 1880 foi o colonato, sistema misto de remuneração por tarefa e por medida colhida, no qual o fazendeiro responsabilizava-se pelos gastos dos trabalhadores durante o seu primeiro ano na fazenda, cedendo um pedaço de terra para o cultivo de produtos de subsistência, bem como a criação de alguns animais.<sup>50</sup>

Narrativas que aproximam experiências de homens comuns que saíam de antigas áreas rurais sul mineiras próximas a São Paulo e buscavam neste Estado melhorias nas condições de vida entre os séculos XVII e XVIII<sup>51</sup>. Experiências vivenciadas também na constante expansão e retração da cultura do café e da agropecuária na Região do Nordeste Paulista e adjacências a partir da segunda metade do XIX e início do XX.

Em suas memórias pairam momentos marcantes do deslocamento, das suas trajetórias e do trabalho nos diferentes estados em que constituíram suas vidas. A esperança de melhores condições de trabalho nas fazendas de café em São Paulo, com contratos e relações de trabalho entendidas por eles como melhores que no Sul de Minas Gerais. Trajetórias pessoais articuladas com conjunturas sociais enraizadas mesmo no histórico e desigual desenvolvimento econômico das diversas regiões do país<sup>52</sup>.

As recordações do Sr. Benedito remetem-se ao tempo em que trabalhava como agregado ainda nas pequenas cidades do Sul de Minas próximas a São Paulo, à escassez de trabalho nas terras desta região e a outras relações de trabalho, revelando a mobilidade que este sistema podia

---

<sup>50</sup> Idem

<sup>51</sup> Maria Odila Leite da Silva Dias informa que nesta região e período, “os homens livres destituídos de propriedades viviam em trânsito. A lavoura de subsistência implicava trabalho em determinadas épocas do ano e disponibilidade em outras. As referências às migrações sazonais dos trabalhadores assomam com relativa frequência nos relatórios de Presidentes de Província. Em Minas Gerais os homens livres migravam para a Zona da Mata e o Vale do Paraíba e, ao chegar a época da semeadura voltavam para os municípios de origem, na região centro sul da província. Também em São Paulo estocavam-se temporariamente de suas lavouras, procurando trabalho nas regiões de fronteiras, nas fazendas de café, nas lavouras de açúcar. As regiões de Uberaba, da Mogiana e de Franca a Mogim Mirim recebiam migrantes das áreas de criação de gado do Sul e Minas Gerais (Pouso Alegre, Campanha, Aiuruoca)”

<sup>52</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva, **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2001.  
SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

proporcionar ao possibilitar o exercício de outras atividades de ganhos como - em sua experiência - amansar cavalos e o negócio com animais.

Sendo importante salientar também que para os velhos curtumeiros, o trabalho com animais foi fundamental para a aprendizagem da lida com o couro. Experiência e conhecimento socialmente construídos e socializados com a lida com bovinos, o qual, por aspectos diversos nas diferentes regiões do país, transformou-se, ao longo dos séculos, em possibilidades de ofício.

O Sr. Sebastião, o Sr. Elídio e o Sr. José do Patrocínio saíram da região mineira na segunda metade da década de 1950. Mas também eles relatam momentos de dificuldades nas pequenas cidades mineiras, pontuando permanências de relações de trabalho ainda alicerçadas no trabalho sazonal, entre outras dificuldades.

Entre os anos de 1950 a 1970 aquela região mineira experimentava processos de concentração de terras, diminuindo o número das pequenas propriedades como decorrência do aumento das grandes plantações. Processo este resultado da expansão da lavoura cafeeira para o sul e sudeste de Minas Gerais, forçando um grande número de famílias a vender seus pequenos sítios e se mudar para outras regiões do país, acentuando a diminuição populacional daquelas pequenas cidades mineiras<sup>53</sup>.

Sr. Sebastião<sup>54</sup>, que nunca permitiu a gravação de nossas conversas, mudou-se para o município de Franca em 1956, ainda jovem. Recém casado, saiu da cidade de Cássia, MG, acreditando poder “*ganhar mais dinheiro*” na região paulista. Relata que a escassez de trabalho em Minas naqueles anos foi um dos motivos de sua mudança. Ele trabalhou muito tempo como agregado naquela região mineira, mudou-se para Franca após informações de conhecidos que lhe mandavam notícias sobre as possibilidades de trabalho em São Paulo.

Em suas narrativas, na maioria das vezes a caminho da casa de outro velho curtumeiro ou dirigindo-se ao prédio em que trabalha como porteiro, pontuou as suas experiências de trabalho em Cássia, onde trabalhou com gado e “*fazendo roça nas terras dos outros*”. Apesar de gostar da região mineira, sua terra natal, destacou momentos de dificuldades, pontuando a tranqüilidade do trabalho e a saudade das relações pessoais deixadas para trás, destacando as poucas possibilidades de ganhos naquela região. Revelando um combinado de fatores determinantes para a mudança, entre os quais a proximidade das duas regiões e o fato de possuir vários amigos em Franca, com os quais sabia que poderia contar.

---

<sup>53</sup> BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (orgs.). **Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000.

<sup>54</sup> Opto por não revelar o seu sobrenome, uma vez que não gravamos nossas conversas.

Memórias, lembranças e narrativas sinalizando processos sociais pelos quais um grande número de homens do campo é socialmente expulso das terras em que vivem por falta de trabalho e condições de vida, processos estes alicerçados na expropriação do trabalhador rural do direito à posse da terra, forçando-os à procura de trabalho em outras regiões do país.

Mementos específicos e próprios de cada região e momento histórico, visando, por parte do capital, formas mais eficazes de exploração das terras, do trabalho e da mão-de-obra, geralmente impondo novas formas de produção, levando à mecanização no campo, destruindo formas mais simples de exploração da terra e do trabalho que ainda permitiam a sobrevivência e a permanência no campo mesmo daqueles que não tinham terras próprias para plantar. Impondo a venda dos pequenos sítios - condição para a formação de grandes fazendas - e a adoção de novas técnicas e formas de trabalho, conseqüentemente, forçando o deslocamento dos trabalhadores rurais da região.

Enquanto processo social excludente, a expulsão do homem do campo remete ao exemplo clássico da *Lei Negra*<sup>55</sup> inglesa, analisado por Thompson. No Brasil esse processo se acirrou a partir da *Lei das Terras* de 1850, que impôs o fim do regime das posses livres e estipulou a propriedade da terra apenas por meio da compra coordenada pelo Estado.

Entre outros objetivos, esta lei, no Brasil, pretendia deter o processo de apropriação livre mediante a posse da terra em um momento que se consolidava o trabalho “livre” e a chegada de trabalhadores estrangeiros, cujo destino era o fornecimento de força de trabalho às lavouras de café. Evidente que ao outorgar ao Estado o direito de fixação de preços e venda destas terras, esta lei, por meio dos cartórios e outros expedientes “políticos”, próprios das relações e interesses público-privados, possibilitou todo tipo de manobra por parte dos setores dominantes para impedir que estas terras se tornassem de acesso aos pobres e despossuídos de terras e moradia em geral.

Outro velho curtumeiro, o Sr. José Elídio, também aposentado, mas que faz pequenos “bicos” para complementar a sua aposentadoria, ainda reside no bairro de Cubatão e no mesmo galpão que no passado abrigou o curtume Progresso, curtume em que trabalhou durante anos. Foi olhando para as velhas ruínas da antiga instalação deste curtume, como que vendo o seu próprio passado passar diante de si, que o Sr. Elídio narrou as suas memórias.

---

<sup>55</sup> THOMPSON. E. P. **Senhores e Caçadores**. São Paulo: Companhia da Letras.



*Figura 8: Sr. Elídio em frente ao Curtume Progresso onde mora<sup>56</sup>.*

Sr. Elídio nasceu em 10 de setembro de 1924, em Minas, mas seu pai também se mudou para Franca quando ele ainda era muito jovem:

*“... isso eu num lembro que na época em que eu nasci, a fazenda onde eu nasci ( em Minas) chamava...., e lá nós morou lá muito tempo, molecção e tal, ai papai arrumou serviço pra nós lá na fazenda do nhonhó Jacinto né, (fazenda ) Santo Antônio (em Franca) , ai fomos pra lá rapaz, fui pra lá molequim, saimo de lá rapazim já. Lá nos ficamos 12 anos.”*

A mudança para São Paulo no final da década de 1950, também para a família do Sr. Elídio, só foi possível após ter conseguido trabalho em fazendas da região Francana. Do trabalho nas terras em que morou em Minas o Sr. Elídio tem poucas lembranças:

*“Ah, aquilo era mexer com roça, o patrão tinha lá um gadinho de leite...tinha de fazer de tudo sô, mas o principal mesmo era mexer com aquele gadinho (... )”*

Entre as décadas de 1940 e 1950, as informações sobre a região paulista chegavam até as terras mineiras através de cartas ou por meio do retorno de amigos e parentes, informando sobre as

possibilidades de trabalho na região. È também o Sr. Elídio quem relata aspectos deste processo:

*“(...) ah, eu sei que aquele causo chegava lá, a gente ficava sabendo que cicrano tinha vindo, que fulano tinha vindo... todo mundo vinha...quem num queria viver um pouquinho melhor sô ?”*

Outro velho curtumeiro, o Sr. José do Patrocínio, também aposentado e morando no bairro de Santa Rita, 57 anos de idade e atualmente trabalhando no Sindicato dos Curtumeiros da cidade, saiu da cidade de Pratápoles para Franca no início da década de 1960:

*“ Ah, eu acho que era mais ou menos fim de 61...62...a gente ouvia muito falar que aqui tinha mais imprego. Então a gente pensava assim, aqui (em Minas) tá ruim, as fazendas estão precisando de gente lá... sabe ? (...)”*

Sr. José relata que quando se mudou para Franca, juntamente com seus pais e mais seis irmãos, também almejavam melhores condições de vida. Recorda-se que seus pais trabalharam muitos anos como agregado em “*terras dos outros*”, o que, segundo ele, “*não dava camisa pra ninguém*”:

*“Aquilo era serviçiiinho pouco. Lá tinha algum gadinho pra cuidar, um capinzinho pra carpir, sabe, mais num saia daquilo. A gente ouvia falar muito daqui”*

Da vida em Pratápoles e a mudança da sua família para Franca tem poucas recordações, mas lembra-se do que seu pai relatava:

*“Ah, que Minas naquele tempo era mais difícil né, pra procurar melhora né, colocava os trem no caminhão né, e dizia vamos pra são Paulo. Que os mineiros fala todo o estado de São Paulo é São Paulo, eles num especifica cidade né. (...) Pouco dinheiro né, meu pai contava, lá passava fome. Meu pai minha mãe, meus...que tenho mais seis irmão, que eu sou o terceiro né. Então a vida era muito difícil, isso eu lembro, a gente era muito pequeno, mas isso eu lembro, nem roupa tinha. Depois de eu formado, trabalhava na roça, as vezes tomava chuva então chegava em casa só tinha aquela roupa e uma outra. Se a outra tivesse molhada tinha que tirar a roupa enquanto a mãe secava no fogão.”*



*Figura 9: Sr. José do Patrocínio no Sindicato dos Curtumeiros, local em que trabalha<sup>57</sup>.*

GARCIA<sup>58</sup>, que em sua pesquisa também sondou o deslocamento de trabalhadores mineiros para a cidade de Franca no mesmo período aqui pesquisado, informa que a maioria das famílias que se dirigiram para a cidade neste momento era composta por trabalhadores ou pequenos proprietários rurais que exploravam suas terras com o trabalho familiar e que viviam próximos, nas pequenas cidades do sul de Minas Gerais.

Alguns depoimentos colhidos pelo autor são bastante significativos por revelar nuances do viver ainda naquelas cidades mineiras.

Entre eles o depoimento do Sr. Jerônimo:

*“A gente mexia com cana, carro de boi, curral, roça lá em Minas. Nós tocava isso tudo. Tocava engenho de cana, fazia açúcar, melaço (...) Naquele tempo num tinha assim como hoje, nós mexia com cana direto, não tinha ‘muck’,*

---

<sup>57</sup> Fotografia tirada pelo autor em 03/07/2004.

<sup>58</sup> GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. **Migrantes mineiros em Franca**. Série História local n. 2. Franca: Unesp, 1989.

*não tinha caminhão e estas coisas. Era puxado tudo no carro de boi. Então a vida nossa era essa, era moer cana, trabalhar na roça, na enxada, no machado, na foice, cortando cana no podão (...).”<sup>59</sup>*

Entre os vários aspectos da vida destes trabalhadores nas pequenas cidades do sul de Minas analisados por GARCIA, destacou-se o sistema de mutirão como possibilidade de organização do trabalho de forma coletiva no enfretamento das dificuldades comuns à todos:

*“O mutirão é assim: o povo juntava tudo e você “as vezes tava com uma lavoura, uma roça precisando capinar. Então você chamava: tô precisando fazer lá uma ranças, um adjutório e preciso de você pra me dar uma mão lá mundo ia de sábado. Então todo mundo ia, deixava de ir uma capina aquele dia e dar um adjutório pra ele lá. Limpava aquela roça, o arroz, capinava tudo. Quando era de noite, dançava a noite inteira. Trabalhava dado, capinava tudo. Juntava uns trinta ou cinqüenta homens. Então dava almoço, dava janta, dava merenda pra limpar a lavoura. Muitas vezes ele não tinha dinheiro pra ajustar companheiro e não achava companheiro pra tocar, pra ajustar. Então fazia aquilo mesmo, pedia adjutório (...).”<sup>60</sup>*

Em sua pesquisa, o autor também percebeu que a perspectiva de melhores condições de trabalho, melhorias nas condições de vida, escolarização dos filhos, bem como a possibilidade da casa própria, estavam entre os motivos do deslocamento para a região paulista naquelas décadas:

*“Não tem nem que vê. Aqui você trabalha na sombra. Na roça você tem que enfrentar sol e chuva. Aqui em todos os casos você trabalha na sombra. É outro clima pra trabalhar (...) Aonde que a maioria do povo logo que os filhos vão crescendo eles vem embora para Franca. Aqui em Franca tem mais gente de Minas que os próprios paulistas mesmo.”<sup>61</sup>*

Para os velhos trabalhadores rememorar e narrar não é reviver, mas refazer, re-significar, reconstruir e repensar o passado a partir do presente.<sup>62</sup> Assim, as suas narrativas foram sempre pontuadas pelo tempo móvel da memória. Marcadas por lembranças de alguns momentos da vida ainda no sul de Minas, das representações que faziam das terras paulistas a partir das informações e propagandas que por diferentes meios chegavam até eles, e pelas várias transformações que

---

<sup>59</sup> Depoimento do sr. Jerônimo. Sobrenome não revelado. In: Garcia. Op. Cit.

<sup>60</sup> Idem

<sup>61</sup> Depoimento de D. Saula. Sobrenome não revelado. In: Garcia. Op. cit.

vivenciaram na região paulista no constituir-se curtumeiros na cidade.

Embora as suas memórias recobrem, como que em uma colcha de retalhos, um longo período de suas vidas, suas narrativas ganharam mais força e intensidade quando narraram suas experiências de trabalho e de vida nas fazendas já no município paulista.

As diferenças entre os regimes de trabalho praticados na região mineira e em São Paulo, o desejo de deixar a condição de agregado em Minas, a remuneração por produção, por tarefas, ou por um combinado dos dois, colocavam-se como possibilidades muito atraentes para todos. Estas possibilidades, mesmo que difíceis, reforçavam a representação do Estado de São Paulo e, conseqüentemente também da região do Nordeste paulista como a terra do progresso e do trabalho.

As trajetórias e experiências dos velhos curtumeiros, constituídas na itinerância de regiões, de práticas de trabalho e ganhos, acenavam para a necessidade da constante reorganização da vida. Reorganização comum àqueles que não tinha terras próprias para plantar nas várias regiões do Brasil naqueles anos. Seus depoimentos tangenciam também importantes táticas de famílias pobres em suas labutas diárias pelo sustento. Vestígios do cotidiano de homens comuns que adquiriam um ofício em constantes processos de deslocamentos sociais entre o campo e a cidade, no permanente redimensionamento das suas vidas. Experiências vividas por sujeitos pobres e itinerantes na primeira metade do XX.

Movimento de deslocamento que tem raízes sociais fincadas na tradição de deslocamentos sazonais já presente na consolidação do trabalho livre no Brasil. Possibilidades de sobrevivência e relativa autonomia cavadas na diversidade de práticas de ganhos de região para região, que se ampliavam com o crescimento do processo de urbanização em várias regiões do país desde os fins do século XIX e primeira metade do XX. Processo este em que, como sugere DIAS, a itinerância e a aprendizagem de um novo saber-fazer ganhavam importância crucial para homens e mulheres pobres na constituição de suas vidas.<sup>63</sup>

Trajetórias que apontam para o fato do deslocamento social ser uma constante na experiência de vida das populações pobres no Brasil devido às condições de desigualdade e de exploração diferenciada do trabalho às quais os trabalhadores do campo têm sido submetidos. Destacar as diferenças sociais, regionais, mas também pessoais e individuais que marcam tais experiências significa repor um importante “caminho” pelo qual trabalhadores do campo constituem-se em trabalhadores urbanos na cidade.

---

<sup>62</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

<sup>63</sup> DIAS, Maria Odila da Silva. **Cotidiano e Poder**. São Paulo: Brasiliense 2001.

O Sr. Benedito, assim como os demais velhos curtumeiros, naquele momento de sua vida valorizou a busca por mais segurança em outras formas e relações de trabalho com contratos já mais próximos do trabalho assalariado.

*“Tinha uma carteira (em Franca), que chamava carteira patronal, uma carteira...ela só explicava o que o cara fazia e coisa...e numa fazenda, igual ali (fazenda Palmital) que tinha quarenta e cinco famílias, tinha umas cinco ou seis famílias registrado, então se um ficava doente, qualquer coisa, então vinha o seguro em nome daqueles que tavam registrado. Tinha cinco pessoas registrado, mais não tinha o nome, era só o ....então aquele que precisava, porque o fazendeiro também, se ele fosse pagar pra todo mundo, quarenta e cinco famílias. Família grande, se ele fosse pagar um por um ele não agüentava né.”*

Seu depoimento revela, entre outros aspectos, também a forma dúbia como se davam as relações patronais naquele momento, incorporando a fala do patrão, justificando atitudes patronais quando estes criavam estratégias, provavelmente amplamente praticadas, para não registrar, contabilizar e remunerar devidamente todos os empregados das fazendas. Explicitando que as “vantagens” dos contratos de trabalho tão anunciadas em São Paulo estavam submetidas às diversas estratégias por parte dos fazendeiros objetivando dificultar conquistas e aumentar seus ganhos.

Embora se saiba que a instalação das colônias nas fazendas paulistas obedecia à estratégias que visavam facilitar tanto a rotina de trabalho como a vigilância, chegando mesmo a separar colônias de imigrantes e colônias de trabalhadores nacionais, o Sr. Benedito guarda boas recordações deste momento de sua vida. Lembrando mesmo de outras relações com o trabalho. Relações que possibilitava o cuidado com o café articulado com o cultivo de pequeno plantio de subsistência, com a sociabilidade rural, a fartura, as festas, a religiosidade e o lazer. Sendo ainda marcante em sua fala a representação de São Paulo como terra do progresso associado ao empenho individual no trabalho.

*“Como colono... a vida era até muito boa, porque tinha uma colônia né. Uma... era uma... (fileira) de casa, igual fosse uma rua, e aquele pessoal era tudo amigo né. Ali tinha aquelas festinhas, aquelas brincadeiras de dança que a rapaziada gosta. Tem uns boteco lá, precisando beber uma cachaça lá tem....Outros vendia doces, na colônia. Então aquilo ali, tinha uns que vivia bem, o outro mal, que nem todo homem tem a mesma cabeça né. Porque lá (nas colônias) a terra era igual e o quintal era igual, o tanto de serviço era igual, o*

*tanto de plantar era igual, mas tinha uns muito bem e outros mal pra danar.”*

Compreendendo cultura a partir das referências colocadas por Thompson<sup>64</sup>, como os modos de organizar as várias instâncias da vida, o trabalho, o lazer, a religiosidade, entre outras referências, e os sentidos atribuídos a estas experiências pelos sujeitos que as vivenciaram. E memória como campo capaz de trazer à tona tensões e disputas, significados e antagonismos, seu depoimento revela resistências, acomodações e conformismos presentes no complexo universo das relações de trabalho e de classes:

*“Porque tinha o mangueiro pra todo mundo criar mas tinha uns que não criava. Tinha o quintal pra todo mundo prantar uma verdura, um pé de mandioca, mais tinha uns que prantava, outros não prantava. Agora aqueles que prantava saia melhor porque aqueles que não prantava ia comprar daqueles dos que prantou né. (...) Cada três mil pé de café tinha o direito de plantar trinta litro de arroz e trinta litro de milho, eles fala litros né, um pedaço de terra lá, eu não sei nem que medida dava plantar 30 litros. E alguma coisa plantava no meio da lavoura, o feijão, o arroz alguma coisa de legume, pepino, quiabo, essas coisa plantava no meio da lavoura, só não gostava que plantavam o milho, que o milho estraga a lavoura do café, quando ele dá o pendão, pra por a flor do milho, chama pendão, solta um pó e aquele pó mata até os matos, quanto mais o café.*

Em sua narrativa Sr. Benedito constrói uma imagem de fartura na fazenda Palmital. Fartura traduzida na possibilidade de conciliar o trabalho para o patrão com a plantação de alguns gêneros para consumo próprio. Mas associa fartura e qualidade de vida nas fazendas com habilidades ou inabilidades individuais, responsabilizando alguns colonos pelas dificuldades encontradas, não considerando que a possibilidade de maiores ou menores ganhos, para os colonos, dependia de fatores como o tamanho da família, da saúde e resistência física de cada membro.

As memórias e narrativas fluem a partir de um combinado de fatores, perpassando experiências significativas e re-significadas no presente, mas também por representações socialmente construídas — trabalhador, esforçado, preguiçoso, entre tantas outras — que reproduzem visões de mundo e de relações elaboradas no bojo das diferenças sociais e individuais, consolidadas por práticas de exploração e de relações de poder.

Ao associar a conquista de uma vida melhor ao empenho pessoal de cada colono, a sua

---

<sup>64</sup> THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

narrativa revela nuances de um sistema de produção que ao remunerar o trabalho por empreitada, possibilitando o uso do tempo livre para plantação para o próprio consumo, além de estimular a competição e a produção, consolidava tal prática como importante estratégia de barateamento da mão de obra nas fazendas.

Mas assim como a fartura e as possibilidades de diversificação, também o trabalho árduo nas fazendas da região paulista nos anos 40 e 50 pontua as memórias dos velhos curtumeiros. Nas lembranças do Sr. Benedito, que é negro, são significativos os momentos do trabalho duro no desmatamento das matas para o café, em um momento de forte imigração europeia para a cidade e para a região.

*“Tinham também, italianos e espanhóis nas fazendas, tinha muito. Porque fazenda era assim. Antigamente era assim, hoje misturou tudo. Mas antigamente, quando ia desbravejar uma fazenda o primeiro que entrava era o preto, pra quebrar aquele pasto, cortar pau de machado, rastar com boi e limpar a terra e ajeitar. Ali na hora que aquilo estava limpo, estava no jeito de plantar, entrava o italiano e o espanhol plantando tomate, plantando verdura. O japonês que naquele tempo, hoje ele não mexe mais com isto, mas naquele tempo vinha pra prantar arroz (...) e o último que aparece é o turco pra poder vender”*

A sua fala é bastante significativa, de forma crítica, revela que naquelas relações de trabalho os trabalhadores nacionais exerciam atividades socialmente específicas — como o desmatamento das roças — poucas valorizadas ou consideradas pesadas demais para os trabalhadores estrangeiros. A estes cabendo o trabalho bruto, aproximando assim, diferenças étnico-raciais histórica e socialmente constituídas e ainda hoje muito presente nas relações de trabalho no Brasil.

Embora a historiografia sobre o período enfatize a presença de imigrantes europeus, principalmente italianos na região, as memórias do Sr. Benedito repõem a importante presença de homens pobres, negros e nacionais, aceitando o serviço pesado, geralmente ausente neste olhar. Sendo necessário, porém, destacar que, mesmo não sendo possível no âmbito desta pesquisa aprofundar a questão, CHALOUB<sup>65</sup> e FRANCO<sup>66</sup> relativizaram esta divisão, revendo mitos criados por esta perspectiva.

---

<sup>65</sup> CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**. São Paulo. Companhia da Letras 1990.

<sup>66</sup> FRANCO. Maria Sylvia de Carvalho e. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Hucitec, 1987.

Assim como o depoimento do Sr. Benedito, a leitura de um Processo-crime de suicídio em uma fazenda de café ocorrido em 18 de fevereiro de 1940, sendo a vítima Benevuto da Silva, *“jornaleiro de cor parda, procedente da cidade de Itapecerica”*, de dezenove anos de idade, contratado especificamente para a paina do café, permite, entre outras possibilidades, pensar sobre as relações e condições de trabalho nas fazendas cafeeiras da região de Franca naqueles anos. Sugerindo que estas condições estavam muito longe das representações em torno de uma vida melhor e da prosperidade que chegavam até as cidades vizinhas.

A leitura deste processo revela as péssimas condições de vida e de trabalho às quais os trabalhadores sazonais estavam submetidos nas fazendas, dormindo em colchões dispostos em tulhas, locais destinados ao armazenamento do café:

*“Aos dezoito dias do mês de fevereiro de mil novecentos e quarenta, neste município de Franca na fazenda do Aguarão, na tulha n. três, que é destinada a dormitórios de camarada da dita fazenda (...) a autoridade encontrou caído no interior do dito quarto (...) um cadáver de um homem de cor parda (...) este cadáver foi reconhecido como sendo Benevuto Ginásio, de cor parda, brasileiro, jornaleiro, solteiro como 19 anos de idade natural de Itapecerica no Estado de Minas gerais (...) vestia camisa listrada e calça de brim riscado (...) Aliás estas camas eram apenas colchões dispostos numa das tulhas da fazenda , servindo como dormitório”.*

Documentação como esta possibilita repor aproximações e distanciamentos das representações e expectativas em torno do trabalho na região paulista naqueles anos, questionando sobre as razões que poderiam levar o trabalhador do campo à prática do suicídio. Sugerindo que o sonho da prosperidade na nova terra esbarrava-se em perversas relações de exploração do trabalho, explicitando as condições depreciativas e dilapidadoras em que se dava a exploração do trabalhador nas lavouras cafeeiras paulistas naqueles anos.

Outro velho curtumeiro com o qual dialoguei foi o Sr. Jácomo Donzelle, filho de imigrantes italianos, curtumeiro aposentado, com 89 anos de idade, também residindo do Bairro de Santa Rita

e no mesmo local, com sua filha e genro, uma vez que sua esposa já faleceu, há aproximadamente 40 anos.

Sr. Jácomo, falante e alegre, gosta de “passar” o seu tempo na praça próxima à sua casa e traz em suas memórias a presença da imigração européia e italiana para a cidade<sup>67</sup>, quando italianos — espanhóis, portugueses, turcos e japoneses — foram para a região também na condição de colonos:

*“(Meus pais) Vieram da Itália (em 1916), eles vieram solteiros, ai meu pai foi chamado para fazer o serviço militar lá, ai saiu a guerra lá, ele ficou lá, ai ele passou cabo, tudo. Ai quando acabou a guerra ele veio embora, ele já estava namorando a minha mãe.(...) Ah bom ! isto ai que eu não sei que ano que ele veio, tá vendo.(...) Ai acabou a guerra lá, ele veio embora e casou com minha mãe. Minha mãe morava numa fazenda aqui, do Joaquim Borgia, ele casou arranjou um serviço aqui na (fazenda) Palestrina de colono.”*

---

<sup>67</sup> O final da década de 1870 veria o processo imigratório ser retomado na região, ainda em pequena escala. Ganhariam volume efetivo apenas na segunda metade da década seguinte com a derrocada da escravidão e a rápida expansão da cafeicultura paulista. A maioria dos imigrantes era italiana, seguida por espanhóis e portugueses. Segundo o censo de 1920, a presença de estrangeiros nos municípios do Nordeste Paulista variava entre um quinto e um terço da população local, com uma maior concentração no município de Ribeirão Preto e seus vizinhos. BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (org.). Na Estrada do Anhangüera: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000.



Figura 10: Sr. Jácomo Donzelle em frente à sua casa no Bairro de Santa Rita.<sup>68</sup>

Sr. Jácomo recorda-se de um momento, ainda nas primeiras décadas do XX, em que os imigrantes europeus, como seu pai e seus tios, tinham a preferência dos fazendeiros, substituídos aos poucos pelos trabalhadores nacionais, “pretos”, nas suas lembranças.

*“(...) Trazia (famílias) que nem meu pai mesmo, veio meu tio, irmão dele, outro irmão dele e veio uma família de espanhol tudo junto. Já tinha até o serviço arrumado. Se falasse vem família da Itália, ou espanhol, nossa, o fazendeiro dava serviço era muito pra eles. (...) ai ficou lá um ano, depois ele foi pra fazenda do João Antônio, arranjou um serviço lá, veio ele, dois tio meu, que era casado também, veio tudo junto. Eu não sei, os pretos também, depois começou vim preto.”*

As memórias suas pontuam aspectos e possibilidades das relações de trabalho para os

---

<sup>68</sup> Fotografia tirada pelo autor em 03/07/2004.

imigrantes europeus na região. Também no Nordeste paulista, os municípios onde a cafeicultura tinha maior importância foram aqueles que mais atraíram trabalhadores estrangeiros. Entre a última década do século XIX e até 1930, o maior contingente de trabalhadores estrangeiros dirigiu-se para Ribeirão Preto, seguido por São Simão e Sertãozinho, Franca e Batatais<sup>69</sup>.

Embora Sr. Jácomo “recorte” em suas memórias momentos de fartura e possibilidades vividas por seus familiares, acentuando a possibilidade de tornar-se proprietário de seu pequeno pedaço de terras -sempre pequenos sítios - após anos de trabalho, como foi o caso da sua família. Sendo mesmo possível conseguir aplicar as economias conseguidas no centro urbano da cidade, em várias atividades, entre elas, no trabalho com o couro. Para uma grande maioria de imigrantes, a vida na região enquanto colonos poderia ser decepcionante, percebendo que a realidade era outra e que as condições de trabalho eram muito piores que as oferecidas nos contratos.

Suas recordações, repondo momentos que dão sentidos as suas vidas, são marcadas por lembranças da sua juventude e pela possibilidade de diversificação do trabalho nas fazendas em que viveu na região de Franca. Destaca as possibilidades de conciliar o trabalho com o café, o feitiço de pequenas hortas e ganhos com a venda do excedente destes produtos. Possibilitando pensar que embora o café e a agropecuária caracterizassem economicamente a região até os idos de 1950, o pequeno comércio de subsistência, embora pouco explorado pela historiografia, constituía-se em importante fonte de renda para algumas famílias da região, provavelmente para aquelas que, como foi o caso da sua família, obtiveram maior sucesso:

*“Ele tocava o café, a roça, ele num tinha roça, era só café memo, que ele pegava café, ele tinha a hortinha dele lá né. Talvez ditarde assim, talvez chuvia né, ele vinha imbora, ai ele cuidava da hortinha dele. Tinha de verdura, tinha tudo, naquele tempo era uma beleza, o fazendeiro num ligava, você via, o meu pai trabalhou mais de trinta anos nessa fazenda ai, saiu porque quis, o fazendeiro num queria deixar sair. Num era que nem hoje, colono caçava inguiço pra aparecer indenização, levava na... naquele tempo num tinha isso não. Iche, muita coisa, ele vendia dois três carros de mio, vendia arroz, vendia feijão, vendia café. Quem comprava isso era o Antônio Pedro, tinha um turco aqui embaixo aqui, ele comprava tudo.”*

O seu depoimento, considerando também as experiências dos outros velhos curtumeiros,

---

<sup>69</sup> BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (orgs.). **Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000.

indaga sobre aspectos do tratamento diferenciado dado à trabalhadores estrangeiros e nacionais nas fazendas de café da região. Permanências e rupturas nas relações de trabalho no campo daquele momento.

A memória é seletiva e seleciona sempre em um universo complexo de lembranças e esquecimentos, às vezes contraditórias e antagônicas. Ao falar que hoje o colono “*caça inguiço*” com o patrão, sentindo saudades de um tempo em que, em seu entendimento, isso não ocorria, enfatizando um momento visto por ele como harmonioso, revela aspectos de tensões e conflitos sobre os quais a sua memória se silenciou. Possibilitando pensar sobre mudanças não só na legislação e nas formas de trabalho, mas, principalmente, na natureza dos conflitos no campo, presentes no atual momento do campo brasileiro.

Acentuar aspectos das relações patronais em diversas temporalidades, presentes nas memórias dos mais velhos, daqueles que têm suas vidas marcadas pelas experiências de viver no rural e no urbano, torna-se importante na medida em que é cada vez maior a mecanização nas atividades produtivas no campo brasileiro. Tornando suas relações de trabalho cada vez mais conflituosas e precarizadas, visando formas mais eficaz de exploração do agro-negócio.

Em suas lembranças e esquecimentos, as recordações que ganham mais sentido e significado para o sr. Jácomo são aquelas que evocam um modo de vida marcado pela sociabilidade, pelas festas nas fazendas, rezas cantadas e brincadeiras entre compadres. Um modo de vida em que as relações de trabalho ainda se entrelaçavam em relações pessoais e de amizade, onde se fundiam o trabalho, o lazer e a religiosidade:

*“A maioria era festa religiosa, rezação de terço, quando não era tempo de terço ele inventavam uma rifa pá poder fazer.. né. Todo dia de santo tinha uma festa, todo dia de São João tinha uma festa, dia de São Pedro tinha uma festa, Santo Antônio tinha uma festa. (...) Ah, eles faziam aqueles bailes, fazia leilão, aquelas coisas. Quando festa de Santo Reis, Festa do Divino, ai a comida era tudo dado, Porque saia com a folia, pegava aqueles trem tudo... Pegava a doação e o pessoal comia também, agora quando era essa outras festas que eles fazia, rifa essas coisas, eles fazia um boteco lá, vendia salgado, vendia cachaça, vendia vinho vendia tudo quanto há né. Ai era tudo vendido, mais quando era festa do Divino, festa de Santo Reis, essa ai era a vontade, fartura a vontade.(...) A maioria...a festa que era mais famosa era a festa de Santo Reis, porque essa ai eles sai com aquela folia de Santo Reis, e fazia uma festa muito bonita. Depois*

*essa festa era feita em fim de ano né, que Santo Reis, dia 6 de janeiro é dia de Santo Reis...”*

Lembranças marcadas também pela religiosidade das rezas de terços, das festas de santos: de São João, São Pedro, Santo Antônio, entre outros santos que habitavam as práticas e devoções religiosas daqueles anos na região e que, no presente, dão sentido à sua religiosidade.

Em um tempo em que as festas religiosas regulavam importantes dimensões da vida e das relações de trabalho no campo, o Sr. Jácomo recorda-se da importância dos dias santos através de uma experiência que, para além das suas lembranças, atualiza a sua religiosidade católica ainda muito forte em sua vida:

*“ Você num trabaiava dia santo nenhum, falava que era dia santo ninguém ia trabalhar. Os dias santos eram São Pedro, São João e Santo Antonio, São José, Santa luzia, São Benedito, Nossa Senhora.*

*Dia de Reis, viche ! Num trabaiava de jeito nenhum. Uma vez, quando eu morava na fazenda tinha um tal de Antonio Vieira Dias, era dia de São José, dia 19 de março, os colonos levantou tudo, que naquele tempo falasse em dia santo ninguém trabaiava, os patrão num incomodava, que ele também era católico, ai os colono levantou, era dia e São José, 19 de março....*

*Ai o Antonio levanto viu os colono tudo lá, ai calçou o sapato e disse ué vocês num foi trabaiá hoje ? Não hoje é dia de São José. Ai ele falou pros colonos, São José paga ocêis. Quem tá pagando ocêis. Vocês tão trabaiando pra São José ou pra mim ?*

*Eles falou, não, mais São José é nosso Deus Antonio, um dia santo muito grande. Ele falou, não São José Num tem nada com a minha fazenda, vocês tem que trabalhar.*

*Os colonos falou, não nós num vai não, você pode mandar nós imhora, nós num vai não....E o tempo tava limpinho assim, quando foi lá pras três horas mais ou menos, e isto é verdade mesmo num é mintira não, nós foi lá vê, começou chover, deu relâmpago caiu raio, matou 22 novias dele. As 22 novias mió que ele tinha matou. Isto é verdade mesmo, muita gente foi lá ver as novias morta. Isto é abusar né, São José é nosso pai” .*

Embora em suas lembranças pontue sempre momentos “harmoniosos”, ao se lembrar de uma experiência específica, em que associa o desrespeito ao Santo por parte do patrão à tragédia supostamente imposta a este como castigo, revela uma importante atitude de enfrentamento: a devoção como demonstração de força e de afirmação por parte dos trabalhadores rurais. Lembrando as inúmeras possibilidades de resistências e tensões que compõe o campo da cultura e da religiosidade popular.

Também o Sr. José Elídio, já na região de Franca, trabalhou muitos anos nas fazendas de café e recorda-se deste período em sua vida:

*“Aqui em Franca a vida num era fácil não, tinha de trabaia pra danar, mas era melhor do que lá. Hoje eu perdi tudo mas num posso reclamar(...). Ah, lá era muito difícil, num vou dizer que era fácil deixar tudo e vim imhora pra cá, mas o sujeito num tinha outro remédio. Meu pai mesmo, com aquela renca de filho, fazê o que sô ?”*

Do pouco tempo em que viveu em Minas acentua as dificuldades do viver em uma região com pouco trabalho, o que levou seu pai a mudar para a região paulista com toda a família. Narra que trabalhou em várias fazendas da região, mas a que mais marcou suas memórias foi a fazenda Palmital, fazenda em que o Sr. Benedito também trabalhou por vários anos:

*“ Ah....as fazenda aqui era aquele negócio, o sujeito trabaia de sol a sol. Tinha o café pra cuidar e você tinha que fazer uma hortinha, se não não dava sô...O patrão deixava...bastava você num descuidá do café do patrão. O trabalho era puxado, mas aquilo a muié ajudava e dava pra levar. No tempo das fazendas aqui em Franca era bom pra daná. Só vendo, tinha aquela gente toda, num vou dizer que era fácil, mas num faltava gente...era bom que só vendo”*

Suas lembranças deste momento são marcadas também pelo acidente que seu pai sofreu no ano de 1951:

*“ Capinava café, e a gente gostava, nós já tava rapazim, e papai, papai, ele gostava muito era de caçar, agora nós tava novinho, nós queria era progredir... Plantava, lá plantava. Mais ai meu pai veio aqui na cidade, até foi um dia de...15 de agosto de 51, ele veio aqui e foi embora, no ônibus, quando chegou no ponto papai apeia do ônibus e num olha pro lado, saiu do ônibus, passou em frente do ônibus e entrou na estrada. Ah entrou na frente de uma camionete. A caminhonete bateu nele carregou uns dez metros assim, jogou ele fora da estrada.*

*Ai o papai ficou quase morto, ele teve muitos dias desacordado né, ai depois recuperou, mais ai eu e meu irmão um outro meu irmão fomos tocar, tocar nosso café lá e plantar. E todo mundo ficou abismado da nossas plantas lá. Plantamo arroz, mas deu arroz rapaz.”*

O trabalho com História Oral e Memória desnuda muito mais que histórias a ser reconstituídas e registradas, propondo mesmo reflexões a cerca dos lugares de onde se fala como sujeito/narrador, possibilitando que se repense trajetórias de vidas e significados à elas atribuídos. Levantando questões sobre aspectos das suas experiências sociais sobre os quais nunca se teve oportunidade de avaliar.<sup>70</sup>

Embora o Sr. Benedito, o Sr. Jácomo, e outros, recordem momentos de fartura nas fazendas em Franca, as memórias do Sr. José do Patrocínio são marcadas pelas dificuldades encontradas por ele nas fazendas da região:

*“Triste...onde eu morei era triste, passava quase fome, só tinha arroz e feijão e as vezes até isso ai falava. Trabalhava quase em regime de escravidão.”*

Percebendo a oportunidade que este momento da sua própria história lhe oferecia, o Sr. José revela mais que a complexidade das relações de trabalho e das possibilidades de diversificação nas fazendas de café da região naqueles anos, possíveis para alguns, como para o Sr. Jácomo e para o Sr. Benedito e para outros não, como ele próprio. Sugerindo que as experiências e relações vividas configuram-se em um combinado as — vezes ambíguo — de possibilidades e negações, tensões e conquistas experimentadas subjetivamente de cada um.

Diante das dificuldades vividas nas fazendas em Franca, Sr. José quase retornou para Minas, mas resistiu, cedendo á vontade de sua esposa em permanecer na cidade paulista.

*“Era muito diferente, a gente tava acostumado aquele ritmo de lá, sabe como é, tem a saudade da região da gente...Eu quase voltei...mais ai a mulher falou, não, vamos esperar mais uma anos. E nisso fui ficando....”*

Quanto ao sistema de trabalho nas fazendas e, principalmente, à possibilidade do ganho com a plantação de pequenas hortas para consumo próprio recorda que:

*“Tinha, mas colhia muito pouco e quando chegava o fim do ano tava devendo pra fazenda o que colhia ia pra pagar a dívida né. A pessoa tinha um tal,*

---

<sup>70</sup> PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Gênero**. In: Revista Projeto História n. 12. Programa de Estudos Pós-graduandos em História da PUC- SP, São Paulo: Edusp, 1993.

*que eles falava pagamento geral, a pessoa trabalhava o ano inteiro, carpia o café e recebia no fim do mês a mensalidade né. trabalhava a família inteira mas só o chefe da casa é que recebia, muito irrisório. Era uma enganação, pra uns funcionava pra outros não, num tinha família grande, que nem nós era tudo pequeno, só meu pai trabalhava num funcionava, quando colhia os mantimento tava devendo na fazenda tinha que pagar.”*

O seu depoimento, magoado, pontua principalmente distanciamentos e aproximações dos sistemas de trabalho praticados nas terras mineiras e em São Paulo. Revela que, embora o recebimento mensal em dinheiro significasse uma importante conquista, tais ganhos, também nas terras paulistas, eram corroídos pelo endividamento com o patrão e que o sistema de colonato nesta região só era vantajoso para aqueles que tinham a possibilidade de algumas táticas, como famílias grandes, o que não era o seu caso.

Crítico quanto a este sistema, denuncia a exploração sofrida em relações patronais que remunerava apenas o chefe da família quando todos trabalhavam.

Embora destaque momentos de dificuldades nas fazendas em Franca nas quais trabalhou e morou durante muitos anos, Sr. José fala, com orgulho, da família que constituiu na cidade. Significando este fato como a sua realização pessoal em sua trajetória de vida:

*“Eu casei em 67, tenho três filhos não é, tem um rapaz que é sub-encarregado da Santa Casa de Franca, na farmácia, tenho uma filha que trabalha numa loja, que é a do meio. Ele chama Luciano, a menina chama Andreza Cristina, trabalha numa loja, numa grande loja. E tem a caçula que está fazendo faculdade na universidade de Franca, está fazendo nutrição.”*

Os vários momentos das lembranças e narrativas dos velhos curtumeiros, destacando suas esperanças, alegrias, mágoas, derrotas e conquistas na relação com o trabalho na região, possibilitaram percebê-los nas temporalidades das suas memórias, ganhando significado não somente os aspectos materiais em torno da vida de cada um, mas também suas relações com a subjetividade, a imaginação e o desejo em “re-significar sua história de vida, como parte de uma história maior, o local, o regional, o nacional, atribuindo sentidos às suas experiências, valorizando trajetórias pessoais e sociais<sup>71</sup>. Sempre com o devido respeito aos envolvidos, á

---

<sup>71</sup> PORTELLI, A. **Sonhos Úcrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores**. In: Revista Projeto História n. 10. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC / SP, São Paulo: Edusp, 1993.

*autenticidade de suas tristezas e alegrias e à gravidade de seus motivos. E ciente que se trata de uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas”<sup>72</sup>.*

Ao narrar aspectos de suas vidas nas terras mineiras e as suas experiências nas fazendas paulistanas, revelaram que, ao viver no campo, nas itinerâncias de práticas e de regiões, na aprendizagem de um novo ofício, em seu caminhar para a cidade, os trabalhadores re-criam suas táticas de sobrevivência, estabelecem novos lugares e sociabilidades, apreendem e desenvolvem novas habilidades e conhecimentos. Recompõe em diferentes lugares suas formas e jeito de viver, diferentes em muitos aspectos, porém conservando atividades, costumes e práticas.

Na cidade tornaram-se trabalhadores urbanos, apreenderam o ofício de curtumeiros mesmo em conflitos com os projetos de “urbanidade” e modernização defendidos pela elite local. Desafiando a lógica da pretendida cidade industrial, urbanizada, que para se realizar precisava aceitar a grande presença de homens do campo, seus saberes e suas práticas, trabalhadores que “insistiam” em afirmar uma cidade de fortes contornos rurais, os quais esta elite pretendia negar. Compreender esta lógica possibilita desvendar nuances da sua negação na cultura urbana. Objetivo, entre outros, do segundo capítulo deste trabalho.

## CAPÍTULO II

---

<sup>72</sup> \_\_\_\_\_. **História Oral como Gênero.** In: Revista Projeto História n. 12. Programa de Estudos Pós-graduandos em História da PUC- SP, São Paulo: Edusp, 1995.

**TRABALHO E CIDADE:**

**CARTOGRAFIAS DE TRABALHADORES**

**“Eles estão jogando o jogo deles.**

**Eles estão jogando o jogo de não jogar o jogo deles.**

**Se eu lhes mostrar que os vejo tal qual eles estão,  
quebrarei as regras do jogo e receberei a sua  
punição.**

**O que eu devo, pois, é jogar o jogo deles.**

**O jogo de não ver o jogo que eles jogam.”**

**R. D. Laing.**

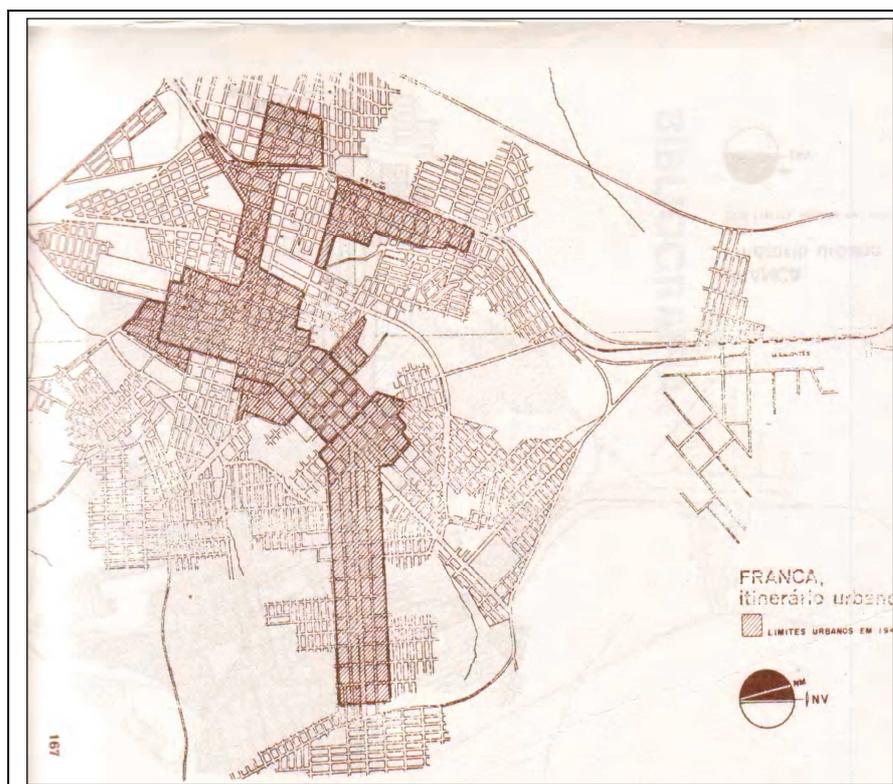


Figura 01: Limites urbanos da cidade em 1940<sup>73</sup>

As visitas à cidade proporcionaram além do permanente contato com os velhos curtumeiros, várias caminhadas por suas praças, o acesso a alguns arquivos e fontes bastante interessantes, entre elas três décadas, 1940 a 1960, evidentemente com lacunas, de um importante jornal da cidade, o jornal *O Francano*.

Este “achado”, assim como o trabalho com os processos-crimes aguçou a possibilidade de explorar a cidade um pouco mais, transitar por suas ruas, bairros e vilas também por meio das páginas deste jornal, tentando flagrar alguns aspectos da cidade que se apresentava àqueles que chegavam no período pesquisado. As diversas possibilidades de “caminhos percorridos” por curtumeiros, sapateiros, comerciários, domésticas, chegantes, homens da roça, entre tantos outros, caminhos que, de certa forma, foram comuns a todos trabalhadores naqueles mesmos anos.

A análise destes editoriais foi dividida em dois momentos, analisados no segundo e terceiro capítulos. No segundo capítulo a tentativa foi buscar a presença destes trabalhadores na cidade representada nas páginas do jornal e na memória que se buscava instituir em suas páginas naqueles anos, a cidade experimentada e vivida pelos diferentes segmentos de trabalhadores.

No terceiro capítulo será analisado a forma como grupos dirigentes e formadores de opinião

utilizaram-se do jornal para a construção de seus projetos na cidade. Fazendo parte desta estratégia elencar temas, problemas e soluções, alçando-os como os mais importantes, se não os mais urgentes a merecer atenção dos poderes públicos e privados, de forma a invisibilizar outras questões e temáticas, geralmente de caráter sociais, capazes de questionar suas lógicas e interesses.

*O Francano*, notadamente através do seu editorial, tornou-se, então, uma fonte bastante promissora para pensar sobre diferentes processos pelos quais representações da cidade são criadas e ou idealizadas, geralmente em oposição à cidade vivida. Sendo marcante a forma como o jornal buscou insistentemente — hora aprovando, hora corrigindo, alertando, chamando atenção dos mais diversos segmentos da sociedade francana — colocar-se como guardião de um ideal de modernização, tendo a capital de São Paulo como o grande modelo a ser seguido, procurando afastar-se das feições de cidade interiorana que considerava atrasada.

Sem dúvida que, naquele momento eleger a capital como modelo era prática corrente, mas a busca por este ideal nas páginas do *O Francano* passava por “negar” a cidade enquanto território no qual as pessoas comuns estabelecem seus vínculo de trabalho, lazer, religiosidade e sociabilidades. Mas, para o historiador o negar torna-se o revelar, possibilitando recuperar fragmentos de uma olhar sobre a cidade, entre tantos outros, que elegia o desenvolvimento urbano e a industrialização como símbolos da sua modernização e modernidade, buscando aproximar a cidade dos ideais paulistas de desenvolvimento e progresso, invisibilizando outras presenças.

A leitura dos editoriais do *O Francano* — embora explore também outras colunas do jornal, bem como imagens e propagandas — ampliou o olhar sobre a cidade como *locus* físico das experiências e memórias de trabalhadores. Lugares pelos quais transitaram e construíram suas trajetórias individuais e sociais no universo complexo que é a cidade.

Embora o jornal representasse naqueles anos claramente a posição dos dirigentes e formadores de opiniões no âmbito político, comercial, religioso, educacional e empresarial, a sua leitura — a contrapelo — tomando-o como sujeito daquele processo, fazendo parte das disputas e projetos em questão, possibilitou aproximações e distanciamentos das representações da cidade que se buscava criar em suas páginas.

Sendo interessante perceber que naqueles anos — 1940 a 1970 — aqueles setores tomavam como indicadores de modernização e modernidade investimentos na malha urbana da cidade e na sua infra-estrutura para o capital, valorizando o que acreditavam ser seus símbolos: ruas e avenidas largas e iluminadas, viadutos, parques, embelezamento público, prédios e, no âmbito econômico, um “moderno” parque industrial.

Não é objetivo deste capítulo uma discussão mais aprofundada sobre conceitos e noções de modernidade, e sim sobre o que estes agentes entendiam como tal, na medida em que projetos e práticas em torno deste entendimento passava pela tentativa de negar outras presenças na cidade. Portanto, toma-se de empréstimo as suas próprias noções de modernização e de modernidade. Entretanto, torna-se proveitoso algumas considerações em torno destas noções a partir da leitura de CLANCLINI<sup>74</sup>. Pontuando modernidade como processos sociais mais amplos e complexos, marcados por transformações não só no campo da técnica e da tecnologia, mas também no âmbito da cultura, das idéias e do comportamento, e modernização como processos específicos nos quais se adotam procedimentos, técnicas e tecnologias consideradas modernas para determinados segmentos sociais em determinados momentos.

Ainda segundo o autor, tais noções pensadas até os fins dos anos de 1980 como estratégias de instituições e de setores hegemônicos ou de vanguarda, tiveram que enfrentar resistências de outros sujeitos também presentes que se apropriam da cidade como território vivido, ligação entre práticas, representações e a subjetividade. Experimentando a cidade de forma complexa, na relação tensa entre necessidades e possibilidades e, na maioria das vezes, simplesmente vivendo-a nas fronteiras móveis do tradicional e do moderno, do culto e do popular, entre o rural e o urbano.

Sendo, portanto, proveitoso buscar desvendar formas de hibridação neste processo, iluminando relações e tensões, embates, disputas sociais e até processos políticos, o que possibilita entender instituições liberais com práticas conservadoras e até autoritários, discursos democráticos e práticas paternalistas.

Em relação à cidade é preciso pensá-la não como lugar apenas da expulsão do velho e do tradicional, mas também das constantes negociações com estes. Lugar dos circuitos híbridos e da hibridação por excelência. Espaço em que a busca da modernidade pode, inclusive, se dar a partir de práticas tradicionais. Sendo a compartimentação entre o culto e o popular, o tradicional e o moderno, muito mais o resultado das lutas de classes, das leituras das ciências sociais, ideologias e processos produtivos, que uma separação real no interior das culturas.

Não existindo, portanto, o moderno e o arcaico à priori, mas sim como resultado das estratégias instáveis com as quais os próprios sujeitos, setores e segmentos envolvidos constroem suas posições e como os especialistas às trazem para a cena. O que faz sentido então é verificar processos pelos quais são transformadas as relações entre tradição, modernismo e modernização cultural e sócio-econômica.

---

<sup>74</sup>

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade.** 3ª. Ed.

Porém, não haver separações “rígidas” entre tais noções, valores, comportamentos e práticas, não significa a ausência de distinções e antagonismos nas relações — sempre tensas — que as diferentes classes sociais estabelecem entre si. Portanto, padrões, valores, modos de vida, podem diluir-se, recriar-se, mas também, e inclusive, aprofundar suas diferenças.

Sendo necessário considerar também que definições de modernidade e de modernização, se tomadas a partir de seus símbolos externos, invisibilizam percepções de práticas, perspectivas e representações de determinados segmentos específicos em um processo conflituoso, excludente e para poucos, que toma a cidade como espaço privilegiado da realização dos seus projetos e usufruto.

Nos anos 70 a crítica a tais concepções se refinou, e, portanto, foram consideradas inapropriadas para se pensar diferentes e complexas experiências e realidades sociais, culturais e econômicas. Citando o próprio autor:

*“Também na sociedade e na cultura mudou o que se entendia por modernidade. Abandonamos o evolucionismo que esperava soluções dos problemas sociais pela simples secularização das práticas: é necessário passar, dizia-se nos anos 70, dos comportamentos prescritivos aos eletivos, da inércia de costumes rurais ou herdados a condutas próprias das sociedades urbanas em que os objetivos e a organização coletiva seriam fixados de acordo com a racionalidade científica e tecnológica. Hoje concebemos a América Latina como uma articulação mais complexa de tradição e modernidade (diversas, desiguais), um continente heterogêneo, formado por países onde, em cada um coexistem múltiplas lógicas de desenvolvimento.”<sup>75</sup>*

Os velhos curtumeiros identificam-se bastante com o período de suas vidas em que trabalharam nos curtumes na cidade, mas também com o período em que viveram nas fazendas da região. Guardam boas recordações de suas vidas ainda em Minas, mas nem por isto estão preocupados em se definir mineiros ou paulistas, rurais ou urbanos. Sentem que suas vidas melhoraram, mas estas melhorias se materializaram em conquistas individuais como melhores salários, escolarização dos filhos a possibilidade da compra da casa, entre outras possibilidades. Os seus referenciais e contrapontos à modernização e à modernidade estão ligados, portanto, às suas experiências pessoais e às suas percepções destas experiências vividas na cidade.

Um breve agrupamento das questões tratadas nas páginas do *O Francano* permite perceber em que constituía, em suas páginas, ou ao menos se pretendia que se constituísse a modernização e a modernidade na cidade.

Nos últimos anos da década de 40 — momentos em que a cidade “ganhava” contornos mais urbanos — a preocupação foi dar visibilidade ao um modo de vida também urbano. Sendo assim, o debate se colocava em torno de temas como a nascente indústria de bens de consumo finos para as camadas médias e altas da cidade, confecção de roupas finas que denotassem “bom gosto”. Pontuando o surgimento de um comércio de vitrines que destacassem o modo de vida de determinados segmentos sociais, “elegantes”, na cidade.

Tematizou-se também questões em torno da necessidade de equipamentos públicos adequados à prestação de serviços e atendimento à população “digna” da cidade moderna. Nestes anos nota-se também preocupações com o embelezamento da *urb*, calçamento, iluminação pública, edifícios suntuosos e com a moralidade pública.

Nos anos 50 o debate proposto pelo jornal girou em torno dos problemas sociais advindos da industrialização e da urbanização na cidade naqueles anos — muito embora o jornal não os reconhecessem como tal — cobrando intervenções por parte do poder público naquelas questões.

Assim, pontuava ações de assistência social caritativa envolvendo a infância e velhice na cidade, destacando a criação de albergues noturnos para idosos e orfanatos para crianças.

Também nestes anos, questões em torno da urbanização da cidade, como a organização dos fluxos de veículos e a construção de uma moderna rodoviária na cidade, estão presentes, bem como questões em torno da segurança pública. Nos anos 50 também ganham destaque os anúncios de modernos eletrodomésticos, produtos que não poderiam faltar nas casas dos finos cidadãos francanos. Destacou-se a preocupação com os hábitos dos populares em locais públicos como os cinemas, praças quermesses e ruas. Foi a partir destes anos que a “necessidade” de remoção dos curtumes do centro da cidade — embora tratada indiretamente — começou ganhar força nas páginas do *O Francano*.

Neste sentido, era comum que assuntos debatidos na grande imprensa e na política nacional fossem reproduzidos nas suas páginas, fazendo-se uma releitura dos mais variados temas, de maneira que as opiniões “próprias” do jornal fossem expressas. Destacando seu esforço para alinhar-se com os principais jornais dos grandes centros, assuntos e debates eram reproduzidos de forma a tentar aproximar a “realidade” nacional da “realidade” local, criando-se a impressão de

posicionamento próprio, envolvimento, familiaridade e circularidade por parte do jornal, buscando assim inserir a cidade nestes assuntos e debates.

Para a criação da representação da cidade como moderna, *O Francano* valia-se de vários expedientes além dos editoriais: publicação de cartas encaminhadas à redação, elogiando, aprovando ou reprovando determinadas medidas e ações do poder público municipal. Cobertura ostensiva de todas as inaugurações, públicas e privadas; Denúncias das “mazelas” da cidade, colocando-se como defensor da ordem, da urbanidade e da moralidade pública. Visitas por parte da sua diretoria às autoridades locais, sempre com a devida cobertura. Outra estratégia amplamente utilizada foi a veiculação de propagandas dos mais modernos produtos — eletrodomésticos e veículos — disponíveis no mercado das grandes cidades brasileiras e agora também no comércio de Franca.

Pretendendo-se um “Jornal de grande circulação”, *O Francano* anunciava já nas primeiras edições do ano de 1945 ser uma nova fase do periódico iniciado no século XIX por Álvaro Abranches. Semanário, em sua segunda fase, que chegou a circular até três vezes por semana, editado desde 24 de junho de 1945, com endereço à Rua Tomaz Gonzaga, 364 e depois à rua General Osório, 1231. Apresentando cinco colunas e quatro páginas, cujo formato variou entre 31,5 x 44 cm, 32,5 x 48,5 cm e 37,5 x 55 cm, impressas com tinta preta, verde, azul ou vermelha sobre papel jornal comum. Em 1965 passa a anunciar como diretor Taufick Jorge, quando já se apresentava como “associado à Santos & Santos Imprensa S/A e ao Consórcio Brasileiro de Imprensa”.

Chama atenção o esforço do jornal para colocar-se à frente na construção de símbolos da urbanidade e da modernidade francana. Processo este que passava por manejar adequadamente em suas páginas a divulgação das ações dos poderes públicos e privados, elogiando, cobrando e denunciando ações como a abertura de largas avenidas e pontes, a iluminação de determinados bairros, a construção de grandes prédios. Presente também a preocupação com o embelezamento da cidade, e com a presença de populares e suas práticas no centro urbano, com a “higiene e com a moralidade” pública.

Interessa, portanto, lê-lo como possibilidade de narrativas textuais e imagéticas no desvendamento de processos pelos quais se constituíram representações e memórias da cidade, como, por exemplo, a de *Capital nacional do calçado*, geralmente invisibilizando a presença de outras memórias, que não a dos grupos dirigentes e formadores de opinião, considerados sem direitos a elas.

È do diálogo entre memórias e narrativas de curtumeiros, alguns processos-crimes movidos contra trabalhadores e o conjunto destes editoriais, propagandas e imagens nas páginas do *O Francano*, que se busca neste capítulo percrustar um pouco mais a cidade vivida por curtumeiros e outros trabalhadores naqueles anos. Pois, se por um lado, os editoriais revelam que os projetos da elite pretendiam excluí-los do que esta entendia ser os seus espaços, os processos-crime movidos contra alguns visavam mantê-los nos limites do “tolerável” e do controle. Por outro lado, as narrativas revelam nuances do viver entre o campo e a cidade que se pretendia moderna e como se relacionaram com as estratégias utilizadas para atrair trabalhadores das regiões vizinhas. Expondo o quanto àquela elite precisava destes para a construção e viabilização do seu projeto de modernização e modernidade.

Tratava-se de alicerçar em suas páginas um projeto para a cidade que se pretendia moderna, organizada, limpa, com bons serviços e agradável, destacando o seu potencial de investimentos, com o objetivo de atrair — ao mesmo tempo — capitais e trabalhadores, definindo lugares para uns e para outros.

Neste momento foi importante a leitura de Fábio Gutenberg, *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920 – 1945*<sup>76</sup> que em diversos momentos inspirou o caminhar desta pesquisa. Tratando da cidade de Campina Grande nos anos que compreendem o período de 1920 a 1945 o autor buscou compreender como imagem semelhante de cidade foi construída na imprensa local e as possibilidades de seu desnudamento nos processos criminais.

Portanto, optou-se por incorporar o jornal à pesquisa, assim como os processos-crimes na medida em que revelam um aspecto importante: a maneira como a presença de trabalhadores em suas práticas cotidianas e de trabalho, exercendo vários ofícios, presentes no centro urbano da cidade entre os nos anos 40 à 70, fora sistematicamente ignorada, a não ser quando se tratava de “caso de polícia”.

A leitura de Amailton Magno de Azevedo, *No ritmo do rap: Musica cotidiano e sociabilidade negra – São Paulo, 1980 – 1997*, contribuiu para a compreensão que os trabalhadores comuns, assim como determinados grupos das mais diversas expressões populares – artísticas, musicais, de rua, entre tantas outras – na luta por firmar-se e se fazer presente na cidade enfrentam preconceitos e pressões em relação às suas práticas e à manutenção de seus territórios, entendidos

---

<sup>76</sup> SOUZA, Fábio Gutenberg R. Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920 – 1945**. Tese de doutoramento em História pelo departamento de História do Inst. de Filosofia e Ciências Humana da Unicamp: Campinas, 2001.

como o lugar do vivido, dos sentidos e da subjetividade.<sup>77</sup>

Neste caminhar a leitura de Luiz Carlos do Carmo. *Funções de Preto*,<sup>78</sup> também foi bastante inspiradora. Em sua tese, o autor buscou compreender, a partir de depoimentos à cerca das ‘funções de pretos’, ou seja, as funções exercidas pelas pessoas negras no mercado de trabalho da cidade de Uberlândia, o contraste entre o quase desaparecimento ou a invisibilidade das pessoas negras ocupando postos de trabalho nesta cidade e a sua presença marcante nas comemorações do dia de Nossa Senhora do Rosário na cidade.

Considerando que os velhos curtumeiros tornaram-se trabalhadores urbanos na cidade por trajetórias e razões pessoais diferentes — exploradas no primeiro capítulo — e em diferentes momentos — entre as décadas de 1940 a 1970 — mas que passaram a constituir suas vidas em processos de intensas e rápidas transformações experimentadas na região paulista — mudanças próprias do capital, da produção, da cidade e das relações da cidade com estas questões — e também que, apesar da pretensa hegemonia de determinados setores, uma diversidade de sujeitos, e suas memórias, estavam presentes como detentores de outros projetos construídos em torno de seus desejos, saberes e necessidades.<sup>79</sup> Este capítulo buscará articular experiências específicas, pessoais e individuais às conjunturas mais amplas da região naquele momento. Elucidando momentos marcantes nas vidas dos velhos curtumeiros, atraídos para a região a partir dos nos 40, e, em um segundo momento, empurrados para a cidade, já nos anos 50 e 60, tornando-se trabalhadores fabris entre os anos 60 e 80.

Deslindando movimentos de expansão e diversificação das atividades comerciais, industriais e de serviço na cidade. Pontuando-se também nuances de como o trabalho nos curtumes foi aos poucos se profissionalizado e se modernizando. Eliminando maneiras antigas de se trabalhar com o couro neste setor e marcando profundamente a vida dos velhos curtumeiros. Desvendando processos sociais nos quais perderam seus lugares de trabalho, já nos 80, a partir da reestruturação produtiva do setor, como analisado no 4º capítulo.

Assim, ganhou destaque a percepção que a transferência dos curtumes para o *Distrito Industrial* da cidade, criado por decreto municipal em 1984, intensificou transformações

---

<sup>77</sup> AZEVEDO, Amailton Magno. *No ritmo do rap: Música cotidiano e sociabilidade negra – São Paulo, 1980 – 1997*. Tese de mestrado em História defendida pelo Programa de Estudo Pós-Graduandos em História, Puc-SP, São Paulo, 2000.

<sup>78</sup> CARMO, Luiz Carlos do. *Funções de Preto*. Tese de mestrado em História defendida pelo Programa de Estudo Pós-Graduandos em História, Puc-SP, São Paulo, 2000.

<sup>79</sup> SILVA, Luzia Márcia Resende. *Carregadores de Mercadorias: memórias e lutas. Uberlândia, MG, 1970 – 2000*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

significativas para os velhos curtumeiros, alterando antigas maneiras de se trabalhar e se relacionar com o trabalho e, por fim, exigindo um novo perfil de trabalhador, do qual já não mais faziam parte.

Busca-se, fundamentalmente, perceber tais processos para além de mudanças nos modos e nas relações de trabalho, mas como consciência que a desqualificação do trabalhador a partir de mudanças das técnicas e tecnologias, padrões e filosofias de produção, acontecem *paripassu* às transformações no espaço urbano envolvido.

A análise dos editoriais do *O Francano* revelou que para a construção do Distrito Industrial, pensado já em 1938 e realizado apenas em 1984, foi necessário a constituição e sustentação de um projeto maior de “modernização” da cidade. Projeto este que na sua efetivação tornava necessárias ações em várias dimensões, na reorganização do espaço urbano, buscando negar as feições rurais e migrantes da cidade, associadas ao atraso e aproximar-se do modelo da capital paulista, atrair capital, trabalhadores e tecnologia.

Ainda buscando momentos e marcos significativos nas vidas dos velhos curtumeiros na relação com o trabalho e com a cidade, agora sob a ótica de determinados setores da sociedade francana — como estes setores pensaram a cidade e sua modernização, assim como os lugares destinados ou não à serem ocupados por trabalhadores e populares — destacou-se o jornal como sujeito ativo e mediador destes grupos e projetos.

Os anos 40 constituem-se em marco importante na vida dos velhos curtumeiros, assinalando também importantes transformações urbanas pontuadas pelo surgimento de novos comércios e serviços na cidade.

Momento em que à venda de artigos de couro rústicos, produtos para selarias, alimentos — geralmente trazidos diretamente da roça, como fazia o pai do Sr. Jácomo — produtos e ferramentas para a agropecuária, acrescentava-se um tipo de comércio “fino”, que possibilitaria a uma camada específica da população, “elegante”, no entendimento do jornal, desfrutar as benesses da urbanidade, como anunciado em 28 de junho do ano de 1946:

*“FRANCA PROGRIDE:*

*Das inúmeras indústrias que tem surgido nesta terra, podemos destacar também a do Sr. João Augusto de Oliveira, o qual aparelhou-se modernamente para atender a distinta freguesia na confecção de roupas para homens e senhoras. Esta alfaiataria, situada à praça nossa senhora da conceição n. 73 está aparelhada*

*para atender a todos aqueles que desejam vestir-se bem e com elegância. Pelas suas vitrines podemos observar o que há de mais fino e mais distinto. Verifiquem o mostruário e estarão certos de cooperaram para a elegância em nossa cidade.”*

O artigo assinala a presença de outros profissionais, como os alfaiates, ampliando as possibilidades não só de distinção social mas também de ocupação na cidade. Ofício que, como tantos outros, desapareceram ao longo dos anos, substituídos por grandes confecções industriais fornecendo roupas que não mais requer o conhecimento e o saber-fazer do alfaiate. Além de alfaiatarias, desde os anos de 1910 a cidade já contava com 18 pequenas fábricas de calçados e inúmeros pequenos curtumes. Em 1921 foi fundada a *Calçados Jaguar*, pioneira nos processos de produção mecanizados com máquinas de procedência Alemã.

Os curtumes só aparecem nos editoriais, mesmo timidamente, a partir dos anos 60, quando estes começam a se modernizar, provavelmente por se tratar, nos anos 40, de um tipo de produção ainda bastante artesanal, com produção de resíduos e odores, representando, aos olhos do jornal, o atraso e a negação da modernidade pretendida.

Ao recordar-se dos curtumes da cidade, o Sr. Jácomo, repondo a presença de trabalhadores ausentes na representação de cidade que se pretendia construir nas páginas do jornal, revela processos produtivos e formas de se trabalhar com o couro que nos remete ao momento em que estes ainda constituíam-se em pequenas oficinas familiares, na sua maioria de propriedade de estrangeiros ou descendentes, contando com um modo de produção ainda artesanal:

*“Fazia selote, essas roupas pra por em animais né. Estribo, chicote, era tudo feito nas oficinas. Não curtia couro. Só os curtumes mesmo. Já tinha curtumim pequeno. Tinha o curtume Carioca, tinha num sei o que mais...esses curtumes ai. Tinha o Pessoto mesmo. O Pessoto tinha uma mixaria, que eles curtiem couro dentro de casa mesmo, pegava aqueles tambor grande matava aquele boi e eles curtia o couro dentro de casa. Dentro de casa não, no quintal, ai depois comprou o curtume. O que saiu primeiro foi o Pessoto e o Progresso ai. Não, (não tinha máquinas) num tinha nada era tudo a mão. (Vendiam o couro) pra sapateiro, pra fazer sapato. Vinha de fora ai, esse meio tudo ai vinha comprar. Fazia bota pra por no pé, fazia tudo. Mais ou menos por ai (40/50). O progresso ai mesmo, era uma porcariinha, depois foi aumentando (...). curtia o couro, o povo mesmo tinha que fazer as coisas. (Para uso próprio) É. Ai depois saiu os curtumes ai, foi fazendo os curtumes, que só tinha os Pessoto e o Progresso aqui. Depois o ....., o Alemão, mais o doutor Nilton ai foram fazendo.”*

A partir da segunda metade dos anos 40, quando inicia sua segunda fase, o jornal tentava por meio de grande alarde às transformações urbanas e comerciais que a cidade experimentava naquela década. Inculcar em seus leitores uma sensibilidade específica em relação a estes adventos, associando-os à “modernidade” que entendia estar chegando com tais investimentos. Contava para isto com as transformações econômicas que começavam a modificar as características e as feições da cidade de essencialmente rural para uma cidade que começava a se urbanizar, sendo comuns editoriais como este da edição de 10 de novembro de 1945:

*“FRANCA PROGRIDE*

*Pelos seus índices de comércio, indústrias, ensino e a criação de novos estabelecimentos públicos e bancários vem de modo especial demonstrar que a nossa cidade se desdobra em atividades cujos habitantes encontram trabalho, estudo e assistência médica e cultural, satisfazendo a todos aqueles que se interessam para elevar cada vez o seu nome para grandeza e honra do nosso torrão natal (...).”*

A cidade apresentada no editorial era “tão boa” que restavam poucas possibilidades de descontentamento. Quase que em um tom de ame ou deixe-a, o editorial alertava que a cidade era boa para aqueles que se interessassem em elevar cada vez mais o nome do torrão natal, deixando de fora assim os descontentes. Subjacente à idéia de *nosso torrão natal*, como se refere o jornal à cidade esclarece-se o que se esperava daqueles que chegavam.

Pontuava-se assim o paradoxo em que se encontrava a elite local, “presa” à sua própria armadilha, que para realizar seu projeto de cidade industrial, urbanizada, precisava aceitar a grande presença de homens do campo, agora como trabalhadores urbanos. O “problema”, do seu ponto de vista, era que os saberes e práticas destes trabalhadores insistiam em afirmar uma cidade de fortes contornos rurais e migrante, os quais esta elite pretendia negar.

Compondo o conjunto de serviços elencados pelo editorial destacava a assistência média e a Educação. A possibilidade de escolarizar os filhos foi um dos principais motivos pelos quais alguns velhos curtumeiros, notadamente o Sr. Elídio e o Sr. Jácomo, mudaram para a cidade.

As páginas do *O Francano* revelam muito mais que a cidade que se planejava. Planejamento este que, evidentemente, muda de década para década, articulando conjunturas locais e estaduais - incluindo uns e excluindo outros. A leitura de alguns processos-crimes revela a presença de homens e mulheres comuns, trabalhadores ou não, que transitavam pela cidade, como

sugere ROLNIK.<sup>80</sup> SOUZA<sup>81</sup>, entre outros, construindo seus caminhos, estratégias e pequenas táticas de sustento, lazer e sociabilidades. Sugerindo que também a imagem da “cidade ideal” estava muito longe da realidade daqueles que viviam em suas malhas urbanas e sociais.

Compreender nuances da memória social do trabalho na relação com a cidade implica em perceber momentos significativos nas memórias dos velhos trabalhadores, compreendendo que a aprendizagem de um ofício na cidade passa por cumprir uma série de procedimentos, desde o aprender a lidar com o controle de suas práticas sob o viés da urbanidade e da “moralidade”, hábitos e costumes à exigências de documentação específica:

Sr. Elídio relatou este momento em sua vida:

*“Ai chegamo aqui, Franca naquela época, o serviço aqui era sapateiro e curtume. Ai falei eu vou entrar no curtume, vou experimentar. Tive sorte, cheguei lá no curtume progresso caçando serviço, já tinha arrumado os documentos. Que quando a gente tava na roça num tinha documento. Vou falar uma coisa pro sr, aqui na cidade nós vinha quando precisava, mais ninguém queria ficar. Nós chegava aqui dia de sábado cedo fazia o que precisava, já corria e ia embora. Lá que era bom.”*

Para o Sr. Elídio, e outros, o tornar-se curtumeiro exigia-lhe além dos documentos, dominar e estabelecer outras relações com a cidade, romper temores, percebê-la como território hora de inclusão, hora de exclusão, espaço outras possibilidades, como o transporte público:

*“(...) isso ai eu num lembro bem, num gostava de pegar ônibus, di noite eu num andava, falava que tinha roubo, que hoje eles chama de assalto. Sei que minha mulher também num gostava, eu falava vamos lá na casa de fulano, eu num vou não, num vou pegar ônibus não”*

Nos anos 40 os sapateiros aos quais Sr. Elídio se referiu eram trabalhadores de pequenas oficinas de sapatos e botinas ainda rústicas. Memórias que explicita relações entre o rural e o urbano.

Memórias e narrativas repondo a cidade territorializada a partir dos significados, sentidos, sensações e sentimentos de quem a viveu. AZEVEDO, citando ROLNIK, considera que “as

---

<sup>80</sup>

ROLNIK., Raquel **A cidade e a lei**. São Paulo: Edusp, 1997.

<sup>81</sup>

SOUZA, Fábio Gutemberg R. Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920 – 1945**. Tese de doutoramento em História defendida pelo Departamento de História do Inst. de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, 2001.

*peças vivem entre si e no espaço. E nessa ligação intrínseca entre espaço e subjetividade é que a idéia de território vai sendo posta como o lugar real, vivido. É no território que o sujeito existe e nele pode perscrutar os seus sentidos de vida”<sup>82</sup>*

Um problema que incomodava bastante determinados segmentos na cidade, a julgar pelo número de denúncias feitas no jornal, era a presença de cães que perambulavam pelas ruas, sendo que o editorial de 11 de agosto do mesmo ano chega a considerar que este “problema” constituía perigo para a população:

*“QUEIXAS E RECLAMAÇÕES.*

*Pessoas de responsabilidade vieram até a nossa redação, reclamar da grande quantidade de cães que perambulam pela nossa cidade, constituindo sério perigo para a população. Esperamos dos poderes competentes as providências sobre o assunto.”*

Embora o jornal não revele explicitamente quem eram as pessoas de responsabilidade as quais se referia, sugerindo porém, que outras não eram, e nem a quem pertenciam os animais, bem sabemos da prática popular, ainda hoje muito comum, de “criar” cachorros, normalmente soltos por ruas e logradouros. Além do mais o cão é o melhor amigo do homem, principalmente de homens que “fazem” da rua a sua moradia e o local de onde tiram seu sustento diário. O fato do jornal se colocar contra a questão dos animais soltos nas ruas denota também o esforço daquela elite em erradicar hábitos, modo de vida considerado por ela atrasados ou poucos urbanos. Também o sr. Elídio mora na “companhia” de seu cachorro:



Figura 02: Sr. Elídio em frente ao Curtume Progresso onde mora<sup>83</sup>.

Os editoriais, como a própria imprensa, eram ambíguos, e mesmo revelando olhares preconceituosos sobre determinadas práticas e grupos na cidade, preocupavam-se também em criar a imagem de defensor da ordem, da moralidade e da saúde pública. Embora seja possível supor que alguns destes problemas também preocupassem as pessoas comuns, a questão é como cada grupo os percebiam, quais sentidos lhes atribuíam e de que formas se relacionavam com eles. Mesmo havendo preocupações com questões de higiene e saúde pública, é bem sabido como social e historicamente estas questões andaram *paripassu* a outras formas de combater a presença de populares e suas práticas no espaço urbano.

Controle, próprio do urbano, que se apresentava desde as exigências de obrigações simples e individuais como os documentos necessários à contratação em um emprego na cidade à interferências nos hábitos e costumes das camadas populares e dos trabalhadores enquanto classe social

È, portanto, na tentativa de adentrar nesta territorialidade que leio alguns processos-crimes, tentando tangenciar trechos de caminhos percorridos entre o campo e a cidade no constituir-se “trabalhador”, na tensão entre o habitar e o planejamento urbano. Documentos reveladores de olhares e preconceitos sociais sobre práticas populares e rurais muito próprias dos anos 40, possibilitando desvelar aspectos da cidade vivida por trabalhadores comuns em suas táticas diárias

---

<sup>83</sup> Fotografia tirada pelo autor em 03/07/2004.

no urbano.

Pode-se acompanhar dimensões desta tensão em Franca nestes anos pela leitura do processo-crime instalado no Cartório de segundo ofício da cidade em 29 de setembro 1946, desta vez contra o Sr. José Ferreira de Menezes, provavelmente, da cidade de Claraval, “*cincoenta e sete anos de idade, professor normalista natural de Bonfim, Bahia*”, acusado de charlatanismo, por vender remédios de ervas naturais.

*“ Que há cerca de um ano,ou mais, vendia como representante que era, produtos da flora medicinal, que à farmácias, quer à particulares. (...)que no período que vendia tais medicamentos, sempre os vendeu sem deles fazer indicações. Que mais tarde, como o amigo lhe dissera que vendendo tais medicamentos estaria sujeito a ser tido como curandeiro, porque dava a entender que estava clinicando (...) que algumas pessoas, o procuravam para saber onde encontrar tais produtos na flora (...)Que ignorava que esse procedimento de então constituí ou não infração às disposições legais reguladoras da profissão médica”*

Percebe-se por meio da leitura do processo a tentativa de enquadrar práticas populares de uso de ervas medicinais como prática de curandeirismo. Mas se a fala da lei era construída fazendo uso das disposições reguladoras e códigos, geralmente o código civil de 1917, como neste caso, em que se invoca o artigo 147 do referido código, o Sr. José parece saber muito bem do que poderia ser acusado, defende-se esclarecendo que apesar de vender tais produtos, não fazia indicações dos mesmos. Tenta assim defender-se da possibilidade de ser processado por exercício ilegal da profissão médica.

Em sua defesa, constrói um argumento coerente com a própria acusação, opta por pontuar que tem clareza que suas práticas beiravam a ilegalidade, mas que ele sempre tomou os devidos cuidados, demonstrando que sabia que vivia na linha tênue que separa o legal do ilegal sob o ponto de vista da lei, também tentando estabelecer um território de debate, o da informação, no qual sendo ele uma pessoa supostamente bem informada, professor, poderia se defender melhor.

Revelando práticas populares na cidade – como o uso de ervas medicinais – o depoimento da 1ª. Testemunha de acusação, o Sr. Orozimbo Simpliciano também fornece pistas das tentativas de normatização e regulamentação do uso do espaço urbano através do controle das práticas, usos e costumes na cidade.

Sr. Orozimbo, “*inquirido e comprometido na forma da lei*”, afirmou que:

*“Há cerca de nove anos ficou conhecendo o indiciado na fazenda de Núncio Whitaker, neste município, que já na ocasião, indiciado percorria as fazendas do município, fazendo indicações de medicamentos e vendendo plantas medicinais (...) Que soube que sua cunhada tem feito uso de medicamentos indicados pelo indiciado, e que este a visita constantemente a fim de saber o seu estado de saúde”*

Apesar do Sr. José ter alegado como principal argumento de sua defesa o fato de não clinicar, o Sr. Ozorimbo o acusa exatamente desta prática, estabelecendo o seu território de sociabilidades, a fazenda de Núncio Whiakker, onde conheceu o Sr. José, o que provavelmente conferia credibilidades aos seus argumentos. Relações de sociabilidades e influências construídas entre o campo e a cidade.

No mesmo depoimento, um pouco mais adiante, pode-se pensar sobre elementos da malha urbana da pretendida urbanidade, sua tessitura e urdidura social. Sugerido outros ofícios de ganhos como sapateiros e açougueiros.

Afirma o Sr. Ozorimbo:

*“ Que o declarante tem conhecimento com diversas pessoas a quem o indiciado tem medicado e recebido importâncias em dinheiro. Que essas pessoas pode indicar Alamim de Tal, proprietário e residente em uma chácara situada no Distrito da Estação; Maria Rita, residente no distrito da Estação nas imediações do armazém de Luiz Liporace; Olívio, sapateiro, residente na estalagem nesta cidade: a cunhada do depoente de nome Isolina, residente na Avenida Bom Jardim, nas proximidades da residência do açougueiro Frederico de tal.”*

Percebe-se, a julgar pelas acusações, que provavelmente o Sr. Ozorimbo se sentiu lesado pelo Sr. José, pois só isto explicaria acusação tão fundamentada. Ao citar um número significativo de pessoas também “atendidas” pelo Sr. José revela que esta prática era procurada por um número grande de pessoas na cidade, porém não sem tensões e conflitos com a lei.

Paralelamente à intenção de normalizar a prática médica percebe-se também a vigilância e a perseguição às práticas populares, nem sempre “muito aceitas” na cidade.

Um processo de acusação de defloração, iniciado na delegacia da cidade no mês de dezembro de 1940, processo este em que Maria Aparecida de Souza figura como vítima, revela

importantes pistas das condições de vida, estratégias de sobrevivências, territorialidades e sociabilidades de pessoas pobres na cidade. Sociabilidades em confronto com valores e moralidades instituídas.

A análise deste processo se torna valiosa também porque, nos 40 e 50, o jornal se ocupou bastante com questões relativas à “moralidade” pública na cidade.

Inicialmente, na queixa crime do processo, o delegado Edmundo Pereira da Fonseca informa que:

*“Tendo comparecido a minha presença a menor Maria Aparecida de Souza, de condição miserável, a qual estando acompanhada de sua mãe Joana de Souza, viúva, queixa-se de ter sido deflorada por um tal Negrão (...) Poderá fazer um mês que a declarante observou que sua filha de nome Maria Aparecida e com dezesseis anos idade completos, estava de namoro com um tal de Negrão, filho de José Romano. Que a declarante chamou a atenção daquele homem, dizendo que só permitiria o namoro si ele tivesse a intenção de casar-se com aquela sua filha, isto com a maior brevidade, pois não gostava de ver sua filha de namoro. Que Negrão respondeu que só não casaria com Maria Aparecida si a declarante não desse seu consentimento, e prometeu realizar o casamento em época mais próxima possível. Que na Quinta-feira última Negrão desapareceu da Cidade, sendo desconhecido seu paradeiro, e no dia seguinte Maria Aparecida contou que foi deflorada por Negrão”*

As possibilidades de olhares sobre este processo são inúmeras, a começar pela condição social da jovem Maria Aparecida e de sua família, declarada no processo como de condição miserável, revelando a presença de uma população muito pobre na cidade.

Possibilita pensar que, se nos anos 40 o trabalho nas fazendas da região era um caminho possível para aqueles que chegavam com experiência no trabalho rural, na cidade as condições de vida eram difíceis e perigosas, colocando a necessidade de dominar outras relações, táticas e estratégias<sup>84</sup>.

Autoriza indagar também sobre práticas populares e de resistências na cidade neste período. Sendo a queixa crime por sedução ou defloramento uma das estratégias usadas por parte dos mais pobres, ante a possibilidade de ficar “mal falada” na cidade, sugerindo que a “reparação do mal” através do casamento, mesmo que por meio da lei, era para as moças pobres uma estratégia possível para impedir a discriminação e a marginalização na sociedade francana destes anos.

Permite ler práticas de lazer e de sociabilidades, possibilitando mesmo a reconstituição do

---

<sup>84</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: artes de fazer**. 3. edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

mapa destas práticas na cidade naqueles anos, como o cinema e brincadeiras dançantes.

*“E assim a declarante tinha-o como noivo, que no sábado, trasado, dia 14 do corrente mês a declarante foi ao cinema com aquele seu noivo, que terminada a seção de cinema, isto pelas vinte e duas horas e meia, a declarante saiu com Negrão, o qual dizendo que desejava dar umas votas, com a declarante, antes de leva-la para casa, conduziu-a para uma rua que fica atrás do mercado e termina no buracão, na rua Couto Magalhães, e ali pediu a declarante para ter relações sexuais com ele<sup>85</sup>.”*

Interessante perceber que nos 40 e 50 uma das opções de lazer na cidade, mesmo para as camadas populares, era o cinema, uma vez que hoje esta prática restringe-se muito mais às camadas médias, seja pelo custo, seja por ter se tornado uma prática mais elitista. Sendo necessário considerar, porém, os significados e usos atribuídos àqueles espaços para diferentes camadas sociais.

Em outro momento do processo, a testemunha Olívia Manoel da Silva, qualificada como trinta e sete anos de idade, viúva, informa onde conheceu o casal:

*“(...) cedeu a sala de sua casa para rapazes e moças conhecidas promover ali brincadeiras dançantes (...), que quando iam a estas brincadeiras, o denunciado e a vítima ali não chegavam juntos”<sup>86</sup>*

Ainda como possibilidade de pensarmos mapas de sociabilidade e lazer no núcleo urbano da Cidade é bastante interessante o depoimento de Antonia Israel de Souza, quatorze anos, informando que:

*“Havendo saída com ela (Maria Aparecida) algumas vezes, que de uma vez foram juntas ao cinema e de outras ao campo, catar gabiobas. Que desta última vez encontraram ali o denunciado, havendo este saído para um lado em companhia da ofendida e que a informante e outras saíram para outro lado. Que a ofendida lhe contou que o denunciado lhe havia feito mal”*

Outro depoente, Minervino de Souza, qualificado como vinte e três anos de idade, solteiro, balanceiro, natural de São Tomaz de Aquino, Estado de Minas Gerais, “inquirido na forma da lei” ao informa que “depois de haver começado a namorar a ofendida, três dias depois foi avisado por um guarda noturno, que não continuasse a fazê-lo porque a mãe dela tinha dado queixa na polícia, que nesta queixa o acusado era o denunciado conhecido como Negrão” fornece importante pista acerca da relação entre público e privado na cidade naquele momento.

Se estes passeios ao “campo” possibilitavam as práticas de namoro longe dos olhos

---

<sup>85</sup> Idem. Arquivo Municipal de Franca. Caixa 259, pasta s/n. E as seguintes.

<sup>86</sup> Ibidem

vigilantes, também revela aspectos da urdidura, tensões e estratégias em uma cidade ainda marcada por contornos rurais em que era comum ir ao cinema, mas também ao campo colher gabiobas.

Aos poucos, o processo traz à cena outras possibilidades de trabalho e ganhos além dos tradicionais ofícios de sapateiros e curtumeiros. Revelando funções como guardas noturnos e balanceiros para aqueles que se dirigiam para o centro urbano naqueles anos. Pontuando a presença muito maior de trabalhadores no comércio e no setor de serviços ou em funções liberais que na indústria.

Para além do desvendamento de possibilidades de trabalho e do constante confronto entre práticas populares de sociabilidades e as tentativas de normatização do espaço urbano da cidade por parte da lei naquele momento, a sua leitura revela aspectos importantes do viver, das relações e de sentimentos familiares, da situação feminina, dos valores e representações em torno do casamento e da virgindade. Revelando também aspectos das diferentes formas de uso da justiça para diferentes segmentos sociais.

A articulação de fontes diferentes possibilita perceber distanciamentos e aproximações. Mesmo se tratando de uma edição de quatro de outubro de 1945, cinco anos depois do processo que envolveu Maria Aparecida e “Negrão”, percebemos pela análise do editorial abaixo que o que o jornal entendia ser uma questão de moralidade perpassou as suas páginas durante toda a década de 40. Possibilitando pensá-lo como sujeito ativo do projeto que se pretendia para a cidade, elegendo na sua construção temas, problemas e questões que entendia ser importantes, incentivados ou combatidos.

#### *“DUAS GRANDES INICIATIVAS.*

*Segundo fomos informados, o Dr. José Guerrieri Resende, dd. Prefeito municipal de nossa cidade acaba de assentar definitivamente que, será ainda este mês, iluminado a praça Visconde de ouro preto, onde se acha instalado o suntuoso edifício do ginásio do Estado e outras escolas, assim que se iniciar o calçamento daquele local.*

*Efetivamente são duas necessidades prementes, o calçamento e a iluminação.*

*O primeiro trará um pouco mais de moralidade aquele local, que se tem prestado até mesmo os casais de namorados (...) assim S, S. terá captado a simpatia de grande parte de nossa população, pois não existe em nossa cidade trecho tão*

*curto, cuja população seja tão intensa como a do local do ginásio (...).”*

A leitura deste editorial sugere que se as melhorias urbanas como calçamento e a iluminação da Praça Visconde de Ouro Preto buscavam alinhar a cidade ao ideal de embelezamento, possibilitava também combater práticas populares indesejadas. Revelando mais que um projeto de urbanização, mas que se tratava de combater práticas vistas pelo jornal como imorais, como o namoro em locais escuros da cidade. Ou ao menos afastar estas práticas do entorno de um de seus mais “importantes” ícones, o *suntuoso edifício do ginásio do Estado*.

Interessante perceber que para uma cidade que recebia um número significativo de trabalhadores de outras regiões, esta preocupação, assim como outras, tinham endereço certo, possibilitando indagar que para o trabalhador do campo o tornar-se trabalhador na cidade incluía “enquadrar-se” em um conjunto de valores e comportamentos próprios do urbano.

A representação da cidade urbanizada e moderna nas páginas do *O Francano* também tinha outros fins mais específicos: atrair investimentos públicos, privados e de particulares para a cidade. Revelador desta investida foi o apelo direto feito em uma das páginas da edição de 13 de agosto de 1946:

*“A nossa cidade precisa de mais prédios. Empregue seu capital”.*

Até o final da década continuavam nas páginas do jornal propagandas que davam conta da existência de um comércio fino para atender a um “público seletivo”. Mas a partir dos últimos anos esta propaganda trazia também imagens. Anunciavam-se móveis, eletrodomésticos, roupas finas, entre outros produtos. A propaganda de 23 de maio de 1947, anunciava o alfaiate Alencar, situado à Rua do Comércio, 520.



Figura 3: O Francano, 23 /05/1947.

Embora o anúncio destacasse a mão-de-obra de primeira, os trabalhadores continuavam “ausentes” nas páginas do jornal, assim como o comércio comum como as feiras, mercearias, bares, açougues, granjas, selarias, casa de artefatos de couros, depósitos de materiais de construção, entre outros estabelecimentos próprios daqueles momentos, freqüentados normalmente por trabalhadores comuns.

As mudanças do discurso do jornal de década para década estavam associadas às mudanças conjunturais no âmbito das políticas econômicas da região na relação com as políticas estaduais e nacionais. Sendo assim, questões geralmente referentes á industrialização e urbanização, presentes nos anos de 1950, são apresentadas no jornal de forma a estabelecer um debate com os projetos destas esferas governamentais.

Alguns editoriais dos anos 50 colocaram em evidência questões do campo econômico e social em torno destes projetos, revelando aspectos do desenvolvimento industrial da cidade de São Paulo e sua região metropolitana na relação com o interior.

GARCIA, analisando o mesmo momento, elencou muitas semelhanças entre este processo na cidade de São Paulo, e as cidades do interior do estado, quando:

*“(...) em poucas décadas, a industrialização transformou completamente a paisagem urbana, o município foi invadido por ondas constantes de migrantes dos mais diversos cantos do Brasil. Nordestinos, mineiros, nortistas etc., vieram*

*somar ao número já expressivo de imigrantes e seus descendentes que chegaram no começo do século”<sup>87</sup>*

Segundo o Autor, a indústria que se instalou na cidade de São Paulo, a partir dos anos 50, já trazia consigo toda tecnologia pronta e, devido às características da região (concentração de mão-de-obra, rede de transporte e energia) foi possível uma crescente maximização das taxas de rentabilidade para o capital e a expansão industrial futura, que se expandiria para o interior nas próximas décadas. Expandindo também todas as conseqüências sociais deste processo, inchaço das cidades, problemas com saneamento básico, falta de moradias entre outros.

Formou-se, então, na região metropolitana, a partir destes anos, um grande pólo industrial para o capital multinacional. Embora o modelo econômico implantado pelo Estado brasileiro tenha permitido um amplo processo de concentração de capitais na capital paulista. Este fato não se reverteu em melhorias da qualidade de vida da população. Sendo importante considerar que, como o Estado estava comprometido apenas com o desenvolvimento industrial, deixou de atuar satisfatoriamente nas áreas de serviços públicos básicos como, saneamento, habitação, saúde educação, entre outros.

Portanto, embora tenha sido só nos anos 60, com o objetivo de evitar o caos urbano, que o governo do Estado de São Paulo iniciou seu programa de descentralização industrial, visando transferir para o interior parte da industrialização como forma de desafogar a concentração industrial na Grande São Paulo, este processo — com as mesmas conseqüências sociais — já eram perceptíveis nos anos 50 em algumas regiões do estado. E, mesmo considerando que o desenvolvimento industrial de Franca tenha contado com outros fatores importantes, como a tradição do trabalho com couro na região, as questões sociais às quais a cidade passou a enfrentar como conseqüências deste momento encontram relações com este processo maior. Mas *O Francano* não as discute como problemas ou fazendo qualquer crítica a estes projetos, pelo contrário, a intenção era afirmar a cidade como merecedora e correspondendo plenamente aos critérios e objetivos dos projetos estaduais e federais para o interior. Mas a leitura dos seus editoriais possibilita perceber nuances destas questões na cidade.

Sendo preciso considerar também que, ao propagar a imagem de cidade próspera, atraía-se um número cada vez maior de trabalhadores de outras cidades e regiões, o que potencializava a

---

<sup>87</sup> GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. **Migrantes mineiros em Franca**. Série História local n. 2. Franca: Unesp, 1989.

precarização das condições de vida, evidenciando a falta de políticas públicas para lidar com esta nova realidade. Reforçando o caráter assistencialista e repressor das formas como foi conduzido o projeto de desenvolvimento industrial e urbano na região

Foi também nos anos 50 que o projeto da criação do Distrito Industrial na cidade ganhou força no discurso do *O Francano*. Os editoriais destes anos revelavam uma grande preocupação não com as “mazelas” sociais da cidade como conseqüências desta industrialização e urbanização, mas com a sua exposição pública. Em suas páginas dava apoio incondicional às ações caritativas, principalmente espíritas, que tirassem das ruas a realidade à qual um número grande de pessoas estava sujeitas. E, apesar das feições urbanas caminharem em direção à almejada urbanidade, os editoriais desta década revelam — a julgar pelo número de vezes que retornavam às suas páginas — que o agravamento social persistiu durante toda a década. Destacando o “*sério problema da criança órfã*”, como problematizava o editorial de quatro de junho de 1950:

“MAIS UMA INSTITUIÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL EM FRANCA, -  
SUA FUNDAÇÃO – SUA DIRETORIA – SUA FINALIDADE:

*Realizou-se me 14 de maio próximo passado, após diversas reuniões prévias de estudo, a assembléia geral de fundação do orfanato nosso lar. Como é sabido, constitui ainda entre nós serio problema o da criança órfã. E neste setor é valioso o concurso das instituições particulares. Franca terá então um orfanato para abrigo, educação e preparação dos órfãos. È de geral conhecimento o valor da cooperação social que encerra.”*

Sendo assim, nos anos 50, sem comentar a ausência do poder público em ações referentes às questões sociais como moradia, desemprego, infância e velhice, o jornal prefere dar visibilidade à assistência caritativa, destacando a criação de albergues noturnos para idosos e orfanatos para crianças por parte de segmentos espíritas da cidade.

Impossível não indagar sobre as reais dimensões desta situação. Quem eram estes órfãos? Embora o editorial não forneça mais elementos, é evidente a presença de uma camada da população, homens e mulheres pobres, “migrantes”, que não usufruíam das benesses da urbanização que o jornal almejava para a cidade. Esta realidade se mostra mais evidente no editorial do dia 16 do mês de janeiro de 1953:

*“ALBERGUE NOTURNO*

*Sua inauguração hoje – o preenchimento de uma lacuna de há muitos sentida entre nós – os peregrinos tem onde repousar. Está marcada para hoje a inauguração do albergue noturno de franca, primeiro trabalho de caráter social e cristão de iniciativa do centro espírita Judas Iscariotes.*

*A cerimônia inicial será às 14 horas coincidindo com a 5ª semana espírita de franca (...) o albergue comportará 40 pessoas. (...). Já agora caminhantes desprovidos de recursos. Os pobres que correm afoitados pela doença e na busca de saúde tem onde descansar tem, graças a Deus, uma pedra para repousar a cabeça.”*

Crianças órfãs, caminhantes desprovidos de recursos, pobres que correm afoitados pela doença. Uma imagem da cidade real, é significativo que o jornal noticia a existência do “problema”, mas não analisa suas causas nas suas complexidades sociais, destacando o que entendia ser a solução dele: a criação de albergues. Também aqui cabe a indagação, quem eram estes sujeitos? Muito provavelmente entre eles estavam aqueles que, vindo de cidades vizinhas, socialmente expulsos pela ausência de trabalho e condições de vida, não conseguiram ocupação e nem moradia na cidade, sem condições de voltar, restavam-lhes, então, procurar os albergues da cidade.

A compreensão de que são próprios do capitalismo processos sociais pelos quais homens do campo tornam-se trabalhadores urbanos, mas também desempregados, desabrigados e pedintes na cidade, sugere que a ampliação do número dos curtumes maquinizados a partir da década de 50 e a ascendente industrialização e urbanização nas décadas de 60 e 70, evidenciou também em Franca,

assim como em outras cidades “ricas” do interior paulista, uma realidade social já vivenciada na cidade de São Paulo na sua expansão industrial e urbana para a região metropolitana e para o interior.

Outro fator a ser considerado é que nos anos 50 a agricultura da região passava por um processo de modernização técnica, dispensando muitos trabalhadores, que procurava na cidade possibilidades de trabalho, como foi o caso dos velhos curtumeiros ao deixar as fazendas nas quais trabalhavam dirigindo-se para o núcleo urbano da cidade.

Evidenciando que se nos anos 40 o trabalho nas fazendas de café da região era farto, nos anos 50 e início dos anos 60, o processo de mecanização do campo provocou mudanças na oferta, nas formas e relações de trabalho na região, perceptíveis na liberação de força de trabalho do campo para a cidade, excluindo um número significativo de pessoas que na cidade chegavam naqueles anos, vindos de outras regiões, que, sem trabalho, caminhavam pela cidade.

O diálogo entre os editoriais e as narrativas leva a crer que as possibilidades de trabalho em um curtume da cidade eram maiores para aqueles que já trabalhavam nas fazendas da região, sendo mais difícil para quem chegava diretamente à cidade a procura de trabalho naqueles anos. Pois se os curtumes davam preferência para homens da roça, como relatou o Sr. Jácomo e outros, aos que vinham de fora, diretamente para o núcleo urbano, eram atribuídos olhares preconceituosos e discriminatórios.

A existência dos albergues expõe a presença de um importante grupo de homens que ao não encontrar ocupação e condições de moradia na cidade buscava nestes espaços a única possibilidade de permanência na cidade. Explicitando assim, que o papel destes albergues era exatamente confina-los e tirá-los das ruas e das vistas da população.

A dificuldade de morar se fez presente em várias falas dos velhos curtumeiros. Como se recorda o Sr. José do Patrocínio:

*“(...) Deus me livre, aquilo era muito apertado, viver de favor, casa era muito cara naquela época, tinha aqueles planos do governo, BNH, mais aquilo num dava pra todo mundo. Eu mesmo comprei casa só bem depois. Tive que pagar muito aluguel. Aluguel ali, aluguel acolá, só num voltei pra roça por causa da mulher”*

Mas caminhando pela cidade cinco anos depois, já no ano de 1955, “*continuaríamos a nos deparar com um inconveniente*”, no entendimento do jornal, a persistência de mulheres e crianças pedindo esmolas que continuavam percorrendo as ruas da cidade. Para tal “problema”, desta vez o jornal apresentava uma “solução simples” no seu editorial de dois de abril do ano de 1955: “*que os mesmos sejam devolvidos para onde vieram*”.

*“Perdoem-me os possíveis leitores desse canto, mas de dois assuntos trataremos, embora rapidamente.*

*Começaremos pelo assunto da assistência ao pobre. Já há algum tempo nossa câmara municipal aprovou as leis que visavam acabar com a mendicância em Franca, assim a contribuição passou a ser obrigatória por força de lei, ou muito ou pouco, todos tem que contribuir com o quinhão para a assistência aos necessitados.*

*Além disso, a entidade encarregada da solução do problema, continuou arrecadando dos seus associados a mensalidade que vinha recebendo (...) Julgou-se a principio que o assunto solucionado, entretanto não o foi. Continuam percorrendo as ruas da cidade mulheres e crianças pedindo esmolas “pelo amor de Deus” (...). Algo está errado, mas precisa ser reparado, se os pedintes que continuam esmolando não são de Franca, que os mesmos sejam devolvidos de onde vieram e, se são daqui, que se tomem providências enérgicas para que sejam amparados.*

A partir dos últimos anos da década de 50, a visibilidade das mazelas sociais passou a preocupar as autoridades públicas, que criaram, por força da lei, a cobrança de uma contribuição específica visando combatê-las, não tendo, porém, representado soluções reais, pois o editorial continuava sugerindo que se “devolvesse” para suas cidades aqueles que incomodassem a ordem pública e a urbanidade.

Em inúmeras oportunidades o jornal tematizou questões que, se por um lado, mostram a intenção de separar, confinar e higienizar a cidade por parte de determinados segmentos, por outro, revelam as carências e dificuldades daquela população.

Mesmo considerando que a cidade mudou muito em uma década, é claro que ruas foram pavimentadas e iluminadas, bairros ganharam saneamento básico e o comércio aumentou – o que seria de se supor para a maioria das cidades brasileiras de médio porte neste período – ainda no final

da década de 50, andando pelas ruas de Franca, encontraríamos, também como em várias outras cidades brasileiras de médio porte, itinerantes pobres que “aportavam” na cidade e à noite buscavam abrigo no Centro espírita Judas Iscariotes, como informava o editorial de 23 de abril de 1959.

*“CENTRO ESPIRITA JUDAS ISCARIOTES*

*Recebemos o seguinte ofício: Com o presente venho informá-lo sobre o movimento do albergue noturno de Franca durante o primeiro trimestre deste ano. Como segue:*

*SEÇÃO MASCULINA: 257 homens, com 687 pernoites. 41 menores, com 53 pernoites. Totais: 298 hospedes, com 782 pernoites.*

*SEÇÃO FEMININA: 75 mulheres. Com 147 pernoites. 32 menores com 53 pernoites. Totais: 197 hospedes com 200 pernoites.*

*O albergue noturno continua prestando reais benefícios fornecendo pouso a itinerantes pobres que aqui aportam, conforme pode verificar pela demonstração acima.”*

As ações dos Centros Espíritas faziam parte da maneira de determinados segmentos “intervir no social”, pois os grupos espíritas eram, e são, compostos — na sua maioria — por profissionais das classes médias e liberais, médicos, advogados, comerciantes e industriais, entre outros. O que explica o apoio do jornal à suas ações. As suas práticas revelam, portanto, a maneira destes segmentos pensar o gerenciamento e a organização do social e uma forma de intervenção específica na recuperação dos “desvalidos” e sua “re-inserção” social e ao mundo do trabalho, atribuindo a si este papel.

Esta forma de pensar e agir sobre o social explica porque, mesmo tendo problemas com a Igreja católica da cidade<sup>88</sup>, estes grupos eram vistos pelo jornal como uma importante parceria no tocante às questões sociais na cidade, possibilitando indagar que membros da diretoria do jornal pertencessem a alguns grupos espíritas da cidade.

Tais Centros praticavam a linha Kardecista, segmento historicamente ligado às classes médias urbanas, amplamente aceito no Brasil desde o início do XX e com forte tradição em

trabalhos assistencialistas, junto aos pobres urbanos.

A forte presença das ações assistencialistas ligadas ao espiritismo na cidade possibilita pensar sobre a construção social da idéia de pobreza no discurso e nas ações da elite local. Marcando um momento, a partir da década de 1950, em que trabalhadores do campo, vindos de outras regiões ou sem trabalho nas fazendas locais, ao não conseguir trabalho e moradia na cidade, começam a incomodar a pretendida urbanidade e moralidade pública.

Ao perceber a presença massiva de homens do campo na cidade, migrantes, com seus hábitos, costumes e tradições rurais, “difíceis” de serem transformados em trabalhadores urbanos e na medida em que não se tinha mais o controle deste processo, categorizá-los como pobres, errantes, pedintes, entre outras categorias sociais, possibilitava àquela elite lhe impor um tratamento próprio, sob seu controle: a assistência caritativa

Outra questão importante a considerar é o fato destas ações, de caráter assistencialista ligadas ao espiritismo, terem tido resultados limitados, como fica claro pela forma como o assunto é tratado pelo editorial, chegando mesmo a pedir desculpas aos leitores por abordá-lo novamente, e pela existência de tantos processos-crimes contra práticas religiosas de caráter popular, enquadradas hora como curandeirismo, hora como charlatanismo. Sendo possível indagar, portanto, que a partir daqueles anos, décadas de 1950 / 60, a grande maioria da população da cidade passou a ser composta de pessoas do campo, vindas principalmente de pequenas cidade do sul mineiras, portanto ligadas ao catolicismo rural, com raízes no catolicismo colonial de tradição portuguesa, para quem o espiritismo soava como prática estranha e ameaçadora.

Tentando adentrar nesta territorialidade de inclusão e exclusão, que oferecia novas oportunidades, mas também discriminava e enquadrava, leio mais um processo-crime, desta vez contra o Sr. Mamede Silva, tentando tangenciar trechos de caminhos percorridos entre o campo e a cidade no constituir-se “trabalhador” na cidade. Documento revelador de olhares e preconceitos sociais sobre práticas populares e rurais naqueles anos, possibilitando desvelar aspectos da cidade vivida.

Neste processo, em que o Sr. Mamede foi acusado de práticas de curandeirismo, já nos anos de 1959/60, revela-se um espaço urbano imbricado por práticas populares e tensões entre estas práticas e a lei na cidade que se pretendia moderna, eliminando práticas consideradas atrasadas, neste caso específico, ligadas à religiosidade. Tudo leva a crer que o hábito de freqüentar “casas de

benzer” era prática corrente no centro urbano de Franca nestes anos, freqüentadas pelos mais diversos segmentos sociais, embora o processo explicita formas preconceituosas como tais práticas eram vistas.

Quando da “*batida policial que deu flagrante ao acusado*”, a quarta testemunha do inquérito, Maria Sebastiana Faria, presa juntamente com todos os presentes na casa n. 128, da rua 2, do Jardim Francano, “*qualificada como parda, brasileira, datilógrafa, natural de Passos, Minas Gerais*”, afirma que:

*“Conhecia há muito tempo Sr. Mamede Silva, desde que este era chefe de trem da Mogiana (...). E que a casa estava muito cheia, que tanto dentro da casa como o alpendre da casa estava lotadinha de gente, e que a depoente calcula para mais de vinte pessoas, que só na frente da depoente havia mais de doze pessoas para ser atendidas, que quando chegou a vez da sobrinha da depoente ser atendida, a polícia chegou no local e prendeu o Sr. Mamede. Que o senhor Mamede não cobrava nada pelo que fazia. Que a depoente conversou com um senhor da roça que também estava em casa do senhor Mamede, e que ali havia ido por indicação de pessoas que dizia conhecer o senhor Mamede há muito tempo”*

Maria Sebastiana revela a presença de um grande número de pessoas da área urbana da Cidade — composta naqueles anos por bairros como Cubatão, Santa Rita, São José, Jardim Francano, Estação, entre outros — em ocupações tipicamente urbanas, inclusive ela própria, datilógrafa, e o próprio acusado, chefe de Estação, mas também de “pessoas da roça” buscando alento nos conhecimentos do Sr. Mamede.

Na defesa do acusado, atribui-lhe valores moralmente aceitos e que, no seu entender, os inocentariam, o que demonstra que ela sabe o que dizer para livrar o acusado do crime atribuído à ele. Argumenta que o mesmo é chefe de estação. Figura mística, mas homem de ocupação reconhecida, com trabalho e profissão. Respeitado por adivinhar procedimentos. Rezador, prática aceita pelo catolicismo popular e não umbandista, prática socialmente discriminada na cidade naqueles anos.<sup>89</sup> Esclarecendo que estava ali por indicações de pessoas que conheciam o Sr. Mamede há muito tempo, outra vez fornecendo pistas de que estas práticas eram valorizadas por muita gente na cidade.

O seu depoimento como testemunha, construído para afirmar ser o Sr. Mamede como

---

<sup>89</sup> JURKEVICS, Vera Irene. **O confronto entre católicos e espíritas na cidade de Franca**. Revista Estudos de História, Unesp/Franca, 1996.

homem de bem, é pontuado por argumentos pautados pela razão. Demonstrando, inclusive, que sabia do peso das suas afirmações, esclarece que o Sr. Mamede não cobrava pelos seus serviços.

Pelo depoimento de Maria de Lourdes Simões, *“qualificada parda clara, brasileira, natural de São Joaquim da Barra, São Paulo,”* com 21 anos de idade, podemos pensar práticas de religiosidade como vivências sociais, orientando escolhas pessoais. Pois a depoente declara que:

*“A primeira vez que procurou o senhor Mamede foi para saber se o namorado era casado ou solteiro (...) que logo após ter terminado a reza declarou que o namorado da depoente era casado. Que a depoente não acreditou muito e procurou saber por outras pessoas, o que ficou sabendo; que não ficou ainda muito satisfeita, e foi pela segunda vez procurar o senhor Mamede (...) Que terminou de rezar e disse outra vez que o namorado da depoente era casado mesmo. Que depois disso a depoente descobriu um conhecido do namorado que provou ser o mesmo casado”*

Estratégias de religiosidade e sociabilidades construídas entre o campo e a cidade em um viver perpassado pela tensão entre religiosidades e práticas de sobrevivências. Assim, no viver no urbano nestes anos, imbricado por práticas religiosas populares, amalgamavam-se práticas católicas com a umbanda e o espiritismo, ambos com longa tradição e amplamente praticadas na cidade, porém vistas e aceitas de maneiras diferentes pela elite e pela municipalidade e autoridades locais.

Essas práticas, ainda que correntes e reconhecidas pela população, evidentemente eram negadas por seus praticantes ante a possibilidade de criminalização na justiça através do código penal de 1917. O próprio acusado, no *“termo de Interrogatório”* lavrado no dia 6 de junho de 1959, revela práticas entre o espiritismo e a umbanda na cidade.

*“Reconhece os objetos apreendidos (...) no quarto de sua nora, onde por coincidência (ele) se encontrava a procura de um livro de preces. Que estranha apenas uma caixa de defumador Pai Jacob e um vidro de Muscol (...) Que não é verdade que na ocasião trouxesse consigo uma figa, um corcundinha e cruz de Salomão. Que é espírita mas que não se dedica ao curandeirismo ou a prática do exorcismo com o sentido de realizar curas, que não costuma realizar seções espíritas de obter curas(...) Que sabe que no interior da imagem de Nossa Senhora de Aparecida foi encontrada certa quantidade de dinheiro, mas tem a*

*dizer que, na ocasião ele e seu genro deram a um netinho que fazia exames de promoção do primeiro para o segundo ano do grupo escolar(...) Colocou as duas cédula recebidas no interior da imagem e isto, obviamente, como o sentido de conseguir uma graça”*

A maneira como práticas ligadas à religiosidade, fortemente presentes na cultura popular — como práticas de cura ou adivinhações, geralmente associadas a curandeirismo ou charlatanismo — foram reprimidas, indica que tornar-se trabalhador no urbano naqueles anos, em diversos momentos implicava também enfrentar conflitos com a lei e a municipalidade, evidenciando a incompreensão da lógica da cultura do trabalhador do campo no espaço urbano.

Trabalhadores migrantes, imigrantes e seus descendentes, curtumeiros, sapateiros, chefes de estação, datilógrafas, balanceiros, domésticas entre tantos outros, forjaram a vida de diferentes formas na cidade. As suas lembranças são marcadas por estas diferentes formas de ter experimentado o viver, o trabalhar e o tornar-se trabalhadores urbanos em Franca naqueles anos, jogando luz às diferentes formas de apropriação, experimentação e elaboração deste espaço multifacetado e híbrido que é a cidade.

Um dos principais aspectos a ser explorado no depoimento do Sr. Mamede é a possibilidade de dissipar possíveis confusões entre fé, religiosidade, práticas e saberes populares, próprios da cultura do campo e um olhar discriminatório, vigilante, próprio da cultura da cidade, presente na acusação de charlatanismo atribuída à ele.

O caminhar pela cidade por meio das páginas do jornal, de alguns processos-crimes e das narrativas dos velhos curtumeiros possibilita, aos pouco, ir configurando as diversas territorialidades, dificuldades e preconceitos enfrentados - individualmente e como categoria social – por trabalhadores do campo no espaço urbano.

Também a narrativa do Sr. Jácomo possibilita delinear vivências, nem sempre pacíficas, entre as várias práticas religiosas na cidade naquele período:

*“Tinha. Tinha um (Centro) bem naquela curva ali. Ainda tem Centro Espírita aqui. Frequentava num tinha nada, eu mesmo muitas vezes ia na igreja católica. Ia (no centro também). Aqui atrás da igreja Santa Rita tem uma mulher que trabalha no Centro Espírita. Pergunta o Sebastião.”*

Quando perguntado sobre o assunto sr. Jácomo muda o tom da voz, não se sentido á

vontade em falar sobre sua frequência em tais locais.

*“Ai... eu fui só uma vez só... mas eu... naquele tempo era mais... sei não... o povo num sabia direito não, depois foi miorando, né, cumê que eles fala...os padres. Fazia, tinha... a gente fazia tudo.*

*Tinha. Aqui depois que saiu aquele negócio... aquele de fazer mal pro povo... cumê que fala aquele lá ? É. Tinha aquele lá e tinha aquele outro também. Macumba. Aqui tem outro...aqui em cima...aqui na Vila Europa diz que tem um lá.*

*É antigo. A mulher já é velha, já tem um 60... Aqui também no Jardim Francana tem um. (O mais antigo). É o do Jardim Francana. Aqui em cima tem um, o véio morreu há pouco tempo ficou a filha. A filha do tio Eco. E trabaia bem rapaz, você precisa ver. Que de primeiro eles falava que tinha assombração né. De Fato que tinha memo.*

*Na cidade na Fazenda... o centro espírita que tirou. O centro espírita chamou eles tudo. Chamou o espírito, é o espírito que fazia mal pros outros, ficava jogado na... ficava assombrando os outros. Ai os espíritas que juntou tudo e tirou eles. Foi, mas gente que sabe, num é qualquer um não.”*

Sendo assim, a presença dos velhos curtumeiros, no presente, com suas memórias, seus modos de vida e suas percepções deste processo marca uma importante resistência, quebrando representações da cidade urbanizada, moderna, insípida e incolor, afirmando a cidade do trabalho.

Neste capítulo tentei, portanto, apreender aspectos das diversas possibilidades de “caminhos percorridos” por trabalhadores, na cidade em seu fazer-se trabalhadores entre o campo e a cidade. Tentando transitar por suas ruas, bairros e vilas através deste jornal nos anos de 1940 e 1950, flagrando algumas nuances da cidade que se apresentava àqueles que chegavam e as possibilidades e dificuldades do fazer-se trabalhadores urbanos e curtumeiros naqueles anos. Repor presença de trabalhadores invisibilizados na cidade na memória da cidade que se buscava instituir naqueles anos.

Pensando o seu viver como forma de se apropriar da cidade, como território vivido, ligação entre o espaço real e a subjetividade, rastros deixados como narrativas textuais e imagéticas, possibilitando o desvendamento de processos pelos quais os sujeitos comuns são invisibilizados na cidade.

Tentou-se “costurar” um diálogo entre memórias, narrativas, processos-crimes, e os

editoriais, nas páginas do *O Francano* como um rico manancial para repor a presença de trabalhadores na cidade. Possibilidade de desvendamento de experiências de vida e de trabalho dos velhos curtumeiros.

No próximo capítulo, os nos de 1960 e 1970 serão revisitados, flagrando vestígios da presença destes trabalhadores em meio à construção da memória fabril, urbanizada e moderna, presentes em projetos que buscavam invisibilizá-los.

## **CAPÍTULO III**

### **TRABALHO E MODERNIDADE: CURTUMEIROS NA CIDADE RACIONALIZADA**

**“Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo tal como ele propriamente foi, significa apoderar-se de uma lembrança tal qual ela cintilou no instante de um perigo.”**

**Walter Benjamin**

A observação das mudanças urbanas às quais a cidade implantou, as formas como se reorganizou o espaço urbano, discriminando e “moralizando” práticas populares de trabalhadores, negando a cultura do campo na cidade, explicitou que a compreensão da existência de uma cultura do couro, ligada à tradição rural e aos trabalhadores do campo, presentes no espaço urbano, tornou-se incomoda para a elite urbana, intensificando-se o combate a esta cultura. Ao mesmo tempo em que buscava consolidar uma nova tradição, agora moderna, fabril, a coureiro-calçadista. Processo este que significou transformar trabalhadores do campo em trabalhadores urbanos, fabris. Negando a velha tradição de trabalho com o couro na região, ligada à lida com o gado, caminhos de tropeiros e práticas de trabalhadores do campo. Fazia parte da construção desta nova tradição afirmar, agora de forma ostensiva, a cidade como urbanizada, industrial e moderna.

Encontrar vestígios da presença destes trabalhadores em meio à construção da memória fabril, urbanizada e moderna, presentes em um processo que buscava invisibilizá-los, foi o objetivo deste capítulo.

A partir dos anos 60, o debate proposto pelo jornal trouxe questões relativas ao parque industrial coureiro-calçadista da cidade. Curtumes são visitados e a chegada de novas máquinas — símbolo da modernidade — são alardeadas, pontuando a modernização do setor, além dos anúncios dos carros últimos modelos, agora também disponíveis na cidade.

Sendo revelador o fato dos próprios curtumes, com sua sujeira e odores, resultado dos processos de trabalho com o couro, terem sido totalmente ignorados nas páginas do jornal até a década de 60. Por outro lado, os projetos de urbanização defendidos para a cidade e a própria posição do jornal buscava fazer uma espécie de pressão em torno da criação de um Distrito Industrial em uma área afastada do centro, que abrigaria as indústrias da cidade e principalmente os mau cheirosos curtumes.

Nesta linha, editoriais como o de 15 de outubro de 1959, assim como outras matérias elegiam temas dos mais diversos, como, por exemplo, a reorganização de fluxos de veículos no centro da cidade, invertendo sentidos e direções:

*“DELEGACIA DE POLÍCIA DE FRANCA COMUNICADO.*

*O Bel. Carlos de Barros Monteiro Junior delegado de polícia deste município, e comarca de Franca, faz saber que a partir do próximo dia 23, em caráter experimental, haverá apenas uma mão de direção na Praça Nossa Senhora da Conceição da direita para a esquerda. Sendo a primeira de uma série de medidas*

*a serem adotadas no sentido de regularizar o trânsito desta cidade, solicita com empenho a colaboração de todos os motoristas.”*

Organização esta que, entre outras coisas, causava estranhamentos e dificuldades no enfretamento da cidade, como recorda o Sr. Jácomo, que se mudou para o núcleo urbano de Franca em 1953:

*“(...) isso aí eu num lembro bem, num gostava de pegar ônibus, di noite eu num andava, falava que tinha roubo, que hoje eles chama de assalto. Sei que minha mulher também num gostava, eu falava vamos lá na casa de fulano, eu num vou não, num vou pegar ônibus não”*

Um longo esclarecimento prestado pelo delegado de polícia e veiculado ao jornal na edição de 24 de junho deste mesmo ano, fornece importantes pistas para compreendermos um pouco mais a cidade por onde circularam curtumeiros e tantos outros profissionais. A primeira coisa que o delegado alega, provavelmente defendendo-se de alguma cobrança por parte do jornal por mais segurança feita pelo jornal, é o “crescente desenvolvimento da cidade” e a reclamação de contingente insuficiente para garantir a segurança da cidade que crescia.

#### *DELEGASCIA DE POLICIA DE FRANCA*

*“Acontece porém, que enquanto aumenta o movimento com o crescente desenvolvimento da cidade, notamos que diminui assustadoramente o número dos mantenedores da ordem, assim è que presentemente contamos com tão somente com cinco guardas municipais, menos um que nesta data entrará em gozo de férias. A guarda noturna está desfalcadíssima em virtude dos contratemplos surgidos com a sua oficialização e posterior revogação da medida. Incrivelmente para tão extenso território para ser policiado dispõe apenas de sete (7) homens. O destacamento local está já muito tempo desfalcado, muito embora já procuremos por todos meios sanar esta falha. (...) Na verdade consideramos os guardas municipais uns abnegados que, com tão ínfimos vencimentos cumprem seus deveres pela manhã à tarde e ainda encontram tempo para policiar cinemas, festas etc. Os guardas noturnos pela própria natureza das funções que exercem já pelos miseráveis 800 cruzeiros mensais que recebem também merecem nossa consideração. Os soldados do destacamento local além de ser destacados para os distritos deste município, em número de cinco (Ribeirão corrente, Restinga, Jeriquara, Guarapuã e da Estação) revezam-se de acordo com os regulamentos*

*da fora publica no policiamento da cadeia pública das estações e estradas de ferro e rodoviária, dos cinemas e das quermesses que aqui se realizam periodicamente.”*

No entendimento do jornal se as questões sociais estavam “bem encaminhadas” a partir das ações da assistência caritativa, questões pontuais em torno da urbanização, como a organização dos fluxos de veículos e a construção de uma “moderna” rodoviária na cidade, iluminação pública, segurança, entre outras questões, exigiam a presença do poder público.

Considerando a defesa que o delegado faz dos “abnegados” guardas municipais *“que, com tão ínfimos vencimentos cumprem seus deveres pela manhã à tarde e ainda encontram tempo para policiar cinemas, festas etc.”* deduz-se que os espaços de lazer, principalmente os cinemas, amplamente freqüentados por populares - como visto por meio da leitura do processo em que a vítima foi a jovem Maria Aparecida -preocupavam bastante as autoridades locais.

Informam também sobre outras possibilidades da cartografia de trabalho e de práticas populares na cidade naqueles anos: estações e estradas de ferro, rodoviária e quermesses que se realizavam periodicamente. Enfim, territórios apropriados por trabalhadores em suas práticas cotidianas, o que preocupava as autoridades locais. A memória como prática social possibilita completar itinerários, demarcar lugares. Pontuando presenças de trabalhadores nesta cartografia, como se recorda o Sr. José do Patrocínio:

*“Ah a gente ia pra praça, ia ao cinema, era o auge... rapaz, que antigamente o auge era o cinema, que Franca era muito atrasada. Tinha o cinema, tinha as danceterias né. Agora os mais de idade fazia suas festinhas particular né. Faziam bailes, pescaria pra pescar né. Deixava as mulheres em casa e ia pescar, boa parte dos curtumeiros né.”*

Os editoriais desnudam preocupações, já nos anos 50, por parte da elite local em esquadrihar a cidade, demarcando lugares e se apropriando de espaços tradicionalmente freqüentados por populares, como o cinema, praças e ruas. O que “justifica” a sua constante “preocupação” com a presença destes em determinados locais, seja através do editorial, seja por meio de veiculação de reclamações de leitores. Neste sentido, uma queixa na edição de cinco de

agosto de 1958 é bastante sugestiva:

*“EDUCAÇÃO CABE EM QUALQUER LUGAR.*

*Não é de hoje que temos observado no cine São Luiz fatos que reputamos abaixo do nível da crítica, porquanto inúmeras famílias de nossa sociedade se tem revoltado contra a maneira nada lisonjeira de uma parte de freqüentadores do cinema local que prima pela falta de educação. Um dos fatos que mais perturbam os espectadores é a conversação no momento da exibição, do filme, desviando a atenção dos que ali vão para assistir ao mesmo, não se falando em cenas deprimentes de casais de namorados sem compostura moral. Outro fato importante, e este o mais grave, é aquele que ao aproximar o final do espetáculo os mais apressados e incorretos freqüentadores levantam-se e postam-se em frente a todo mundo e pelos corredores, dificultando a visão dos demais freqüentadores, o que é uma falta de educação e falta de respeito aos demais assistentes do cinema. Além deste fato bastante inadmissível e notado por todos estes outros que merece atenção dos srs. É aquele de fumar dentro da sala de projeção, o que contraria a boa norma da conduta em recinto, publico dando demonstração de pouca ou nenhuma consideração com as pessoas, especialmente as famílias que detestam tal procedimento. Aliás, existe uma lei municipal sobre o assunto que deve ser respeitada”*

Assim, práticas tão populares como conversar, namorar ou fumar na sala de projeção, eram julgadas pelo viés do que o jornal entendia ser uma questão de moralidade pública.

Mais que pensar sobre olhares e representações sociais ocupadas por aqueles que chegavam à cidade, esta queixa possibilita indagar que a lógica da cultura do campo não permite entender a lógica da cultura urbana, e, ao não se adequar, é tida como desrespeitosa, revelando universos distintos em que, mais que apreciar silenciosamente ao filme, momento de contemplação solitária — pratica tipicamente urbana — outras práticas como conversar, namorar ou fumar neste espaço ganhavam sentido.

Também a rodoviária da cidade estava na lista dos *abnegados guardas municipais* não só por se tratar de lugar de possibilidades de lazer e das mais diversas práticas, mas por ser uma das principais portas de entrada da cidade.

O Editorial de seis de setembro de 1953 é revelador desta preocupação:

*“AINDA SOBRE A QUESTÃO DA ESTAÇÃO RODOVIÁRIA*

*“Conforme foi noticiado pelo nosso colega “O comercio de Franca” realizou-se na sexta-feira trazada nos salões da associação italiana uma reunião na qual compareceram representantes dos distritos de franca e municípios visinhos para a solução do problema enfrentado pela municipalidade referente à localização da rodoviária. Esta reunião contou com a presença do Senhor Prefeito de franca. O assunto foi amplamente debatido e resolveu afinal que um grupo de pessoas da cidade vai custear a vinda da capital paulista de uma comissão de urbanistas para opinar sobre a localização. (...) comovem os nossos prezados leitores a localização da estação rodoviária esta se tornando um assunto bastante complexo.”*

Rodoviária pela qual transitaram muitos ônibus da Viação Cometa, rumo á Avenida Brasil, como perceptível edição de 18 de julho de 1961.



*Figura 1: O Francano 18/7/1961.*

O editorial sugere que se precisava remodelar a cidade, preocupando-se com o olhar de especialistas paulistas, nesse caso urbanistas que deveriam opinar sobre qual seria o melhor lugar para a rodoviária da cidade. Interessante perceber que além de ser considerado um assunto complexo, a localização da rodoviária envolveu a mobilização das cidades vizinhas, sugerindo que, primeiro, o que realmente incomodava não era exatamente a sua localização, afinal este é um assunto de livre arbítrio das autoridades municipais, mas sim o fluxo de trabalhadores, nem sempre desejáveis, vindas destas cidades vizinhas.

E, segundo, a preocupação em orientar o fluxo das linhas do transporte coletivo revela não só a necessidade de melhorar o trânsito, mas, principalmente, orientar os fluxos de trabalhadores, evitando a sua presença em locais e horários indesejados. Assim, linhas que servem ao centro da cidade, bairros comerciais e fábricas, serão bem servidas de ônibus nos horários próprios para transportar os trabalhadores necessários, e, no sentido inverso, de maneira que se possa garantir que estes voltem para suas casas o mais rápido possível. Escasseando-se em momentos em que não se precise da presença destes trabalhadores naqueles locais. O mesmo valendo para os bairros habitados pela classe média e alta, servindo-os de seus empregados domésticos.

Também subjacente à esta mudança está a necessidade de facilitar um tipo de transporte, o ônibus, que ainda causava estranheza à maioria da população. Tensões e ambigüidades “próprias” do urbano, que, ao mesmo tempo em que se pretende receptivo impõe aos que chegam o desafio da apropriação do novo espaço e do domínio dos seus serviços, como a utilização do transporte coletivo. Como se recorda o Sr. Jácomo:

(...) *Nossa senhora, foi preciso aprender muita coisa, que era muito diferente... Nossa senhora, a gente num sabia pegar ônibus, que nesse tempo já tinha umas linhas aqui...*

Assim, assuntos que, de uma forma ou de outra, incomodavam a pretendida urbanidade eram abordados juntamente com a veiculação de propagandas de produtos próprios da década de 50, como os modernos automóveis que chegavam à cidade:



**CARRO AEROWILLIS**

*Figura 2: O Francano 7/8/54*

Apresentar a cidade como dotada de infra-estrutura, além de “*bonita e urbanisticamente bem resolvida*” fazia parte de um projeto maior com objetivos de chamar atenção das autoridades estaduais e federais, como já foi citado, para atrair investimentos externos, afirmando a cidade como merecedora de grandes investimentos públicos, e, neste sentido, a sua industrialização, juntamente com sua localização, foram eleitas como a porta de entrada para estes investimentos.

Em um editorial de 7 de agosto de 1954 o crescimento industrial da cidade era fervorosamente defendido, e a cidade era comparada com as “*co-irmãs do Estado*”, destacando a

preocupação em apresentar o seu progresso e desenvolvimento.

E mais um apelo direto era feito:

### *NOVAS INDÚSTRIAS*

*Nota-se na cidade um movimento de renovação, procurando-se transformar nossa urb, colocando-a no mesmo pé de igualdade das co-irmãs do Estado. Ruas são asfaltadas, prédios são pintados e a roupagem da cidade foi trocada, apresentando aspecto bonito aos olhos daqueles que a visitam (...). A indústria encontra-se em pleno florescimento, sendo o parque industrial poderoso (...) Franca desfruta de posição privilegiada face a construção da monumental usina hidrelétrica de Peixoto. Precisamos e devemos tirar proveito dessa situação. Com clima excelente, condições higiênicas e sanitária inigualáveis dada a sua situação topográfica, apresenta-se a cidade como local ideal à instalação de novas indústrias. Os centros urbanos que não possuem lavoura capaz de amparar a sua economia voltam-se para a indústria. Somente a industrialização as salvará da decadência de se transformarem em cidades fantasmas. Monteiro Lobato descreveu com precisão este tipo de cidade. (...) Cabe à imprensa, ao rádio, aos políticos as associações de classe, encetarem entusiástica campanha no sentido de tornar conhecida Franca nos grandes centros industriais e financeiro do país (...).*

Assim, ao integrar bairros e vilas, definir lugares para bairros e casas populares, iluminar ruas, organizar fluxos, “moralizar” práticas populares, entre outras ações, elegia-se os espaços-símbolos desta urbanização e de sua negação. A edição de 04 de Junho de 1956 anunciava que o primeiro arranha céu da cidade, localizado na Avenida Major Nicácio, já era uma realidade, evidentemente destacando o grupo de homens “empreendedores” responsáveis pelo feito.

Tomando o moderno apenas por seus símbolos externos — industrialização e urbanização — e a cidade de São Paulo como modelo à ser seguido, era constante nas páginas do jornal a comemoração da construção dos novos prédios na cidade, assim como a tematização da industrialização, como no editorial de 5 de novembro de 1957 :

### “A INDÚSTRIA EM FRANCA

*No momento em que Franca, festivamente, comemora o centenário da elevação a*

categoria de cidade, tudo o que ela possui de mais belo e importante é estudada e analisada no sentido de se mostrar suas potencialidades.

*Franca é hoje um centro industrial de primeira grandeza, com diversas indústrias em franco progresso projetando o nome de nossa cidade nos recônditos lugares da pátria e até no exterior (...).”*



Figura 3: O Francano 4/6/1956

O apelo da citação acima pontua um momento, meados dos anos 50, em que a cidade mudava sua vocação agrícola para industrial, beneficiando-se além da infra-estrutura regional, como a usina hidrelétrica de Peixoto, também de apoio financeiro do governo federal, possibilitando processos de modernização e diversificação industrial, para que a cidade se despontasse nos anos 60 como o maior pólo calçadista do país, principalmente no que se refere aos calçados masculinos.<sup>90</sup>

Apesar do destaque para o parque industrial da cidade, sendo mesmo um dos seus principais ícones da modernização pretendida, os editoriais faziam poucas referências aos curtumes, o que se explicava pelo fato dos mesmos — apesar de já maquinizados nos anos 50 — não acompanhar o ritmo de modernização da indústria calçadista, portanto não sendo — aos olhos do

<sup>90</sup> BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (orgs.). **Na Estrada do Anhanguera: uma visão**

jornal — dignos de menções. Ao contrário, a sua presença, com seus odores e resíduos, deveria ser invisibilizada, problema que se resolveria naturalmente com a criação do *Distrito Industrial* e a transferência dos mesmos para um local afastado do centro da cidade.

Outro fator a se considerar é o próprio papel ocupado pelos curtumes na cadeia produtiva do couro, sendo apenas fornecedor de matéria prima à indústria coureira e calçadista, além do que, os curtumes com seus resíduos e odores estão tradicionalmente ligados à tradição do trabalho artesanal com o couro e à lida com animais, tradição esta que se pretendia negar classificando este trabalho como sujo, atrasado.

Mas a partir dos últimos anos da década de 1950 apareceram anúncios, ainda tímidos, dos curtumes da cidade. Como o veiculado na edição de 18 de maio de 1957 pelo Curtume União:

*“CORTUME UNIÃO*

*Servi & Cia.*

*Especializado em vaquetas ao cromo em geral. Vernizes – Nacos – Solas para sapateiro – Raspas*

*Rua Floriano Peixoto, 290 (antigo 244).*

*Fone 311 – Est. de São Paulo”*

Ao contrário, as propagandas de sapatos finos, como na edição 23 de agosto de 1959, que visavam atingir diretamente ao consumidor final, de bom gosto, pretendia marcar o momento que a indústria estava vivenciando, ganhando mercado nacional e internacional exatamente com a produção de sapatos finos.



Figura 4: O Francano 3/3/59

Contrariamente a vários outros, no editorial, de 3 de março de 1959, a cidade estava aberta e se preparando para receber novos visitantes, evidentemente, desde que não se tratassem de açoitados pela fome e pela doença aos quais aqueles se referiram:

*“Por toda parte as construções se delineiam aqui e ali, no centro e nos bairros mais afastados, pois a cidade cresce progressivamente com a entrada de gente nova dos Estados vizinhos, fazendo aumentar nossa população em quantidade e qualidade. Os jardins se modernizam, as ruas são reparadas, as calçadas e os muros estão sendo verificados e melhorados as casa ampliadas e adornadas com reparos modernos, tudo concorrendo para embelezar nossa urb, que o visitante tenha uma impressão das mais carinhosas.”*

Os bairros mais afastados aos quais o jornal se refere são os atuais Bairros Progresso, Vila Industrial, entre outros bairros operários que começavam a surgir nestes anos. Interessante perceber a constante preocupação com o olhar do outro, sendo perceptível a tentativa de mostrar a cidade como merecedora de investimentos, mas esta representação atraía também um número cada vez maior de trabalhadores que buscavam trabalho na cidade, como se recorda Carlos:

*“ (...) È como eu te falei, der repente parecia que franca era o paraíso pro trabalhador. Eu me lembro que vinha gente aí de todos estes lugares, aí saia muita coisa na imprensa, aí as pessoas pensavam deve ter muito trabalho mesmo, e vinha né, Aí você tinha duas opções, as fábricas de calçados ou os curtumes, que naqueles anos ( décadas de 60 e 70), num era mais pra roça que eles vinham”*

Mas o convite à vinda de pessoas de fora para a cidade agora tinha suas restrições, e provavelmente, não se estendia também aos habitantes dos chamados “pardieiros alugados às famílias”, como constatamos na seqüência do editorial.

*“O que falta resolver de uma vez por todas é acabar com os pardieiros que existem espalhados, enfeando sobremaneira o aspecto urbanístico de nossa cidade, os quais apesar de condenados pelos Serviços de Saúde Pública, ainda continuam alugados, residindo famílias e a existência de bares, onde a higiene falta por força das precárias condições dos prédios centenários.”*

Embora o editorial estivesse preocupado mesmo era com o “incômodo” que as moradias populares causavam por estar no centro da cidade, e com os prédios centenários, símbolos do passado, ao seu olhar, revela que o crescimento da cidade colocava novas questões à administração pública, fazendo crescer também os problemas e as necessidades, entre elas a necessidade de moradia na cidade.

Afinal, quem eram as famílias que habitavam os pardieiros aos quais o jornal se referia? Com certeza trabalhadores procedentes de outras regiões e estados, entre eles vários curtumeiros, pois a dificuldade com a moradia foi pontuada nas lembranças de todos eles.

Apesar do tom ufanista do editorial, desta vez em 29 de setembro de 1957, em tom de comemoração trazia-se uma notícia de interesse de todos aqueles que foram para a cidade buscando uma vida melhor:

#### *FINALMENTE UMA REALIDADE AS CASAS POPULARES EM FRANCA*

*Tendo notícia que o Dr. Flavio Rocha acabava de retornar da capital federal, onde fora tratar de assuntos de interesse do município, nossa reportagem procurou aquele prócer político, tendo obtido, em primeira mão, preciosas informações que enchem de satisfação a quanto desejem o bem estar e o progresso de nossa gente e de nossa terra.*

*“CASAS POPULARES:*

*Solicitado sobre o assunto disse-me o representante do PTB;*

*Realmente acabo de retornar do Rio de Janeiro, onde pela terceira vez, durante o ano, estive tratando de assuntos de interesse do município relacionado com*

*autarquias e o governo federal.*

*O assunto principal desta minha terceira viagem foi à solução definitiva do problema da construção de casas populares em franca. Mais uma vez recebido com toda solícitude por parte do Dr. Jorge de Matos superintendente da Fundação da casa popular, tive oportunidade de constatar o grande interesse na consecução de tal objetivo, como anteriormente me fora manifestado pelo eminente presidente da república, idealizador desta obra, que em realidade... atender os interesses das classes menos favorecidas.*

*Manifestando o interesse da administração atual deste município pela imediata solução do problema obtive a certeza da construção de 100 (cem) casas populares em franca, providencia que acabava de ser autorizada pelo Senhor presidente da república com a concessão da necessária verba (...) Instado pela reportagem sobre o método da seleção de candidatos às casas populares e as condições de aquisição, afirmou-nos o entrevistado: As casas populares se destinam aos operários e às pessoas menos favorecidas. Sendo a seleção dos candidatos regulada pelos estatutos da fundação”.*

As dificuldades com a moradia foram, para os velhos curtureiros, o principal desafio a ser superado no espaço urbano, todos eles relataram a luta para a aquisição da casa própria ao se estabelecer na cidade. O Sr. Bendito chegou a financiar uma destas casas, desfazendo-se dela anos depois.

Se os velhos curtureiros, Sr. Benedito, Sr. Jácomo, Sr. José do Patrocínio, entre outros, habitaram e ainda habitam bairros antigos da cidade, os Bairros Cubatão, Santa Rita e São José, no final dos anos de 1950 e início dos anos 60, surgem bairros novos, distantes do centro e destinados aos novos trabalhadores que chegavam na cidade. Assim, surgem bairros como Jardim Centenário, Jardim Palestina, Jardim Brasil, Jardim do Èdem, Jardim Palma, entre tantos outros “bairros operários” destinados aos trabalhadores, agora com financiamento para casas populares

Outro editorial da edição de 24 de junho de 1959 indica que o problema dos “pardieiros destinados aos alugueis” no centro da cidade já havia sido resolvido, provavelmente com as famílias operárias deslocadas para os bairros distantes por meio do financiamento de casas populares, ou simples precarização da moradia. Pois o editorial comemorava o fato da cidade, no seu entendimento, ter deixado para trás a velha Franca colonial, revelando o ideal de “*tornar-se uma das (cidades) mais bem cuidadas do interior do estado de são Paulo*”.

## *“O PROGRESSO DE FRANCA*

*Finalmente depois de um período de estagnação notamos que neste decênio a nossa cidade tomou novos aspectos, deixando de ser aquela velha Franca colonial para tornar-se uma das mais bem cuidadas do interior do estado de São Paulo. Na administração Alonso e Alonso se acentuou de forma admirável o melhoramento com milhares de metros de asfalto e calçamento que se entendeu em todas as direções da nossa urb. Agora o atual prefeito prossegue com o mesmo programa. Uma nova via de acesso ao distrito da estação, com a abertura da rua general carneiro, completamente instalada é certamente um grande empreendimento. A ligação projetada da rua general teles, com a construção de um pequeno viaduto, com o distrito da estação, será mais uma via de acesso entre a cidade e o populoso distrito. Medida oportuna necessária é o calçamento da Rua José Marques Garcia que serve a diversos estabelecimentos de atendimento social (...).”*

As memórias e narrativas dos velhos curtumeiros constituem-se em rico manancial para repor a presença de trabalhadores comuns, procedentes do campo na cidade, presentes nos locais de trabalho, mas também nas ruas, no comércio e praças, enfim, lugares vividos e significados. Como se recorda o Sr. Elídio:

*“ (...) hoje mudou muito, parece que nem é mais a mesma Franca que a gente vivia, outro dia mesmo passei lá no centro, aquilo tá mudando muito, tinha aquela praça onde a gente podia parar pra descansar, agora a prefeitura tirou a praça dali, disseram que estava atrapalhando o trânsito”*

As mudanças às quais o Sr. Elídio se recorda, e que também marcam as memórias de outros velhos curtumeiros, referem-se às alterações em algumas ruas e praças do centro comercial da cidade, realizada pela Prefeitura entre 1998 e 2000, sob alegação de melhorar o trânsito local. As ruas Saldanha Marinho, Cel. Francisco Junqueira, entre outras, passaram por reformas, e pequenas ruas tiveram seus sentidos invertidos.

Nos anos 50 as propagandas veiculadas no jornal revelam que a construção do ideário de modernidade na cidade passava também pelo manejo de outros símbolos, próprios destes anos, e definidores de posições sociais, como a aquisição da televisão, do rádio e outros eletrodomésticos. A edição de 15 de agosto de 1957 traz um anúncio de um sensacional televisor da marca ABC, novidades que supostamente passariam a ocupar espaços nas casas das classes média e alta da

cidade.

**SENSACIONAL!**  
Sòmente durante o mês de Setembro

**TV ABC**  
A Voz de Ouro

Em 15 pagamentos pelo preço de fábrica ou à vista com desconto especial

Sò em Mercantil Utilidades S/A.  
Comércio, 555 — esquina da Voluntários da Franca — fone, 2726

Figura 5: O Francano 15/08/1957.

Mais importante – para os objetivos deste capítulo – que pensar sobre a chegada dos eletrodomésticos para os francanos é constatar que os mesmos poderiam ser adquiridos na loja *Mercantil Utilidades S/A*, localizada na Rua do Comércio, 555, esquina com a Rua Voluntários da Franca, ruas centrais e que revela o tipo de ocupação que se pretendia para o centro: sem o seu casario centenário e sem moradias populares destinadas a abrigar o centro financeiro e comercial da cidade.

Embora geograficamente distante dos grandes centros urbanos de produção industrial e mesmo do poder, a cidade de Franca apresentou desenvolvimento urbano, industrial e econômico considerável a partir da segunda metade da década de 1950 e 60. Sua tradicional indústria de couros e calçados teve um papel importante neste processo, mudando as feições rurais da cidade em pouco tempo, como visto, expulsando moradores e práticas populares e rurais do centro definindo lugares para bairros “nobres” e para bairros populares e operários, definido assim territórios para uns e para outros na cidade.

Alguns elementos que notabilizam a cidade de Franca em suas características atuais fazem

com que o trabalho no setor coureiro-calçadista tenha destaque, uma vez que o desenvolvimento econômico da cidade é costumeiramente associado, tanto no plano discursivo como propagandístico — importantes meios de construção e divulgação da memória de determinados setores — ao desenvolvimento do seu parque industrial calçadista a partir das décadas de 1960 e 70<sup>91</sup>.

Momento que é relatado por Carlos Roberto:

*“Que não tinha mão-de-obra aqui em Franca, (...) da década de 70 até 88, ai depois foi ficando mais ruim. (...) 20 % da população que mora em Franca hoje é francano, e o resto garanto pra você que não é de Franca (...). O irmão vinha, trazia o amigo, o primo, a mãe, o irmão. Ia trazendo todo mundo entendeu. E aquele ia avisando pro outro amigo e assim por diante, entendeu. De 67 até 87 foi bom, então foi muito tempo pra atrair gente, vindo gente, ai tava faltando mão-de-obra em Franca, né, você via na região de Ribeirão que a laranja perdia que num tinha mão-de-obra. Então saiu no Jornal Nacional, saiu três ou quatro veis, que Franca, Ribeirão Preto precisava de mão-de-obra, que num tinha mão-de-obra.*

*Tinha serviço e num tinha mão-de-obra, então Goiás, Bahia, tudo, vieram pra cá (...). Pois é, imagina a Globo, né, falava no Jornal Nacional né, Franca e Ribeirão falta mão-de-obra, a laranja já está caindo, apodrecendo e não tem como panhar porque não tem mão-de-obra*

*Franca nesta época tinha cem milhões de pé de café, hoje tem quatro milhões, então veio gente de Paraná, Mato Grosso, Goiás, de tudo quanto era estado.”*

---

<sup>91</sup> Barbosa, Agnaldo de Souza. **Política e Modernização em Franca 1945 –1964**. Série História Local n. 9. Franca: Unesp, 1998.

A década de 60 foi marcada pela consolidação das grandes empresas de calçados na cidade, foi nestes anos que empresas como Calçados Terra, Sândalo, Samello, Agabê e os curtumes Progresso, Curtume Pucci, Curtume Orlando, Curtume São Marcos, Curtume União e Della Torre ganharam mercado nacional e internacional, especializando-se em sapatos finos masculinos.

Se nos anos 50 os editoriais perseguiram com mais ênfase as representações do progresso e da urbanização da cidade, nos anos 60 reproduz de forma mais agressiva o discurso do empresariado francano e do seu parque industrial. Saindo de cena os prefeitos “empreendedores” para dar lugar aos homens de negócios e seus empreendimentos, como na propaganda da fábrica de calçados Mello, instalada na Rua Ouvidor Frei, 685, que em 1962 completou 37 anos.



Figura 6: O Francano 13/08/1962.

Percebe-se pelo no slogan “se depender de Franca o Brasil andar<sup>á</sup> calçado” a construção da representação da cidade como *Capital Nacional do Calçado*, alicerçado nestes anos e consolidado a partir da segunda metade da década de 60. Chama atenção a forma “eficiente” como se construiu esta representação na memória da cidade, imagem esta que Franca ostenta até hoje não só no Estado de São Paulo, mas no Brasil como um todo.

Este *slogan*, como símbolo do desenvolvimento industrial francano e estratégia de *marketing*, construído a partir de uma combinação de interesses locais, regionais e nacionais, tinha a imprensa local, principalmente as páginas dos jornais *O Francano* e o *Comércio de Franca*, como principais veículos, a partir de diversas linguagens..

A charge da edição de 8 de abril de 1962 revela olhares e preconceitos em relação ao homem do campo, evocando a imagem do “caipira” e do atraso. Associando o hábito de andar calçado à urbanidade e “civilidades”, próprias do urbano.



Figura 7: O Francano 08/04/1962.

A partir destes anos as representações de cidade moderna foram associadas às representações da indústria moderna. Como na edição de 8 de abril de 1962:

“BRUNO BARINI E FILHOS

*Uma organização que honra e engrandece o parque industrial francano. Uma*

*família dedicada à indústria mecânica há quase meio século Já temos dito por várias vezes que Franca é, sem favor nenhum, um dos maiores centros industriais da hinterlandia paulista. Quer no que diz respeito ao fabrico de calçado, quer no que se relaciona a indústria mecânica. Hoje, por exemplo, temos a satisfação de trazer para a nossa coluna uma organização que a quase 50 anos se dedica a indústria mecânica em nossa terra. Trata-se da tradicional e conceituada firma BRUNO BARINI E FILHOS.”*

O parque industrial coureiro-calçadista, a partir dos anos 60, tornou-se a menina dos olhos do jornal. Destacaram-se as “modernas” fábricas de calçados e curtumes, “modernas” máquinas e técnicas, mas em nenhum momento fez-se referências aos trabalhadores que ocupavam estas “modernas” estruturas, os curtumeiros e sapateiros.

Novamente, algumas narrativas de velhos curtumeiros repõem esta “ausência”. Sr. Zequinha relata momentos da sua experiência de trabalho nos curtumes da cidade:

*“(...) olha eu não me lembro mais no que trabalhei primeiro quando cheguei aqui, sei que num foi em curtumes não. Aquilo era muito pesado e fidido, então trabalhei muito naquelas fabriquinhas de sapato que tinha aqui. Depois acho que os curtumes começaram a pagar bem... num sei quando, não me lembro. Sei que ai eu fui (...) Sei que o primeiro curtume que trabalhei foi o Progresso. Era um serviço ruim que só vendo. Com o tempo foi melhorando, fui aprendendo... trabalhei muito anos de descanador, depois de rebaixador, ai foi ficando melhor... trabalhei lá muitos anos.”*

Representação de modernidade que associava urbanização, industrialização, modernos



Assim, calçados finos, veículos de última geração, industrialização caminhavam juntos, “deixando longe” os problemas que a cidade enfrentava:



Figura 9: O Francano 25 / 11 / 1962

Sendo importante destacar que à medida que a indústria calçadista se desenvolvia e se destacava como símbolo da modernidade pretendida, criava-se uma situação em que restava pouco espaço – tanto na cidade como no discurso da modernidade – para os curtumes, uma vez que estes, como já foi analisado, representavam um papel “secundário” na cadeia produtiva coureiro-calçadista, além de ser considerado atrasado e, portanto, não sendo exatamente um símbolo da modernidade pretendida.

Também nestes anos a necessidade de “atrair” mão-de-obra, desta vez especializada, persistia, e a solução era apontada por uma leitora do jornal na edição de 8 de abril do ano de 1962:

*“FRANCA PRECISA DE MAIS ELETRICISTA ENCANADORES E PEDREIROS.*

*Já por várias vezes temos dito por meio desta coluna que Franca precisa de mais*

*encanadores, eletricista e pedreiros.*

*Neste sentido recebemos de uma leitora seguinte carta:*

*Sr. diretor de "O Francano" seria interessante que V. Sa. continuasse com aquela campanha sobre a falta de encanadores, eletricista e pedreiros em nossa cidade. Coitado daquele que tem necessidade do serviço de qualquer um desses profissionais. Tem de esperar, implorar, fazer promessa e entrar mesmo na fila. Pode-se contar o número de encanadores que Franca possui. A cidade vai se desenvolvendo dia a dia, principalmente no setor de construções, daí a necessidade do serviço de tais elementos. Por isso seria de bom alvitre que seu jornal lançasse o apelo aos que residem fora daqui e que sejam especialistas no ramo, para que mudem para Franca, sanando esta falta de há muito reclamada."*

Percebe-se o reconhecimento do jornal como porta-voz no encaminhamento das questões e “problemas” da cidade, assim como um olhar bastante diferenciado sobre àqueles que chegavam. Estes profissionais, pedreiros, encanadores, eletricistas, pintores, e outros, compunham uma mão-de-obra especializada, necessária, não fazendo parte do “contingente de pobres”, que tanto incomodava, portanto aceitos.

O diálogo com o conjunto das fontes que, apesar da cidade ser constituída na sua maioria por trabalhadores de outros estados, também nos anos 60, continuou, por parte dos setores dirigentes e formadores de opinião, inclusive o próprio jornal, a tentativa de criar uma invisibilidade sobre esta característica da cidade, e uma das opções com este intuito foi associar seu crescimento urbano, econômico e industrial à geopolítica do desenvolvimento industrial do Estado de São Paulo naqueles anos.

Sendo também esta a posição dos outros jornais que circulavam na cidade. Um artigo do *O Comércio de Franca* reproduzido em *edição comemorativa*, por ocasião do aniversário cidade, de 28 de novembro de 2001 é elucidativo deste projeto:

*“As diretrizes e definições econômicas do Estado de São Paulo alteram o posicionamento de suas cidades dentro de um quadro populacional. Com o alargamento das fronteiras agro-pastoris em direção ao oeste, muitos municípios recém criados crescem rapidamente e passam a figurar na lista dos mais populosos. Posteriormente com o arrefecimento do ímpeto desenvolvimentista, eles desaparecem do rol dos municípios mais populosos do Estado. (...) Entre*

*1960 – 70, a implantação da indústria automobilística e o adensamento industrial em torno da capital alteram o rol das cidades mais populosas e abrem espaço para Guarulhos, Santo André, São Bernardo do Campo, Diadema, São Caetano do Sul etc. Todavia, tal adensamento encontra seus limites e força a expansão industrial, partindo da grande São Paulo em direção a outras regiões e cidades do interior. Nesta fase começam a despontar municípios do Vale do Paraíba (São José dos Campos, Taubaté etc.). (...) Em 1940 Franca era a quadragésima posição no quadro populacional do Estado de São Paulo. Daí para frente ela foi galgando novas posições até chegar (com uma pequena queda em 1970) ao vigésimo lugar entre as principais cidades do Estado.”*

Nos anos 60 o Estado de São Paulo tomou a dianteira nos processos de industrialização e urbanização. A região de Ribeirão Preto foi um dos pólos mais dinâmico deste processo. O número de estabelecimentos industriais que era de 1532 em 1960 atinge 2513 em 1980. O parque industrial da região só era superado pela grande São Paulo e no interior, por Campinas, sendo que Ribeirão Preto e Franca foram os municípios que mais aumentaram o número de estabelecimentos.

O ano de 1963 foi um ano difícil para alguns setores sociais mais progressistas e empenhados com as questões político-sociais, com o país vivendo um divisor de águas e o governo de João Goulart sofrendo pressões no campo político, econômico e social. Momento em que apesar de muitos caminhos se apresentarem como possíveis venceu a reação, modificando profundamente os rumos das relações políticas, econômicas e sociais do país.

Por fim, o golpe de 64 impôs novas relações entre os poderes estaduais, municipais e as instâncias federais, bem como entre o capital e o centro do poder. Entre outras conseqüências, destacou-se a concentração de rendas e o aumento das desigualdades sociais. Mas, se a ascensão dos militares desmantelou as bases sociais e políticas em que se assentava o governo anterior, no plano econômico promoveu uma sensação de crescimento e desenvolvimento nunca visto, fazendo com que aqueles governos tivessem “apoio” político das elites na maioria das regiões do território nacional.

Este apoio se fazia presente principalmente por meio da adoção ou afirmação por parte daquelas elites do discurso do progresso, da industrialização e urbanização adotadas nos âmbitos estaduais e federais. Discurso que escamoteava o aprofundamento da pobreza e as desigualdades sociais, refletindo profundamente nos centros urbanos das médias e grandes cidades brasileiras.

A indústria de calçados de Franca foi beneficiada por um Decreto Federal de 1964, que criou o Grupo Executivo de calçados, com o objetivo de promover uma política de incentivos para este setor. Nesta década o município possuía 73 estabelecimentos entre indústrias de calçados e curtumes, com 2.517 operários e, em 1970, já contava com 14.286 trabalhadores entre operários dos dois setores e outras atividades afins. Neste período destacaram-se grandes fabricas de calçados como a *Samello, Terra e HB*, entre outras, mas também se verifica a permanência de pequenas oficinas de trabalho com o couro, muitas delas ocupando apenas mão-de-obra familiar.<sup>92</sup>

Não deixando dúvidas sobre as posições da elite francana naqueles anos difíceis, e de como o jornal se via como representativo destes setores também no tocante a estas questões políticas, em 23 de abril, desta vez de 1964, o jornal manifesta seu apoio incondicional à *Marcha da família com Deus pela Liberdade*, realizada na cidade vizinha de Patrocínio Paulista.

*“MARCAHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE REALIZADA NESTA CIDADE*

*Realizou-se no dia 21 em Patrocínio Paulista a marcha com Deus pela liberdade. O acontecimento marcou época em nossa cidade e teve e teve um movimento extraordinário. Participou dos acontecimentos as autoridades constituídas da comarca, a fanfarra do ginásio estadual Jorge Faleiros, grupos escolares, representações católicas pelas suas diversas irmandades (...). Durante as solenidades usou a palavra o jovem presidente da entidade patrocinese o Sr. Hudson Carlos Faleiros, discorrendo sobre a participação da mulher brasileira no glorioso movimento que culminou com a vitória da democracia.”*

---

<sup>92</sup> Alguns números são úteis para a compreensão deste processo: em 1960 a região Nordeste contava com uma população urbana de 337.187 habitantes e uma população rural de 291.313 habitantes, em 1979 estes números pulam 554.897 para 210.349 respectivamente e em 1980 de 843.949 para 135.458 BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (orgs.). **Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista**. São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000.

O discurso do *O Francano* mostrou a maneira como as elites das médias e pequenas cidades do interior paulista incorporaram os projetos e discursos dos governos autoritários destes anos, reproduzindo representações em torno da idéia de revolução, movimento pela democracia, pela família e pelo progresso, industrialização e da urbanização, desconsiderando quaisquer conseqüências sociais e políticos deste processo.

A imagem do progresso — assim como outras representações — construída nos artigos de Jornais e em outros meios de expressão de determinados setores, permite na verdade uma proveitosa percepção das posições políticas desses setores em momentos específicos, uma vez que assuntos das mais diversas naturezas passam por releituras nos jornais das pequenas e médias cidades brasileiras, fazendo com que questões da política e da economia nacional assumam as formas ensejadas localmente, possibilitando que os grupos locais diversos possam usá-las em seus interesses diversos<sup>93</sup>. Os editoriais associaram o desenvolvimento industrial e urbano que a cidade vivia neste momento ao discurso do empresariado local, fornecendo mais que a “imagem” da cidade que se pretendia moderna, mas nuances de projetos e utopias deste grupo<sup>94</sup>, como na sua edição de 1º. de setembro de 1964

---

<sup>93</sup> CARMO, Luiz Carlos do. **Funções de Preto**. Tese de mestrado em História defendida pelo Programa de Estudo Pós-Graduandos em História, Puc-SP: São Paulo, 2000.

<sup>94</sup> SOUZA, Fábio Gutemberg R. Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920 – 1945**. Tese de doutoramento em História pela Departamento de História do Inst. De Filosofia e Ciências Humana da Unicamp, Campinas, 2001.

KM. 1710. N. SERRANO MARIANO, 470 | R. do Comércio 543 - Franca | Telefone: 361 - 18 Chaves | Endereço: A. Malhada - Franca - SP

1.º de  
Setembro  
**1.935**

# JUBILEU DE PRATA DA Casa Bettarello

1.º de  
Setembro  
**1.964**

**A Casa Bettarello,** que há 25 anos vem exercendo suas atividades comerciais nesta extraordinária Franca do Imperador, sente-se jubilosa em poder levar aos lares francanos e da região, sua mensagem de profundo agradecimento pelas atenções que lhe foi dispensada durante estes cinco lustros de sua existência.

Esperam pois, seus diretores, continuar merecendo a mesma confiança e a mesma preferência que até hoje receberam da parte dos seus incontáveis amigos e clientes.

**Casa Bettarello - onde tudo é bom, barato e belo**

Rua do Comércio, 543 — FRANCA — Fone, 3623

Figura 10: O Francano 12/ 11/ 1964

Mas apesar dos ares de tranquilidade da Rua do Comércio em que estava localizada a Casa Bettarello, nos anos 60, com frequência fazia-se reclamações em relação ao que entendia ser as mazelas do trânsito na cidade, resultando em constantes acidentes.

Mazelas reveladas no processo por atropelamento iniciado no dia 12 de novembro de 1964 na delegacia da Cidade contra o motorista Natal José de Andreia, com 25 anos de idade, por ter atropelado Valdeci Ferreira no mesmo dia por volta de 13:20 horas. O atropelamento ocorreu “defronte à Padaria São Sebastião, no bairro da Estação”.

A mãe da vítima de apenas 4 anos de idade, era Dona Cesário de Souza que vivia de “prendas domésticas”.

Também na década de 1960, o apoio incondicional e acrítico às ações municipais continuou, assim como as preocupações com a expansão urbana e urbanística, sempre associada ao embelezamento da cidade e à tentativa de dar à cidade feições de grandes centros urbanos do estado

de São Paulo. O que ficou claro em um editorial publicado em cinco de maio do ano de 1965.

*“ASFATAMENTO DA AVENIDA CHAMPAGNAT*

*Nos que viajamos constantemente com destino a Patrocínio paulista, obrigados que somos a passar pelo trecho compreendido entre a avenida champagnat até o curtume progresso, vimos observando o belo trabalho que está sendo feito (...) o asfaltamento a arborização do local não só facilitará o transito como também contribuirá para o embelezamento da cidade.”*

Sendo também muito comum o anúncio de novos loteamentos de luxo e novos bairros planejados, como na propaganda abaixo que anunciava *o mais arrojado projeto urbanístico da cidade.*



Figura 11: O Francano 25/02/65

Se nos anos 60 e 70 presenciou-se a expansão dos bairros operários, longe do centro da cidade, marcando os limites urbanos da cidade, é também desta década o surgimento de dos bairros planejados como o jardim Scarabuecci.

Mas estas décadas são marcadas também pela continuidade dos processos de precarização das condições de moradia na cidade, continuando a expulsão social dos trabalhadores na medida em que bairros próximos do centro se urbanizavam e passavam a despertar interesses por parte da especulação imobiliária.

Sedo importante considerar que também nestas décadas este processo encontrava muitas semelhanças com o ocorrido na cidade de São Paulo: presença de uma população “migrante” inchaço da cidade e sua expansão para áreas distantes e precarização das condições de vida e de moradia do trabalhador.

A “construção” da modernidade francana na imprensa local já foi analisada em alguns trabalhos de pesquisadores locais, entre eles Agnaldo de Souza Barroso<sup>95</sup> e Ronaldo Aurélio Garcia<sup>96</sup>.

<sup>95</sup> BARROSO, Agnaldo de Souza. **Política e Modernização em Franca 1945 –1964**. Série História Local n. 9. Unesp, Franca, 1998.

<sup>96</sup> GARCIA, Ronaldo Aurélio G. **Migrantes mineiros em Franca**, UNESP, Franca, 1997.

GARCIA, informa que nestes anos ocorreu um constante processo de expulsão da população trabalhadora, e também “migrante”, conforme os bairros se urbanizavam e se tornavam mais próximos do centro, com vias e avenidas de acesso rápido.

Segundo o autor, os migrantes que chegavam apenas com sua força de trabalho, geralmente mineiros, eram obrigados a se acomodarem junto aos conhecidos que residiam na periferia. Como exemplo desta expulsão GARCIA cita o caso do bairro operário Parque Progresso.

*“Típica vila de periferia sem água encanada, saneamento básico, sem asfalto, mal servido pelos serviços públicos e focos de constantes conflitos com a polícia, havia neste bairro uma verdadeira ‘colônia de mineiros’, chegados recentemente. No entanto, a partir da segunda metade da década de 70, o bairro foi urbanizado e os migrantes, juntamente com a população local foram obrigados a entregar suas propriedades para as famílias mais abastadas e procurar locais mais periféricos para se instalarem”<sup>97</sup>*

Afirma também que na mesma década a Prefeitura Municipal tentou implementar um ousado planejamento urbanístico que previa a setorização da cidade, a abertura de avenidas largas e a preparação do município para inseri-lo no rol dos centros urbanos planejados. No entanto, apesar das estreitas ruas centrais revestidas de paralelepípedos terem sido asfaltadas, o projeto de reurbanização jamais saiu do papel. Era apenas mais uma euforia provinciana, segundo o autor. Cabendo, aos jornais diários, propagandistas dos produtos industrializados, rechearam suas páginas de anúncios, principalmente de eletrodomésticos e aparelhos eletro-eletrônicos.

Nas palavras do autor,

*“Franca esforçava-se para transformar em uma cidade industrial e urbanizada. No entanto as características do mundo rural ainda persistiam apesar de serem consideradas atrasadas e ultrapassadas. Novos monumentos foram erguidos como símbolos de uma nova era. Entre eles podemos citar: a concha acústica; a fonte luminosa e a urbanização da praça central.”<sup>98</sup>*

A edição de 28 de julho do mesmo ano possibilita adentrar especificamente a um curtume, o curtume Souza, evidentemente pelo olhar do editorial. Embora excessivamente laureado pelo articulista, mesmo assim podemos imaginar os velhos curtumeiros, classificados pelo jornal como

---

<sup>97</sup> Idem

<sup>98</sup> Ibidem.

*excelentes operários dedicados à sua faina, exercendo funções como caleiro ou descanador, funções exercidas pelo sr. Benedito durante muitos anos, ou rebaixador, função que o sr. Jácomo exerceu em vários curtumes.*

#### *“VISITANDO O CURTUME SOUZA*

*Por diversas vezes temos dito através destas colunas, do progresso que vai se verificando em todos os setores de atividade de nossa velha franca. Hoje por exemplo, temos a satisfação de registrar a visita que fizemos há poucos dias ao curtume Souza, localizado na rua Floriano Peixoto 168, ali fomos gentilmente recebidos pelo seu dinâmico proprietário e grande amigo Antonio Candido de Souza, em companhia do qual percorremos todos os departamentos de sua promissora indústria de couro. Segundo observamos a direção da firma está efetivamente empenhada em melhorar cada vez mais seu equipamento a fim de que possa aumentar seu volume de produção. Causou-nos sem dúvida magnífica impressão por tudo aquilo que nos foi dado observar (...) Os couros trabalhados com a mais rigorosa técnica moderna, a par de excelentes operários dedicados à sua fina tem apresentado pele as mais variadas em cores e nos melhores padrões de acabamento, verdadeira obra-prima em matéria de curtume se assim nos expressamos bem”.*

Dois acontecimentos pontuaram mudanças significativas no processo produtivo nos curtumes naquele momento. A importação de máquinas americanas e a busca de novas cores, novos padrões de acabamento, iniciando os processos de modernização da produção — já nos anos 60 — os quais os velhos curtumeiros logo seriam excluídos.

Nesta linha, os editoriais se mantiveram sem nenhuma menção às questões que foram se colocando nos anos que sucederam ao golpe de 64. E, em editorial de 1965, especificamente em 13 de agosto, mostrou que as necessidades de reorganizar o trânsito persistiam principalmente no tocante aos serviços de transporte coletivo urbano. Sempre buscando “alinhar-se” com os “moldes” paulistanos e com “técnicas modernas,” levando a indagar que, principalmente naqueles anos de cerceamento de liberdade, não se tratava de simples questão de reorganização do centro da cidade, mas que a centralização de todas as linhas em um único ponto tinha o objetivo de orientar

caminhos, fluxos e refluxos de trabalhadores indesejáveis no centro em determinados momentos.

#### “TRANSPORTE URBANO

*Conforme noticiamos realizou-se no gabinete do Senhor Prefeito municipal uma reunião entre os novos concessionários da empresa de ônibus são José, da imprensa escrita e falada, autoridade do trânsito, com a finalidade de trocar idéias a respeito de uma nova orientação sobre os serviços de transporte coletivo urbano estudos minuciosos serão feitos sobre o assunto. Podemos adiantar aos nossos eleitores que está praticamente acertado de se estabelecer a centralização dos ônibus na praça n.s. da conceição, de frente a igreja matriz, cujo local serão feitos o abrigos necessários, naturalmente de acordo com a técnica moderna (...). Podemos adiantar inda que o chefe do executivo, através do departamento de engenharia da prefeitura vai estudar a questão dos abrigos nos moldes de muitas cidades paulistanas, para os que os mesmos sirvam até de embelezamento da praça.”*

Invisibilizando conflitos, alguns próprios do projeto que se pretendia modernizador — imortalizados nas páginas dos processos-crimes — e outros próprios, das formas como os trabalhadores e a classe operária passaram a ser tratadas a partir do golpe de 64, os editoriais e as imagens trazidas pelo jornal nos anos seguintes continuavam afirmando uma cidade composta apenas por sua elite comercial, profissional, religiosa e industrial, enfim, pelo seu bonito e limpo centro comercial, como na imagem abaixo de 13 de outubro de 1965,

# FRANCA Centenária



Figura 12: O Francano, 13/10/1965

Em editorial de 14 de fevereiro de 1965 anuncia a cidade entre “as mais poderosas do interior paulista” destacando o espaço que a cidade deveria ocupar — no entendimento do jornal — na geopolítica do Estado de São Paulo.

Em momento de pouca liberdade, era necessário controlar práticas daqueles que entre os anos 60 e 70 — como a consolidação do parque industrial coureiro-calçadista — dirigiam-se de suas cidades diretamente para as fábricas de calçados e curtumes da cidade, como relatou Carlos:

*“Que não tinha mão-de-obra aqui em Franca, (...) da década de 70 até 88, ai depois foi ficando mais ruim. (...) 20 % da população que mora em Franca hoje é francano, e o resto garanto pra você que não é de Franca (...). O irmão vinha, trazia o amigo, o primo, a mãe, o irmão. Ia trazendo todo mundo entendeu. E aquele ia avisando pro outro amigo e assim por diante, entendeu. De 67 até 87 foi bom, então foi muito tempo pra atrair gente, vindo gente, ai tava faltando mão-de-obra em Franca, né, você via na região de Ribeirão que a laranja perdia que num tinha mão-de-obra. Então saiu no Jornal Nacional, saiu três ou quatro veis, que Franca, Ribeirão Preto precisava de mão-de-obra, que num tinha mão-de-obra.”*

A fala de Carlos também repõe presenças de trabalhadores na cidade que além de se pretender a “*mais poderosas cidades do interior paulista*”, agora ganhava notoriedade nacional e internacionalmente:

“DESCOBRINDO FRANCA

*Ninguém discorda que a fama do calçado francano ultrapassou os lindes do Estado e do país para atingir o exterior. Realmente quando viajamos para outras paragens somos constantemente assediados por curiosos que desejam saber quantas fabricas possuímos números de operários, população etc. Assim é o calçado, a varinha mágica que vai abrindo no Brasil inteiro, e fora dele, as portas da fama para nossa terra, também não somos tolos a ponto de menosprezar o parque industrial francano, que colocou-nos acima de Bauru em arrecadação federal, situando-nos entre as mais poderosas cidades do interior paulista.”*

No final dos anos 60 as fábricas de sapatos e os curtumes anunciaram-se amplamente nas páginas do jornal, como nesta edição de 11 de setembro de 1967.

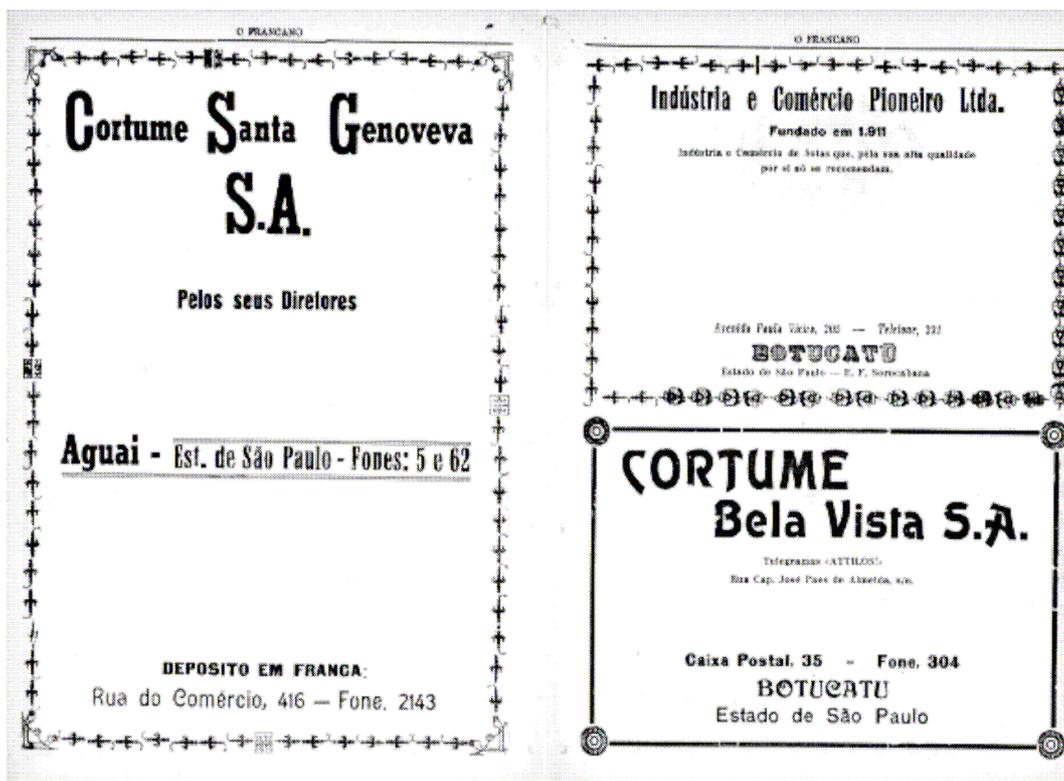


Figura 13: O Francano, 11/09/1967

Para além de questões que envolviam as melhorias na malha urbana e a industrialização da cidade, projetos de reorganização do espaço urbano como a remoção dos curtumes para uma área afastada do centro e a criação de um *Distrito Industrial*, em 1984, era flagrante como o discurso modernizante estava associado a um discurso moralizante. Assim, e aos poucos, a cartografia social da cidade era redefinida, repensando lugares para estes e para aqueles buscando uma cartografia “moralizada” da cidade<sup>99</sup>.

Neste sentido, evidenciando um recrudescimento das ações policiais na repressão aos trabalhadores urbanos, lugares e práticas tipicamente populares, como o jogo do bicho, foram reprimidas, como constatado no processo-crime iniciado no dia 13 de abril de 1966 na delegacia da Cidade.

Desta vez contra o Sr. Roberto de Oliveira Motta, preso em flagrante em seu estabelecimento comercial, localizado na Rua Tiradentes, 494, por fazer apostas no jogo do bicho, evidentemente negado pelo acusado.

Em sua defesa alegou que o seu estabelecimento “*não costuma receber aposta do jogo do bicho*”, e “*que ele mexe com o ramo de secos e molhados*”.

<sup>99</sup> Idem. SOUZA.

Apesar de ter sido encontrado várias apostas do dia anterior em seu armazém, em sua defesa o Sr. Roberto não podia ser mais original, alegou “*que nem sabe como funciona o referido jogo*”.

Se a Cidade oferecia várias possibilidades de ganhos lícitos, oferecia também outros “expedientes”. No Processo iniciado desta vez em 14 de junho de 1970, encontramos “José Aparecido de Souza Ribeiro, “*de cor preta*”, com diversas passagens nesta Delegacia, autor de inúmeros furtos, todos eles registrados nesta Delegacia de Polícia”. José foi preso em flagrante, desta vez por roubo de uma bicicleta Monark na Rua Major Nicácio, 720.

Como que ligando os tempos e projetos um editorial de 21 de julho de 1967, lembra um outro, de sete de agosto de 1954, portanto 13 anos depois, em que se pedia o fim das casas pobres definidas por aquele editorial como pardieiros que “*enfeavam sobremaneira o aspecto urbanístico*” da cidade:

*“FRANCA CRESCE E SE EMBELEZA URBANISTICAMENTE*

*Afora esta lacuna que vem perturbando há dezenas de anos, parece, se não haver uma pressão das autoridades nesse sentido que os velhacoutos continuarão por séculos como testemunha de época longínqua, ou melhor dizendo, museus espalhados em contrastes com as novas construções que surgem continuamente (...) O prédio dos bancários está para ser inaugurado, talvez ainda neste mês, obra importante e de valor incontestável onde abrigarão 40 famílias nos oito andares, tecnicamente construídos e ricamente acabados, com todos os rigores e bem estar coletivo.”*

Ou será que lembra mais o editorial de 24 de junho de 1955 que comemorava o fato de a cidade ter deixado de “*ser aquela velha franca colonial para tornar-se uma das mais bem cuidadas do interior do estado de São Paulo.*”

Se no âmbito do simbólico e como formador de opinião os jornais da cidade foram importantes instrumentos, pode-se considerar que a construção do *Distrito Industrial* da Cidade, determinada pelo decreto municipal de 15 de fevereiro de 1984, no entendimento daqueles que detinham o controle destas ações, coroou o ideário de progresso da Cidade.

Um editorial reproduzido no *Diário de Franca* de 3 de junho de 1990, também em edição comemorativa, traz a dimensão deste empreendimento:

*“Com um total de 71 indústrias diversificadas em pleno funcionamento, e pelo menos 111 como projetos em fase inicial ou em conclusão, do alto de seus 80 alqueires localizados em pontos estratégicos do município, em meio a longas avenidas e generosas áreas verdes, o Distrito industrial de Franca já uma grande realidade. Dotada de redes de energia elétrica, água e esgoto, telefone, galerias fluviais e com 75 por cento de avenidas pavimentadas, o DI já desponta como um empreendimento modelo para diversas cidades do país, coroando de êxito um antigo sonho que começou em 1938 (...)”*

Em tom ufanista, o *Distrito industrial*, “sonho” que se iniciou nos anos 30 e que transferiu os curtumes e indústrias de calçados para uma área distante do centro da Cidade é apontado como modelo para outros municípios.

Assim, hora prevalecendo o tom ufanista da industrialização e da urbanização, hora denunciando problemas urbanos, resultado e consequência estes mesmos processos, algumas questões ganharam destaque. Entre elas as dificuldades e problemas que emergiram com a industrialização e com o crescimento populacional e físico da cidade. Situação que foi agravada com a reorganização do seu espaço urbano e de suas classes sociais.

A queda na qualidade de vida da população trabalhadora da cidade foi flagrante, visibilizando a falta de saneamento básico nos bairros populares. As dificuldades de moradia e a mendicância também se fizeram presente de forma acentuada. Nos últimos anos da década de 1960 e durante toda a década de 1970 — resultado e ao mesmo tempo agravando esta situação — os poderes públicos concluiu a redistribuição da ocupação do espaço urbano da cidade, com o afastamento da população trabalhadora do centro. Já nos anos 80, a concretização do Distrito Industrial da cidade realiza a “vocação” da cidade como *Capital Nacional do Calçado*.

A tentativa da elite de construir a tradição coureiro-calçadista na cidade, firmando o seu slogan de *Capital Nacional do Calçado*, e a consolidação do seu parque industrial *paripassu* à projeto de urbanização e modernização da cidade, significou também a tentativa de re-inventar a velha tradição do couro da região, agora fabril e moderna. O problema, para aquela elite, era que aquela antiga tradição estava ligada a marcos indesejáveis para a tradição que se queria construir, ou seja, à cultura do gado, dos tropeiros, dos diversos tipos de manuseios com o couro e também, em tempos mais recentes, aos pequenos curtumes artesanais, muito longe portanto, da lógica fabril e moderna que se pretendia.

Outra questão que se apresentou como desafio foi como transformar trabalhadores do

campo, procedentes de regiões de forte presença do gado, e que de certa forma foram atraídos também por esta ligação com o trabalho com o couro, em operários modernos, prontos para a cultura urbana e fabril.

A construção da cultura e da memória fabril sobre a tradição da cultura do couro foi o marco fundamental na tentativa de esquecimento dos trabalhadores rurais, da tradição do couro e a consolidação da memória industrial, coureiro-calçadista na cidade. Processo este que “transformou” trabalhadores do campo em trabalhadores urbanos e fabris nos anos 60 e 70, hora incorporando, hora negando-os, e, por fim, convidando-os a se retirar da cena do trabalho nos anos 80 e 90, como será analisado no quarto capítulo.

## **CAPÍTULO IV**

**CIDADE E MEMÓRIA:  
LEMBRAR O PASSADO E RECOMPOR O PRESENTE**

**“Cada época sonha a seguinte”**

**Jules Michelet**

No primeiro capítulo foi possível sondar o caminhar dos velhos curtumeiros, flagrando momentos de suas trajetórias no viver entre o campo e a cidade, seus sonhos e perspectivas. No segundo capítulo a leitura dos editoriais do *O Francano* permitiu uma proveitosa percepção da elaboração da memória instituída na cidade por meio do discurso de um importante jornal que circulou no período pesquisado, e, indiretamente, da elite francana naquele momento, em conflitos com práticas populares e de trabalhadores na sua tentativa de invisibilizá-los.

O terceiro capítulo buscou perceber, entre outros aspectos, como se investiu na criação de uma cultura fabril, moderna, descaracterizando a tradicional cultura do couro na região na sedimentação da memória da indústria coureiro-calçadista francana.

Neste capítulo pretende-se transitar pela memória dos velhos curtumeiros. Memórias vividas e significativas para aqueles que experimentaram a cidade na constituição de suas vidas, buscando apreender aspectos de “caminhos percorridos” por aqueles trabalhadores na constituição do seu ofício. No viver entre o campo e a cidade, nas aprendizagens de novos saberes e na experimentação de novas práticas e desafios do habitar o urbano. Compreendendo que para estes trabalhadores adquirir o ofício de curtumeiros significou negociar com a constituição de suas próprias trajetórias de vida na cidade: novas descobertas, novos hábitos, novos valores, horários e rotinas de trabalho. Forjando possibilidades na relação entre as suas necessidades e/ou opções pessoais e as alternativas por eles cavadas no urbano naqueles anos.

Os velhos curtumeiros ao rememorar e narrar transitaram no território móvel de lembranças e esquecimentos que é a memória, re-fazendo e re-significando suas trajetórias e experiências de trabalho e de vida, re-elaboraram alguns momentos em que estavam presentes elementos do trabalho, mas também do viver e da subjetividade de cada um em seu tornar-se trabalhadores na cidade.

Suas lembranças, revelando laços afetivos, territórios de suas memórias, locais carregados de sentidos e significados, suscitando recordações e pertencimentos em tensão com projetos que excluíram seus marcos e seus lugares na cidade.

Penso que este caminho é promissor como possibilidade de “revelar” o viver daqueles trabalhadores no tornar-se curtumeiros, com sonhos, ilusões, tristezas, alegrias e perspectivas pessoais diversas, enfim, sentimentos que conectam territórios a experiências vividas. Afirmando o espaço urbano como local dos mais diversos sujeitos<sup>100</sup>, práticas e memórias sociais. Fazendo

---

<sup>100</sup> SILVA, Luzia Márcia Resende. **Carregadores de Mercadorias: memórias e lutas. Uberlândia, MG, 1970 – 2000.** Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

emergir outras leituras, relações, sentidos e usos da cidade.

Nesta perspectiva, a memória ganha contornos de resistência, envolvendo o direito à cidadania, à diversidade e do pertencimento.

*“(...) compartilhar interesses, memórias e experiências com outrem, sentir se parte de uma coletividade, possuir valores em comum e sentimentos de identificação. Este não é um terreno de puro interesse e informações frias. É nele que se forma a idéia de comunidade e germinam sentimentos como a lembrança de terras distantes e da solidariedade. Trata-se de um campo povoado por valores profundos. Carregados de conteúdos emocionais e força simbólica.”<sup>101</sup>*

Assim, ganhou destaque a percepção que a transferência dos curtumes para o *Distrito Industrial* da cidade, criado por decreto municipal em 1984, não só intensificou transformações significativas para os velhos curtumeiros, alterando antigas maneiras de se trabalhar e relações com o trabalho — em que elementos da cultura do campo ainda se faziam presentes — e, por fim, exigindo um novo perfil de trabalhador, do qual já não mais fazem parte, mas colocou questões em torno do atual momento de suas vidas e do viver na cidade a partir do lugar social que ocupam individual e socialmente. Senhores hoje aposentados, e que precisam fazer pequenos bicos para completar a aposentadoria, donos da memória de um saber-fazer distante no tempo, mas que, no presente, dá sentido às suas vidas e questionam o lugar “reservado” aos velhos pela sociedade industrial, que usa sua mão-de-obra na sua juventude e o descarta na velhice.

Trabalhar com Memórias e narrativas é transitar também em um território de multiplicidades de identidades sociais no qual coexistem memórias alternativas — memórias individuais, memórias sociais, memórias compartilhadas, memórias de famílias, memórias locais, memórias de classe e até memórias nacionais — presentes no ato de lembrar e narrar, que em diversos momentos se sobrepõem. Pois como argumenta LOWENTHAL <sup>102</sup>, as lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções em um combinado de possibilidades, sempre seletivas, fruto de percepções posteriores constantemente atualizadas pelas quais delineamos, simbolizamos e nos relacionamos com o mundo em que vivemos.

Esta realidade coloca para o historiador a necessidade de pensar em termos pluralísticos sobre os significados que as recordações podem ter para diferentes sujeitos com diferentes pontos

---

<sup>101</sup> ARANTES, Antonio Augusto. **Paisagens Paulistanas. Transformações do Espaço Público**. São Paulo: Imesp, 1990.

<sup>102</sup> LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Revista Projeto História n. 17. Programa de Estudos Pós-graduandos em História da PUC- SP, São Paulo, Edusp, 1993.

de vista e trajetórias pessoais quanto ao que é significativo ou ‘digno de memória’,<sup>103</sup> orientado opções entre o que é narrado e o que é “esquecido”.

Mas entre outras possibilidades, neste capítulo trabalhou-se com noções de Memória Social como sugere Portelli<sup>104</sup>, Khoury<sup>105</sup> e Fenelon<sup>106</sup>. Categoria capaz de abranger um universo amplo e complexo de experiências sociais. Sedimentada como possibilidade de fazer com que homens e mulheres comuns façam parte das nossas

*“interpretações como sujeitos sociais e não como indivíduos livres, no sentido liberal do termo, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações sociais como necessidades, interesses e com antagonismos. E que em seguida tratam essas experiências em sua consciência e sua cultura, com complexidade para, só então, agir sobre uma situação dada. E a experimentam não apenas como idéias no âmbito do pensamento, mas também como sentimentos, normas, valores, obrigações que exprimem em ações e também como resistências”<sup>107</sup>*

Portanto, se faz necessário — mais que reconstituir momentos, modos de vida de sujeitos e grupos sociais localizados, entre outras combinações — ampliar as possibilidades das fontes e métodos possíveis aos historiadores do contemporâneo para trazer à cena sujeitos até então ausentes, que tem na memória importante possibilidade de se fazerem presentes. Valorizando experiências sociais de trabalhadores que experimentaram suas atuações e relações com o trabalho como necessidades, interesses e antagonismos, sentimentos, normas e obrigações, que se realizaram como ações, mas também como adesões, contradições e resistências.

Sendo assim, pretende-se neste capítulo, perceber os velhos curtumeiros a partir de uma forma própria de se situar no presente, suas percepções dos processos sociais os quais vivenciaram no constituir-se curtumeiros. Pensando-os como categoria de trabalhadores, mas, principalmente, como sujeitos.

O que significa considerar as suas percepções e interpretações a partir do lugar social que

---

<sup>103</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares**. Trad. KHOURY, Iara Aun. Revista Projeto História n. 10. Programa de Estudos Pós-graduandos em História da PUC- SP, São Paulo, Edusp, 1993..

<sup>104</sup> PORTELLI, Alessandro. **Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Revista Tempo. Vol. 1, n.2, Rio de Janeiro, 1996.

<sup>105</sup> KHOURY, Yara Aun. **A pesquisa em História Oral: Perspectivas e desafios**. Curso ministrado no Programa de Pós-Graduando em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2004.

<sup>106</sup> Fenelon, Déa Ribeiro. **Cultura e História Social: historiografia e pesquisa**. Revista Projeto História, n. 10, Edusp, São Paulo, 1993.

<sup>107</sup> Projeto Procad. **Cultura, Trabalho e Cidade: muitas memórias, outras história**. CAPES, São Paulo, 2000.

ocupam no presente e do qual falam: aposentados, trabalhadores informais, entre outras posições, e não como meros observadores da cidade onde moram e de suas transformações.

No ir e vir das suas memórias destacam-se as lembranças, os esquecimentos, a percepção de si e das experiências vividas. O momento presente de cada um e de todos. Presente individual, mas também partilhado, colocando questões em torno do processo social pelo qual homens do campo tornam-se trabalhadores na cidade, incluídos em alguns momentos, excluídos em outros.

Assim, entre narrativas e o manuseio de outras fontes, buscou-se desvendar uma malha de sentidos na cidade na qual velhos curtumeiros, e outros trabalhadores, passaram a viver. Revelando suas paisagens, composta por suas fazendas, mas também por seus antigos curtumes. Espaço das diversas práticas e possibilidades de constituir-se “trabalhadores” naqueles anos.

Para Portelli,

*“a palavra chave é possibilidade. No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear das esferas subjetivas da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possam suceder. È o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada.”*<sup>108</sup>

Caminhando pela *urb* por meio das memórias e narrativas dos velhos curtumeiros, também a cidade pode ser pensada como um complexo campo de possibilidades, marcando outro momento em suas vidas. Outras necessidades e possibilidades de deslocamento, orientando mudanças nas práticas e nas relações de trabalho entre o viver no campo e na cidade. Conseqüências das mudanças nas relações dos fazendeiros com o capital investidor e dos rumos que a agricultura tomou a partir dos últimos anos das décadas de 1950 e 1960, mas, principalmente, das suas disposições de buscar uma vida melhor.

Mudanças sócio-econômicas que redimensionaram a região e a vida dos velhos curtumeiros, possibilitando que, no momento entendido por cada um como o seu melhor momento, novamente reorganizassem suas vidas, agora no espaço urbano.

---

<sup>108</sup> PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos**. Revista Tempo, V. 1, n. 2. Rio de Janeiro. 1996.

Marcando suas memórias, como se recorda o Sr. Benedito:

*“Uns (fazendeiros) quebrou, num pôde... outros... que sobrou alguma coisa. Mas a maioria quem comprou as fazendas foi o industrial. Que tinha dinheiro era o industrial, porque os fazendeiros, maior parte deles, até hoje os fazendeiros num vai bem né. A maioria vendeu pro industrial, outros perdeu pro banco. Que estas fazendas que tem aqui é tudo dos industrial...o Curtume Orlando, o Delatorre, fazendas tudo deles,. Curtumeiros e sapateiros, essas fazendas que está aqui na Vila de Franca, os fazendeiros coitados, eles perdeu. Foi por ai...foi 55,mais ou menos”*

A historiografia regional e local, até os anos de 1980, em se tratando da indústria coureiro-calçadista francana, privilegiou uma abordagem economicista, associando seu desenvolvimento à sua tradição pecuarista da região.<sup>109</sup>

Destacando a tese da importância do comércio interno para o desenvolvimento da colônia, Franca é valorizada nesta historiografia por sua posição estratégica entre o Sul e o Centro do Brasil, firmando-se assim como parada obrigatória não só para os rebanhos de gado que cruzavam estas regiões, como também para o sal transportado de Santos para o centro do país, o que teria proporcionado, segundo estas pesquisas, um rápido e próspero desenvolvimento local.

Embora todas as pesquisas tomem como referência a tradição do trabalho com o couro na região, tratando-se especificamente da indústria curtumeira existem pouquíssimos trabalhos a respeito,<sup>110</sup> informam que os curtumes da cidade — aproveitando o potencial pecuário ali existente — iniciaram suas atividade no final do século XIX. Resumindo-se inicialmente a pequenas unidades com técnica de curtimento bastante rudimentares, fazendo uso de baixo emprego de tecnologia e de pessoal, constituídos por antigos artesãos, que reunindo um pequeno capital, empregavam-no nos curtumes de couros bovinos, fornecendo couro para selarias e sapatarias da região.

É certo afirmar que as décadas de 1930/ 40 presenciaram o surgimento dos primeiros curtumes mecanizados de Franca, em torno do rio Cubatão, na época, região de mangue, que atraía urubus em decorrência dos detritos dos processos de trabalho com o couro jogados no rio, ainda sem tratamento de esgoto.

---

109

FERREIRA, Mauro. **O Espaço edificado e a indústria do calçado em Franca**, USP, São Carlos, 1979. OLIVEIRA, Luiz Lélio de. **Economia e História em Franca**, Franca: Unesp, 1996. PALERMO, Mirtes. **A diversificação das atividades Econômicas do Município de Franca**. USP, São Carlos, 1979.

<sup>110</sup> PALERMO, Mirtes Rinaldi. **A diversificação das atividades Econômicas do Município de Franca**, Tese de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduados em História da USP, São Carlos: 1979.

No que tange à instalação dos primeiros curtumes maquinizados na cidade — Curtume Cubatão, Curtume Progresso, Curtume Pessoto e outros — estas pesquisas estabeleceram como marco o início do século XX, sugerindo que o trabalho ainda com bases artesanais ‘vigora’ na cidade até a terceira década deste século. Sendo que o crescimento destes curtumes se deu a partir das décadas de 1950 / 1960, com o incremento da indústria de calçados.

As mudanças sócio-econômicas que redimensionaram Franca e região nestas décadas marcam as memórias dos velhos curtumeiros. Memórias que aproximam trajetórias pessoais, momentos de reorganização econômica e das relações de trabalho na região paulista.

Para aqueles homens, a aprendizagem do ofício de curtumeiros e o tornar-se trabalhadores na cidade significou um longo caminhar: as suas vivências em Minas, a mudança para São Paulo, o trabalho nas fazendas já na região a partir dos anos 50 e nos curtumes, nos anos 60 e 70, já no núcleo urbano da cidade. O que significa indagar sobre as possibilidades e dificuldades encontradas para se estabelecer neste novo espaço. Como estabeleceram novos laços de sociabilidades e de que forma se deram as novas relações de trabalho, agora nos curtumes

Entre tantas outras possíveis indagações, o que mudou para cada um, para alguns e mesmo para todos neste caminhar. E, principalmente, como re-significam, no presente, estas experiências. Um “outro Momento”, outra itinerância. É a experiência urbana na vida destes trabalhadores, que novamente atraídos pelas possibilidades de melhorar de vida, agora no núcleo urbano da cidade,<sup>111</sup> buscam outras possibilidades de trabalho.

Como recordado por Carlos Roberto de Oliveira, curtumeiro e sindicalista do Sindicato dos Curtumeiros, 48 anos de idade:

*“...naquele tempo a Amazonas aqui chegou a oferecer dois salários, dois salários pra cada pessoa que trouxesse a empresa mais rica da cidade né, ela tem várias filiais, na Paraíba, em todo quanto é lugar, no México e tal...no boca a boca (...). Então tinha os parentes, os amigos, os colegas, o patrão falava assim eu te pago dois salários pra cada pessoa que você trazer, você conhece oito lá, você falava não eu vou trazer oito, né, nossa vou ganhar um dinheirão, tem gente que ganhou dinheiro. O patrão falava eu preciso de tantas pessoas nesta seção aqui, quantas pessoas você tem condição de trazer. Ah, eu tenho condição de*

---

<sup>111</sup> No que se refere a estes anos “o crescimento econômico iria, acima de tudo, incentivar movimentos migratórios no contexto local, regional e nacional, além da imigração internacional. BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (orgs.). **Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000**

*trazer tanto...*”

Foi também entre os anos de 1960 e meados dos anos de 1980 que Franca conheceu o seu maior desenvolvimento industrial, resultado das exportações de calçados para o exterior. Destacando-se a partir deste momento como a *Capital Nacional do Calçado*. Trata-se também do momento em que a Feira de Calçados e Componentes de couro, a FRANCAL, “*que teve papel fundamental na indústria calçadista, notadamente nas décadas de 1970 e 1980*”<sup>112</sup>, teve início em Franca. Transferida para a cidade de São Paulo em 1980, esta feira deu visibilidade definitiva ao calçado francano.

Momento também recordado por Carlos:

*“ Acho que por esta época (anos 70) todo mundo já vinha direto para as fabricas, porque era um momento que tava pipocando indústria aqui na região, não só em Franca, outras cidades também, Ribeirão Preto mesmo era uma, então as pessoas já vinha pra trabalhar nas indústrias. Você sabe, foi nesta época que fizeram aqui o distrito industrial de Franca”*

Seu primeiro emprego em curtume foi no Curtume Delatorre, trabalhando também em outros curtumes ao longo dos anos. Relata que as maiores dificuldades encontradas por ele, e por outros, eram relativas à disciplina de trabalho, ao despotismo das chefias e às jornadas de trabalho:

*“(...) Num vou dizer que no começo eu gostava daquilo, também, molecão que eu era, tinha pra tudo, tinha uns chefes lá que pegava no pé. Era aquele negócio de fazer hora-extra todo dia. Tinha de acabar o serviço.”*

Destaca-se nesta fala outras experiências destes homens, agora no mercado de trabalho da cidade, tendo que “reconstruir” seus conhecimentos e práticas rurais no urbano, experimentando novamente o deslocamento e constituição de novos saberes em suas vidas.

O diálogo entre memórias e narrativas possibilitou caminhar pela cidade, esquadrihá-la nas suas relações: em que medida se apropriaram deste novo espaço, suas possibilidades, seus equipamentos. Como resistiram ou incorporaram mudanças que este novo espaço impôs. De que formas enfrentaram questões em torno da moradia, da locomoção, da violência, das novas relações de sociabilidades e de trabalho. A nova rotina, regras e horários. E, como se apropriaram de novos

---

<sup>112</sup>

Jornal do comércio de Franca. Edição comemorativa. 28/11/1996. Arquivo Histórico Municipal de Franca.

conhecimentos necessários à vida na cidade, elaborando novos valores identitários. Enfim, a cidade como práticas vividas.

O sr. José Elídio, em determinado momento de sua vida se sentiu atraído pelo trabalho nos curtumes, saiu da fazenda em que vivia e iniciou sua carreira de curtumeiro no ano de 1949, primeiramente no Curtume Cubatão como caleiro e, em um segundo momento, no curtume Progresso, exercendo várias funções:

*“Eu sei que na roça tava fraco que só vendo sô... ai todo mundo falava que os curtumes tava precisando né. Porque neste tempo isso tudo aqui era só curtume. O serião era pesado que só vendo...mais a gente logo acostumava. Iche, tinha muito serviço, se não gostava do patrão era só trocar (...). Ah, foi em....49, por ai. Ai chegamo aqui, Franca naquela época, o serviço aqui era sapateiro e curtume. Ai falei eu vou entrar no curtume, vou experimentar. Tive sorte, cheguei lá no curtume progresso caçando serviço, já tinha arrumado os documentos. Que quando a gente tava na roça num tinha documento (...) Ah, quando eu comecei no Progresso falei logo logo eu vou poder comprar uma casinha, num dá pra ficar pagando aluguel, ai comprei uma casinha bunitinha que só vendo, mas logo a mulher adoeceu e foi aquela gastança, você vê tive que vender a casa...”*

As suas referências — determinando o momento da sua mudança para o núcleo urbano da cidade — são o escasseamento do trabalho nas fazendas e a possibilidade de ocupação como curtumeiro ou sapateiro, pontuando a necessidade da aprendizagem de novas habilidades.

Ao falar de suas experiências de trabalho em diversos momentos, destacou as tarefas pesadas nas funções que exerceu durante anos. A insalubridade e os riscos de acidentes marcam sua vida e suas memórias, tendo ele próprio sido vítima de um acidente de trabalho no Curtume Progresso em que perdeu parte do movimento da perna direita.

Sonhos pessoais, como comprar uma casa na cidade, pontuaram os primeiros momentos da sua vida de curtumeiro ainda no ano de 1949, mas também alguns infortúnios, como o adoecimento de sua esposa é lembrado.

Um “outro momento”, outras práticas de trabalho. São experiências destes homens no mercado de trabalho urbano da Cidade,<sup>113</sup> tendo que “reconstruir” suas práticas e conhecimentos

---

<sup>113</sup> As décadas de 1930/ 40 presenciaram o surgimento dos primeiros curtumes maquinizados de Franca, em torno do rio Cubatão, na época, região de mangue, que atraía urubus em decorrência dos detritos do processo coureiro, jogados no rio.

rurais no urbano, experimentando novamente o deslocamento e a constituição de novas territorialidades em suas vidas.

Dos velhos curtumeiros com os quais dialoguei Sr. Elídio foi o primeiro a procurar trabalho nos curtumes, iniciou sua carreira de curtumeiro em um momento em que o centro urbano ainda oferecia poucas possibilidades de trabalho, entre elas como servente de pedreiro, sapateiro ou curtumeiro. Atividades que lhe apresentavam o desafio de novas aprendizagens e aquisição de novos conhecimentos e habilidades. Optou por trabalhar com o couro:

*“...Fazenda Palmital, ai fiquemo lá três anos. Ai vai dali, vai daqui, as coisas foi ficando mais ruim. Ai, ah não, vamo pra cidade né, ai chegou aqui o único serviço que tinha era curtume né, e o servente, serviço de servente, mas eu....eu pensei bem, falei o curtume vai ser mió pra mim.”*

Morar neste novo espaço exigia vários procedimentos desnecessários à vida no campo, como, por exemplo, adquirir documentos como a carteira de trabalho:

*“Ai chegamo aqui, Franca naquela época, o serviço aqui era sapateiro e curtume. Ai falei eu vou entrar no curtume, vou experimentar. Tive sorte, cheguei lá no curtume progresso caçando serviço, já tinha arrumado os documentos. Que quando a gente tava na roça num tinha documento.Vou falar uma coisa pro sr, aqui na cidade nós vinha quando precisava, mais ninguém queria ficar. Nós chegava aqui dia de sábado cedo fazia o que precisava, já corria e ia embora. Lá que era bom.”*

Em recordações que transitam do campo à cidade e da cidade ao campo, narra que vinha ao núcleo urbano apenas aos sábados, uma vez que o pagamento aos colonos nas fazendas era efetuado sempre a cada primeiro sábado do mês, dia em que à estes era permitido ir à cidade fazer compras.

Cidade que passa a ter outro sentido em sua vida: da impessoalidade, em que se ia apenas quando se necessitava, à cidade que precisava ser enfrentada, conquistada. Conta que nesta época as “roças já não dava mais”. Iniciou a sua vida de curtumeiro no curtume Progresso, onde trabalhou por 35 anos e sofreu um acidente de trabalho, perdendo parcialmente os movimentos da perna direita. No Progresso o Sr. Elídio exerceu várias funções, entre elas caleiro, descandador e rebaixador.

Após a morte de sua esposa em 1976 e a perda da casa própria, que ele atribui à “*trabalho feito*”, Sr. Elídio passou a morar no galpão que abrigou o curtume no centro da cidade, hoje abandonado, servindo apenas como sua moradia. Mesmo vivendo só e com dificuldades, contando apenas com sua aposentadoria e pequenos bicos para seu sustento, Sr. Elídio destaca em suas lembranças momentos em que a cidade lhe possibilitou melhores condições de vida.

Sua narrativa revela também as dificuldades encontradas para se estabelecer no centro urbano da cidade naquele momento. Dificuldades relacionadas com a adaptação ao novo modo de vida e outras práticas de trabalho.

*“Vou dizer pro senhor, no começo estranhei tudo aquilo, a gente tava acostumado com a fazenda... aquela vida de tranqüilidade, de repente um lugar novo, eu gostava mesmo era quando ia na missa, ou no jogo de futebol, ai sim você encontrava os amigos...”*

Uma vez na cidade ganham significados antigos lugares e momentos de sociabilidades, como a missa aos domingos e o jogo de futebol, locais nos quais se poderia encontrar antigos conhecidos ou se estabelecer novas amizades:

*“Ah, tinha, mais num era muito não, que também tinha muita gente vindo morar aqui, vira e mexe você encontrava fulana, sicrano, tou morando aqui na rua tal, e assim ia”*

Referindo-se às relações de trabalho no curtume Progresso, Sr. Elídio tem saudades de um tempo em que as relações patronais, embora alicerçadas em outras formas de exploração, ainda não eram tão impessoais e o local de trabalho constituía-se também em lugar de sociabilidades.

*“(...) vou te falar uma coisa, os amigos mesmos era tudo dali. Você vê, hoje em dia vejo lá os curtume, parece que num tem amigo. Naquela época não, ô sicrano, ô fulano, se um tava com algum problema todos sabia, as veis o chefe falava assim, tal pessoa tá com a mulher doente, todo mundo ia procurar por aquilo, sabe, hoje não”*

O depoimento do Sr. Elídio, assim como de outros, carregados de sentido, é perpassado por lembranças aparentemente desconexas no tempo, mas repõem presenças de velhos trabalhadores na

cidade, contrapondo-se à invisibilidade imposta à eles por diversas e diferentes formas de apagamento de suas memórias. Assim, temas como o estranhamento à cidade e a sua violência compõem a memória de um período muito difícil em sua vida, falando com rancor, entre outros assuntos, dos percalços enfrentados para adquirir a casa própria, que perdeu anos depois em função da doença de sua esposa, já falecida.

*“(...) Num dei sorte aqui na cidade, você vê tanta dificuldade pra conseguir aquela casinha depois tive que vender, mais Deus sabe o que faz, vendi por causa da doença da mulher”*

Quanto ao sentimento de deixar o trabalho nas fazendas e passar a viver na cidade, um trecho do seu longo depoimento fornece algumas pistas:

*(...) Vou falar pro senhor, a gente estranhou muito. O povo era diferente, num falava com todo mundo não (...) Era aquela agitação. O que era bom mesmo era que aqui as coisas era mais fácil, mais perto da casa da gente. Di primeiro vinha comprar uma coisa na cidade, aquilo demorava meio dia, agora não, e eu ainda com esta perna. Na roça ninguém ouvia falar este negócio de violência, na cidade já tinha briga, morte, sabe”*

Apesar de pontuar estranhamentos à este novo espaço, em um momento em que contava com poucas amizades e já percebia a cidade como violenta — mesmo sendo necessário considerar diferenças nas formas de violência urbana das décadas de 60 e 70 — destaca a proximidade do comércio, dos equipamentos e serviços públicos que a cidade podia oferecer.

O seu depoimento fornece indagações dos significados da modernização do parque industrial calçadista/curtumeiro para este grupo, fazendo desaparecer métodos e maneiras de se trabalhar que tinham tanto de si, pois construídos por eles ao longo de tantos anos de trabalho, e que em diversos momentos fundiam-se ao seu próprio modo de vida.

Apesar de lembrar com tristeza da mudança dos curtumes, destaca em sua narrativa o orgulho de ter exercido um ofício por tantos anos. Emocionado fala desta experiência em sua vida.

*“Nossa Senhora, ainda hoje o curtume e tudo na minha vida. Olho tudo isso aqui e como se fosse hoje. Vejo todo mundo ali (apontando para o interior do galpão). Depois que eles mudaram os curtumes foi como se tivessem arrancado um pedaço de mim.”*

Ao relatar que exerceu a função de descarnador durante quase trinta anos no curtume Progresso pontua o seu orgulho por ser um excelente descarnador, o melhor do curtume.

*“A minha vida era o curtume. A gente acordava cedinho, falava pra mulher vou trabaia, as vezes o sol ainda nem tinha aparecido. Aquilo a gente pegava, vamos supor seis hora da manhã o patrão falava assim, olha Elidio este lote, que eles chamava de lote, era couro que num acabava mais, eu preciso pra hoje, eu falava pode deixar. Quando chegava de tardinha assim, aquilo tudo tava pronto. (...) Ah, eu fazia de tudo sabe, mais eu era mesmo era descarnador, ai num tinha pra ninguém, aqui no Progresso num tinha um descarnador igual a mim não sabe”.*

Em um depoimento emocionado recorda-se de um momento de tensão entre os curtumes e os órgãos públicos, forçando a mudança dos mesmos para longe do centro urbano da cidade. Momento marcado também pela chegada de novas máquinas que desvalorizavam as suas funções, forçando-os, aos poucos, à aposentadoria.

*“Aquilo era bom demais, eu trabaiei no aqui no Progresso quase trinta anos, sabe, e oi, só por causa do acidente, sabe, ai eu fiquei pra la e pra ca ate que um dia o patrão falou assim, oi Elidio vamos aposentar voce. Aquilo foi muito triste pra mim, mas eu continuei sabe, continuei pra ensinar os outros a descarnar, ensinei muita gente...mas logo o patrão foi comprando umas maquinas modernas, muito diferente sabe, ai num teve jeito, tive que parar. Mais a gente tem muita saudade...Ainda hoje, quando a gente anda ai pela cidade vê os galpão ( onde funcionavam os curtumes) tudo abandonado, tudo lugar que a gente trabaiou...eu num sei porque tiraram os curtumes daqui, falaram que era por causa do cheiro e porque aqui já num dava mais pra os curtumes crescer, sabe...eu sei que eles compraram umas maquinas novas, sabe, muito grande, ai a gente foi vendo que elas eram diferentes, nossa senhora a gente num sabia mexer naquilo não.”*

Tirando-lhes o domínio de um saber-fazer que dava sentidos às suas vidas, possibilitando - apesar da exploração às quais estavam submetidos - relações mais afetivas, de orgulho e de pertencimento com o trabalho.

Sr. Elidio recorda-se do dia em que os trabalhadores foram comunicados da mudança do progresso para o Distrito Industrial da cidade.

*“O patrão chamou a gente e falou, essas coisas sabe, que o curtume tava crescendo... comprando maquina nova, sabe, que todos os curtumes ia pra lá, que ia ser melhor, ai eu pensei, e agora que eu vou parar de trabalhar mesmo...”*

A atração que os curtumes exerciam como possibilidade de trabalho e ganhos no núcleo urbano da cidade, combinado com projetos pessoais como escolarizar os filhos, e intempéries da vida também levaram o Sr. Benedito a mudar-se para o núcleo urbano da cidade em 1957, começando a sua vida de curtumeiro. Trabalhou muitos anos no Curtume Pessoto e Cubatão, como descarnador e rebaixador, após ter trabalhado alguns meses como servente de pedreiro:

*“Mas ai cumo eu estava dizendo, quando casei, a muié ficou meio perrenga, acabei com as criação, as coisas tudo, (na fazenda) não dava mais pra negociar eu voltei para cidade (o núcleo urbano de Franca). Vim pra cidade pra estudar os filhos. Cheguei aqui como não sabia fazer nada na cidade, fui trabaiaar de servente de pedreiro, trabaiei quatro meses de servente de pedreiro, me chamaram no curtume, eu entrei. Ai que eu entrei no curtume né. ”*

Apesar das dificuldades em se obter moradia na cidade, o que estava ligada à falta de imóveis disponíveis e de financiamento da casa própria, o trabalho na construção civil apresentava-se como uma importante possibilidade de trabalho urbano naquele momento, sendo este o primeiro emprego do Sr. Benedito.

Em suas lembranças destacou também a possibilidade de “*estudar os filhos*”, a estranheza da sua família em viver na cidade, e a sua própria em se adaptar à nova rotina e disciplina no trabalho nos curtumes:

*“Num vou dizer que mudar pra cidade foi ruim, deu pra estudar os filhos, deu pra comprar esta casinha aqui. Você vê, hoje eu tenho a oficina aí, mas a turma aqui em casa nunca se acostumou não, demorou.(...) Aqui o peão tinha que trabalhar naqueles horários malucos, entrava no curtume só parava quando acabava o turno. Na roça a gente parava pra descansar, vinha em casa, essas coisa”*

Mas logo, o trabalho no curtume significou a ampliação das possibilidades de se fazer novas amizades, Sr. Benedito gosta de relatar que assim que chegou ao centro urbano fez muitos

“conhecidos”:

*“(...) que naquela época você tinha muita amizade, eu sempre tive muitos conhecidos, o Tião (o Sr. Sebastião) mesmo, eu conheço o Tião desde lá da roça... a gente ia em muita festa, e coisa e tal. Num tive dificuldades não...”*

Mas se o curtume colocava-se como importante possibilidade profissional e de uma nova vida na cidade para aqueles homens, ao destacar as horas-extras como estratégia para aumentar o rendimento mensal revela aspectos das formas aviltantes da exploração da mão-de-obra no interior destes curtumes. Relações pontuadas também pela rotatividade de trabalhadores, provavelmente consequência das más condições de trabalho em tarefas insalubres e pesadas.

*(...) Eu trabalhei muito nesses curtume tudo ai...no Cubatão, no Delatorre, tinha um curtuminho aqui, pequenino, trabaiei também... no HB, no Progresso... trabalhei muito, hoje tem alguns que nem tem mais... Foi bom pra mim, tinha aquele dinheiro certinho, e se o peão fosse bom de serviço ainda ganhava um dinheiro fazendo hora-extra. Agora se o cara era ruim de serviço...”*

Sr. Benedito ainda se recorda do trabalho árduo nos curtumes em que trabalhou exercendo funções de rebaixador e amaciador

*“...aquilo era ruim pra dana, tudo molhado, era couro que num acabava mais, se o peão fosse mole, perdia um dedo, perdia um braço...aqueles facão...só vendo. Mas eu sei que a gente gostava, acho que era muito diferente de hoje, hoje a rapaziada ai reclama também...deixasse trabair nos curtume antigamente pra ver”*

Também para ele a percepção do trabalho árduo, da insalubridade e dos riscos de acidente é sentida como o distanciamento de um “tempo bom”, marcando a saudade de um momento que se sentia produzindo plenamente. Percepção que indaga sobre o papel do velho na sociedade industrial.

Percebe e destaca em sua fala as duras condições de trabalho às quais os curtumeiros estavam submetidos, bem como as formas de cada trabalhador lidar com aquelas condições. Apesar de valorizar habilidades pessoais na lida com a insalubridade e com os riscos de acidente, pontuando a estranheza com outras formas de trabalho, revela a possibilidade de se trocar de

empregador sempre que necessário, possibilidade cada vez mais distantes nas atuais relações de trabalho, afirmando assim a importância do domínio do saber-fazer como elemento de liberdade e autonomia para os trabalhadores.

Apesar dos velhos curtumeiros destacarem as vantagens do trabalho nos curtumes, pontuando, como na experiência do Sr. Benedito, a possibilidade de salários fixos e o aumento dos ganhos com horas extras, as condições de trabalho no interiores destes curtumes eram sofríveis. PALERMO relata que:

*“(...) as condições de trabalho nos primeiros anos da década de 40 eram bastante rudes. Os operários cumpriam jornadas de até 10 horas, e alguns trabalhavam completamente molhados, pois os couros eram curtidos em tanques de cimento, sendo que os operários precisavam entrar dentro dos mesmos para tirar as peles. . A água utilizada no remolho, era tirada dos tanques com latas de água, pois não possuíam bombas para esta finalidade. Só mais tarde passaram a ser utilizados os fulões; os couros eram descanardos à mão, sobre cavaletes, utilizando-se uma faca com dois cabos com a qual se retirava a carcaça. O trabalho era muito manual.”<sup>114</sup>*

Ao comparar — de forma saudosa — momentos vividos ainda nas fazendas em que trabalhou o Sr. Benedito se ressentia da falta de autonomia no trabalho nos curtumes. Experiências e memórias de velhos trabalhadores que tem as suas vidas perpassadas pelo trabalho no rural e no urbano. Afirmando a cidade como lugar da produção fabril, alicerçada em formas disciplinadas e planejadas da exploração, do distanciando de relações em que fundiam-se nuances do trabalho, da religiosidade e de sociabilidades.

*“(...) A única coisa que a gente sentia muita falta era daquela liberdade. Trabalhava muito, mas o peão tinha a liberdade de parar, de começar. Bastava dar conta do trabalho do patrão. Aquilo você plantava uma rocinha sua e coisa e tal. Na cidade não, num sobrava tempo pra nada, era só trabalhá...”*

Trajetória pessoal articulada com as possibilidades de ganhos nos curtumes da cidade também levaram o Sr. Jácomo a buscar no núcleo urbano da cidade uma nova vida. Mudou-se para o bairro Santa Rita no ano de 1953, logo após o seu casamento:

---

<sup>114</sup> RINALDI, Dalva Marlene Chioca. **A indústria curtumeira em Franca**. Tese de mestrado defendida no Programa

*“(...) ai eu casei, ai eu casei, eu falei ah eu vou pra Franca. Meu patrão falou ah sô, o que você vai fazer lá ? Ah, eu vou. Eu arranjar serviço em curtume. Que eu tinha vontade trabaiaar em curtume. Eu vim pra cidade, eu vim no Curtume progresso, eu vi eles trabalhando lá, cheguei em casa falei pra minha mulher ah, eu vou pra Franca ( o núcleo urbano). Você é doido, não, moro lá não. Falei vou, ai eu vim ai, ai eu falei, eu chamei...tinha um tal de seu Paulo, o dono era o Salazar, morava no Rio de Janeiro, mas quem ajustava era ele, ai conversei com ele, ele falou, pode vir que nós tá precisando de gente.”*

O seu depoimento revela que os curtumes priorizavam “homens da roça” para exercer funções pesadas ou insalubres tais como de caleiro, profissional que aplicava ao couro um dos seus primeiros tratamentos à base de cal, com o objetivo de eliminar os seus resíduos de pelo, e o descarnador, profissional responsável por descarnar longas vaquetas, na maioria das vezes com nacos de carne já em decomposição.

Funções mais especializadas como a função de químicos, responsáveis pelo controle dos processos de trabalho no couro, ou de cromadores, responsáveis pela coloração do couro já pronto para o uso final, ficavam geralmente sob o domínio de trabalhadores estrangeiros, de curtumeiros com experiência anteriores em curtumes do Rio Grande do Sul, ou técnicos de laboratório com formação em química industrial, vindos geralmente de São Paulo ou do Rio de Janeiro.

*Ele falou nós quer gente é da roça memo, que sabe trabalhar no serviço pesado (...) Venceu o ano, eu vim arranjei uma casinha aqui, uma casinha de barro né, mas naquele tempo era poucos trem né, num tinha esse negócio de guarda-roupa, num tinha nada em casa, era umas mala, banco era... banco de tábuas, caixote, fogão de lenha, naquele tempo era isso. Ah, eu vim ai, eu vi eles trabaia lá, achei aquilo lá interessante, falei, ah eu vou pra lá, eu vou largar da roça. Um serviço..., ai eu arranjei o serviço e mudei ai mais ou menos dois meses... Naquele tempo num tinha esse negócio de caderneta pra registrar, trabalhei um ano e meio sem registro.*

*Ai eu casei entrei no Curtume Progresso, trabaie lá 23 anos. Era tudo a mão. Eu descarnava a mão, nois era em três descarnando a mão, com um facão desse tamanho. Era que nem uma navalha. Nossa senhora, era cada couro, você jogava ia como daqui lá.”*

Também o Sr. Jácomo recorda-se dos primeiros momentos em que se estabeleceu no centro urbano da cidade, destacando a possibilidade de escolarizar os filhos:

*“(...) eu tinha pouco tempo de casado, e a muié num queria vim, ela estranhou mais que eu. No começo estranhei, mais era bom (...) aqui na cidade era bom pra por os filhos na escola. Ai ela gostou, todos eles estudaram aqui nesta escola que tem até hoje aqui em cima”.*

Em sua narrativa também pontuou a necessidade de novas aprendizagens, necessária à vida na cidade, como o domínio dos equipamentos, serviços públicos e novas formas de sociabilidades e convivências:

*(...) Nossa senhora, foi preciso aprender muita coisa, que era muito diferente... Nossa senhora, a gente num sabia pegar ônibus, que nesse tempo já tinha umas linhas aqui... mexer com dinheiro, que tudo era comprado. Tinha que aprender até conversar com as pessoas. (...) que lá na roça num tinha disso, a gente só de vez em quando pedia dinheiro pra mulher, quando ia na cidade comprar as coisas. Agora não tudo tinha de ter dinheiro no bolso.”*

Do relato das experiências nos curtumes nos quais trabalhou a maior parte de sua vida, os Curtumes HB e Samello, revela-se nuances de tensões e conflitos entre curtumeiros e patrões, explicitando conflitos próprios das resistências às novas rotinas, ritmos e disciplinas de trabalho. Sugerindo que, também para o Sr. Jácomo, a cidade se apresentava como possibilidades e desafios.

*“(...) Tinha gente que num gastava, brigava com o patrão que só vendo, eu nunca briguei com ninguém, também ninguém pegava no pé da gente. Mais o curtume era pesado, nossa senhora, fosse fraco, aquilo de descarnar o couro como eu fazia num agüentava não”.*

Recorda-se também da violência da cidade e das dificuldades em se adaptar ao uso do ônibus para locomoção:

*(...) isso ai eu num lembro bem, num gostava de pegar ônibus, di noite eu num andava, falava que tinha roubo, que hoje eles chama de assalto. Sei que minha mulher também num gostava, eu falava vamos lá na casa de fulano, eu num vou não, num vou pegar ônibus não”*

Entre as práticas do campo destacadas com saudades, pontua, entre outras, a impossibilidade do cultivo de pequenas hortas e ervas, práticas próprias do campo, difíceis de serem mantidas no urbano, mas que ainda marcam suas recordações.

*“Ah, eu e a mulher tinha lá a nossa hortinha, bunitinha que só vendo, ela gostava mesmo era de plantar, como fala ?... ervas né, mais aqui aquilo num ia pra frente, num dava nada”*

Ao comentar sobre o atual bairro Progresso, onde ainda persistem apenas dois galpões, que no passado abrigaram os curtumes Cubatão e o curtume Progresso, liga a cidade às suas memórias de curtumeiros, revelando nuances de um momento em que o trabalho nos curtumes se dava de maneira artesanal, em que ainda se descarnava o couro com facões:

*Agora tem só dois. Tem um aqui em baixo.... Hoje mudou tudo, hoje é tudo maquinário. Naquele tempo era tudo à mão, eu mesmo cheguei, nossa, descarnar tanto couro a mão com um facão. Logo que eu casei, eu tava com vinte e um ano...em 37 mais ou menos.(...) Era tudo a mão. Eu descarnava a mão, nois era em três descarnando a mão, com um facão desse tamanho. Era que nem uma navalha. Nossa senhora, era cada couro, você jogava ia como dauí lá.*

*( O couro) vinha e Barretos, de Araçatuba. Não tinha matadouro suficiente. Tinha matadouro mas não era o suficiente, matava uma mixaria né.*

*O matadouro era aqui em cima aqui. Matava lá umas vinte ou trinta vaca. O povo era pouco né. Num tinha...a Cidade num tinha... num tinha aquela Vila Europa num tinha... era só mesmo esse meio aqui...tinha os caminhos ai...vinha de Barretos, Araçatuba, Pirassununga, pra esse meio ai. Ia de trem, os couro vinha tudo de trem, aqueles vagão. (...) Pela Mogiana”*

As suas recordações possibilitam pensar sobre momentos em que o trabalho fabril ainda mantinha fortes relações com o campo, marcando mesmo aspectos do viver entre o campo e cidade. Pontua trajetórias do couro na constituição do comércio regional, demarcando caminhos, especializações e divisões na relação entre a cidade e a região. Mudanças nos meios de transporte — a Mogiana ainda se fazia presente — e na cidade — novos bairros estavam surgindo — caminhando *paripassu* às transformações nos curtumes e nas vidas dos velhos curtumeiros.

O seu depoimento explicita trajetórias pessoais articuladas com lembranças de momentos significativos em sua vida. A mudança para o núcleo urbano da cidade, seu casamento, o trabalho com couro ainda de forma artesanal. Trabalho árduo em tarefas pesadas e insalubres, em que se

dava prioridade para “homens da roça”, pontuando o momento em que começou a trabalhar no curtume Progresso em 1939:

*“Eu vim pra cidade, eu vim no Curtume progresso, eu vi eles trabalhando lá, cheguei em casa falei pra minha mulher ah, eu vou pra Franca ( o núcleo urbano). Você é doido, não, moro lá não. Falei vou, ai eu vim ai, ai eu falei, eu chamei...tinha um tal de seu Paulo, o dono era o Salazar, morava no Rio de Janeiro, mas quem ajustava era ele, ai conversei com ele, ele falou, pode vir que nós tá precisando de gente. Ele falou nós quer gente é da roça memo, que sabe trabalhar no serviço pesado.*

*Venceu o ano, eu vim arranjei uma casinha aqui, uma casinha de barro né, mas naquele tempo era poucos trem né, num tinha esse negócio de guarda-roupa, num tinha nada em casa, era umas mala, banco era... banco de tábua, caixote, fogão de lenha, naquele tempo era isso.*

*Ah, eu vim ai, eu vi eles trabaiá lá, achei aquilo lá interessante, falei, ah eu vou pra lá, eu vou largar da roça. Um serviço..., ai eu arranjei o serviço e mudei, ai mais ou menos dois meses...naquele tempo num tinha esse negócio de caderneta pra registrar, trabalhei um ano e meio sem registro.”*

A precariedade do início da vida na cidade e formas de contratação da mão-de-obra nos curtumes, entre outros aspectos são lembrados. Mas, sobretudo, a saudade sentida como perda é destacada, possibilitando pensar para além das condições de trabalho e de moradia na cidade.

Também o Sr. José do Patrocínio, em determinado momento de sua vida, no ano de 1964, após a morte do seu pai ainda na fazenda em que moravam, já casado e com dois filhos, mudou-se pra o núcleo urbano da cidade, também ele atraído por um combinado de fatores pessoais e possibilidades que o trabalho nos curtumes oferecia:

*“É como eu te falei eu vim pra cidade com a morte do meu pai em 1963, que meus irmãos era tudo menor que eu, eu sozinho num ia dar conta da família né. Era a coisa mais viável que tinha né. Ou você entrava no curtume ou então ia trabalhar na Amazonas. O pobre que vinha pra cidade da fazenda o sonho dele era entrar ou no curtume ou na Amazonas, de solado, existe até hoje. Ai eu entrei no progresso, em janeiro de 1964, depois entrei no curtume união, em 67 e sai em 81. Depois do união fui trabalhar, trabalhei no curtume Condor, depois entrei no*

*Cubatão em 83 e sai em 97.”*

Inicia a sua carreira de curtumeiro em um momento — a década de 60 — em que as grandes indústrias de calçados, como a Amazonas e Samello — entre outras marcas menos conhecidas — ganhavam mercado e visibilidade nacional. Sr. José trabalhou nos principais curtumes da época: Curtume Progresso, Curtume Condor, Curtume União e o Cubatão. Sempre com certa mágoa, conta que a relação com a cidade não foi boa para ele:

*“Eu nunca me adaptei de verdade, foi com eu te disse, fiquei por causa da mulher... aquilo era muito violento, muita bagunça, onde eu morava mesmo, ali na rua... como era mesmo o nome? Tinha muita bagunça. Duas vezes a polícia me parou, num tinha nada... mas ficasse no bar altas horas pra ver...”*

As lembranças de um momento de repressão política e militar – durante o processo de implantação da ditadura — associada à ação da polícia nas ruas, marcaram as suas memórias. Destacando a dificuldade de se fazer novas amizades, se recorda que os novos amigos que conquistou na cidade, eram todos curtumeiros:

*“(....) que naquele tempo a gente só trabalhava né, então os amigos era tudo curtumeiro, aquilo era jogo de curtume contra curtume, então a gente ia fazendo amizade, mas fora disso... eu mesmo conheço muita gente agora, mas naquela época era só curtumeiro mesmo”*

A experiência no curtume e as novas relações de trabalho são lembradas com certa mágoa, recordando-se das tarefas insalubres e do despotismo das chefias:

*“Eu num tenho saudade nenhuma, aquilo era descarnar aqueles couros fedidos o tempo todo, depois eu fui pra rebaixadeira, até que melhorou um pouquinho, mas aquilo era suja pra valer. Aqueles chefes tudo ignorante, fosse discutir com eles pra ver. Hoje essa rapaziada aqui dos curtumes pega é só moleza, tudo automatizado, limpinho...”*

Ao iniciar sua vida no núcleo urbano da cidade, Sr. José teve de morar “de favor” em uma pequena casa nos fundos do quintal de conhecidos seus. Só algum tempo depois do casamento, já em 1968, comprou casa própria. A dificuldade de moradia na cidade também marcou as suas lembranças. Destacando perdas entre o viver no campo e no urbano, pontua diferenças nas relações pessoais e de sociabilidades, acentuando o anonimato da cidade:

*“(...) Deus me livre, aquilo era muito apertado, viver de favor, casa era*

*muito cara naquela época, tinha aqueles planos do governo, BNH, mais aquilo num dava pra todo mundo. Eu mesmo comprei casa só bem depois. Tive que pagar muito aluguel. Aluguel ali, aluguel acolá, só num voltei pra roça por causa da mulher. (...) Olha vou te dizer, num consegui muitas amizades não, era um povo estranho....era....sabe, de pouca conversa. Ninguém parava pra conversar com você. A minha vida era da casa pro curtume, do curtume pra casa...era muito ruim...”*

Ao recordar a mudança dos curtumes para o Distrito Industrial argumenta:

*“ Olha quando transferiram os curtumes pro parque industrial eu já estava quase aposentado, sabe, mais eu num vi vantagem nenhuma. Pra nois aquilo ficou muito ruim isso sim, era longe pra daná. Eu mesmo tinha que pegar um ônibus, sabe, mais tinha curtumeiro que morava mais na roça que tinha de pegar até dois. Aquilo era muito ruim, viche. Antigamente era uma beleza, o curtume era pertinho de casa, só vendo. Quando a mulher queria falar com a gente ela ia lá e falava.... era bom demais. Além do mais era tudo diferente sabe, a gente num sabia mexer em nada mais. Proibiram um monte de coisas, a gente num podia mais jogar lá dentro, nem puxar uma sonequinha depois do almoço. Viche, eles ficava no pé, tinha de limpar tudo toda hora, dizia que era por causa da tal da vigilância, sabe. Eles trouxeram umas máquinas novas aquilo era muito diferente, eu nunca aprendi mexer naquilo direito, sabe, eu tenho é muita saudade...hoje num é a mesma coisa...”*

Nas lembranças do Sr. José paira a saudade de maior liberdade de trabalho, dos pequenos prazeres como o jogo e a “sonequinha” nos intervalos de trabalho. Lamenta o aumento da disciplina, da vigilância patronal e a chegada de novas máquinas com as quais não aprendeu a trabalhar. Destacando momentos em que elementos da organização pessoal do trabalhador — como a possibilidade de falar com a esposa mesmo durante a jornada de trabalho — foram substituídos por relações impessoais próprias das atuais relações de trabalho.

As mudanças dos curtumes, o desaparecimento de formas antigas de se trabalhar, reforçam memórias vividas — hoje lembradas de forma saudosas — de um processo que distanciou momentos importantes das vidas dos velhos curtumeiros, mas também de importantes formas de resistências nos locais de trabalho, como o domínio do tempo livre para o descanso e lazer nos intervalos dos turnos nos locais de trabalho.

Presente a percepção que as novas máquinas começavam a tirar os seus lugares e suas

funções, impondo uma nova aprendizagem que não mais tinham tempo para adquirir. Tirando-lhes também estas pequenas, mas importantes conquistas, que historicamente constituíram-se em elementos significativos na organização dos trabalhadores.

Saber-fazer que pontua suas memórias, demarcando a importância de se dominar processos produtivos — mesmos que descartados pelas novas formas de trabalho — como uma maneira de se fazer presentes. Como se recorda o Sr. José do Patrocínio:

*“Começava com o caleirista né, que era o que começava curtir o couro, tinha o descarnador, que descarnava o couro, limpava o couro, depois ia pra o curtimento, tinha o curtidor, depois ai vem pra divisora, ai chega na rebaixadeira que é o rebaixador. Ai o rebaixador pega deixa o couro na espessura certa, ai vai pra o ...pra tingir o couro.*

*Depois vai para secagem, depois que ele sai do recurtimento... ai se pendura ele pra ele cabar de secar, ai segue pra o acabamento, ai eles passa ele num tal de...depois...vai pra, antigamente chamava jacaré, esticador, hoje isso tem outro nome. Ai vai pra lixadeira, ai vai na lixadeira, lixa ele, pra limpar a pele, chama pra limpar a flor, ai a flor fica limpinha né. Ai sim ai vai pra o acabamento, vai pras máquinas de tintura dá as mãos de tinta, aqueles que precisa, que outros já sai pronto pro tambor, o natural”*

Nas suas recordações, embora nostálgicas, estão presente a crítica às transformações pelas quais os curtumes passaram, como que impotentes diante das novas máquinas que não precisam mais de seu saber-fazer. Não mais pertencendo a uma cidade que aos poucos foi transformando-se na busca de feições de “cidade moderna” e paulista, e que lhes parece, no presente, apenas a cidade de suas memórias.

Portanto, tornam-se significativos momentos do fazer-se curtumeiros destes homens nas temporalidades das suas memórias. Como nos inspira Portelli, ganhando significado não somente os aspectos materiais em torno da vida de cada um, mas também suas relações com a subjetividade, a imaginação e o desejo em “re-significar” sua história de vida, como parte de uma história maior, o local, o regional, o nacional, atribuindo sentido às suas experiências, valorizando trajetórias pessoais e sociais<sup>115</sup>.

Suas memórias e recordações ligam o tempo do campo ao tempo da cidade, o tempo do agora a um tempo em que trabalhavam, em que tinham o domínio do saber fazer dos processos

---

<sup>115</sup> PORTELLI, A. *Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. In: **REVISTA PROJETO**

produtivos do curtume, tempos que tem sentido, no presente, por situá-los em um momento de suas vidas em que se sentiam produtivos e valorizados. Memórias mediadas pelo tempo e espaço do trabalho.

*“Ah, eu tenho é muita saudade, naquele tempo era tudo diferente, Franca era muito bom, como eu gostava de trabaia no curtume, quando eu comecei a trabaia no curtume, eles pagava muito bem, acho que era porque faltava gente pra trabaia nos curtumes, num era todo mundo que queria não. O povo gostava mais era da roça, mais aos poucos, um ia falando pro outro, os patrões falava assim traiz os amigos de vocês pra cá também que a gente quer é gente da roça mesmo. No começo a gente estranhava, nem todo mundo ficava, estanhava, mais eu mesmo quando passei a gostar não queria sair mais”*

Estranheza causada também pelo caráter tão diferente do trabalho no curtume, que apesar de privilegiar “gente da roça”, valorizando sua resistência física e sua tradição na lida com o trabalho pesado, exigia agora outras aprendizagens.

Ao narrar suas lembranças de curtumeiros na cidade, os velhos curtumeiros destacam este momento em suas vidas como o marco mais importante e definitivo em suas memórias. Marco que acentua a percepção das suas experiências de trabalho. Marco temporal que divide estas experiências entre o antes e o depois. Marco econômico, assinalado pelas transformações na estrutura da produção e nas relações de trabalho no ramo coureiro-calçadista, mas, principalmente, marco nas suas referências pessoais, como se recorda o Sr. José:

*“ (...) ah, isto eu me lembro bem, aquilo foi muito triste, eu ainda trabalhava no Pessoto, aí o patrão falava, não, vai ser melhor porque é um lugar que vocês vai ter mais conforto, mais espaço, estas coisas...e depois a prefeitura já estava pegando no pé do patrão, diziam que os curtumes estavam sujando a cidade, sabe ? A gente não entendia direito disto, mais eu preferia mesmo era nunca ter saído de lá, era aqui em baixa ó, cinco ruas daqui... e depois a gente trabalhou tanto tempo ali, parece que ali tinha um pedacinho da gente.”*

Na sua fala, recorda-se do momento — no início dos anos 80 — em que os curtumes já sofriam pressões por parte do poder público para deixar o centro da cidade. Os principais problemas eram os odores e os dejetos que produziam, e que, até estes anos, eram jogados diretamente no rio Cubatão.

Memórias que afloram por ter sentido para o Sr. José, suscitando sentimentos de descontentamento por uma mudança que, ao seu juízo, mais que atender às exigências de adequação do poder público na sua reorganização do espaço urbano, alterou a ralação que os velhos curtumeiros mantinham com o trabalho e com a cidade, relações carregadas de sentidos.

Apesar da possibilidade de mais conforto nas novas instalações no Distrito Industrial, o que marcou as lembranças dos velhos curtumeiros foi exatamente ter deixado para trás um local que tinha tanto das suas experiências.

Mudanças resultantes dos vários projetos de urbanização e desenvolvimento da cidade, hoje re-significadas e que, ao afastar-se deles, temporal, espacial e socialmente, amalgamam-se à suas memórias como “*interpretações construídas pelos sujeitos em um processo ativo de criação e de significados e não como um depósito passivo de fatos*”<sup>116</sup>, revelando importantes dimensões e significados atribuídos por eles à este momento de suas vidas.



*Figura 1: Time de futebol da fazenda Palmital.*

O seu depoimento, ao recordar do trabalho nos curtumes, do jogo de futebol nas fazendas e nos campinhos da cidade, da missa aos domingos, revela relações e memórias construídas no

cotidiano de curtumeiros e nas experiências vividas. Cultura e Memória como campos que compreendem dimensões do trabalho, da religiosidade e do lazer, ligando momentos e práticas que perpassavam o viver no campo e na cidade.

*“Ah, era bom, naquele tempo a cidade era muito diferente sabe, tudo isso aqui era curtume, quer dizer tinha a igreja e os campinhos, que a gente jogava muita bola. A turma era tudo amigo, hoje não, mais naquele tempo a gente trabalhava tudo no curtume e depois ia jogar bola. Domingo ia na missa. O patrão num gostava muito não, porque o que acontecia num curtume todo mundo ficava sabendo na hora, então se você que queria sair, por exemplo, do Cubatão, aí você já ia perguntando se nos outros curtumes tava precisando. Você escolhia, se tava pagando mais, se o patrão era melhor, essas coisas. Hoje eles mudaram os curtumes, a gente passa em frente e só os galpões, que os curtumes mesmo foram tudo lá pro Distrito.”*

Recordando-se de um momento em que os curtumes faziam parte da paisagem da cidade, Sr. José do Patrocínio destaca a proximidade das suas instalações, possibilitando um tipo de relação com o trabalho em que perpassavam momentos de sociabilidades e do lazer como uma importante estratégia para a escolha dos melhores patrões e salários.

Prática que já preocupavam os patrões, possibilitando indagar que a mudança dos curtumes para o Distrito Industrial atendeu também — mesmo que indiretamente — a necessidades de intervir nesta forma de relação com o trabalho. Relações em que experiências, modos de vida, conciliando o trabalho com laços de sociabilidades, práticas ainda muito próximas do rural, marcavam um momento em que aspectos do viver no campo ainda se faziam presentes no trabalho fabril como elemento de autonomia do trabalho.

Presente em suas falas também a percepção que a mudança dos curtumes para o *Distrito Industrial* significou mais que uma mudança física, mas alterou profundamente as relações de e com o trabalho para os velhos curtumeiros. Tornando-as profissionalizadas e impessoais, dificultando formas de relações com o trabalho constituídas entre o trabalho e o pessoal, nas relações de amizades e de sociabilidades.

As suas falas fornecem elementos para pensar sobre como os velhos curtumeiros viram afastar-se deles este *lócus* físico e social de suas lembranças na cidade que já buscava a

modernização do seu parque industrial coureiro-calçadista desde a década de 1960.

Ao narrar tais momentos em suas vidas, as narrativas dos velhos curtumeiros possibilitam pensar sobre um momento do trabalho no Brasil em que — ao contrário das atuais relações, impessoais, que prioriza jovens trabalhadores, sem experiências e sem memórias de outro saber-fazer — ampliavam-se outras relações, práticas e possibilidades do tornar-se trabalhador no urbano.

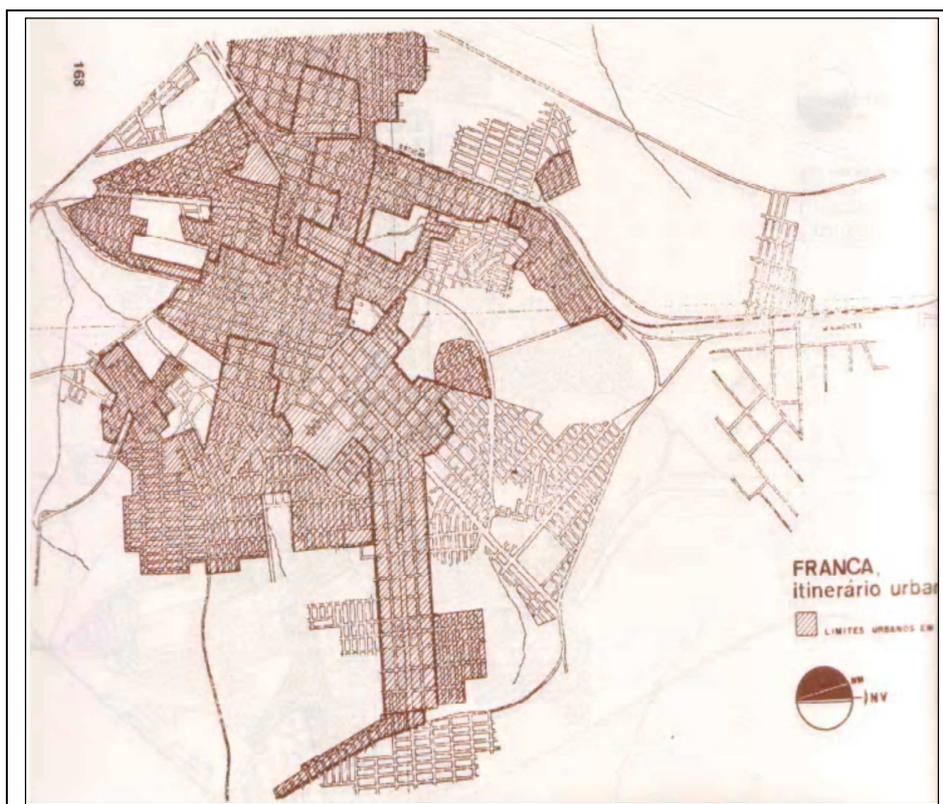


Figura 2: Limites urbanos da cidade em 1960.<sup>117</sup>

A partir da década de 1960 e até meados dos anos 80 somava-se ao desejo de uma vida melhor nas cidades paulistas o forte apelo veiculado nos meios de comunicação local — por meio do *O Francono* e outros jornais — e nacional, visando “atrair” especificamente trabalhadores para a indústria coureiro-calçadista da cidade. Este período “atraiu” trabalhadores com outro “perfil”, geralmente mais jovens e sem experiências no campo, embora ainda vindos, na sua maioria, das pequenas cidades do sul-mineiras, como Carlos. Atraídos por transformações econômicas próprias daqueles anos, que colocavam a possibilidade de um emprego na indústria coureiro-calçadista

<sup>117</sup> FERREIRA, Mauro. **Franca itinerário Urbanos**. São Paulo Laboratório das Artes, 1983.

francana como principal atrativo para aqueles novos trabalhadores <sup>118</sup>.

Entender a região de Franca e Ribeirão Preto, <sup>119</sup> especificamente no período de 1960 a 80, é procurar apreender aspectos das transformações locais nas relações com o nacional naquele momento. Pontuando que as décadas de 60 e 70 caracterizaram-se pela tomada de uma série de medidas governamentais que promoveram transformações econômicas significativas no país, no Estado de São Paulo e conseqüentemente no Nordeste paulista.

Sendo necessário considerar também que a política industrial praticada em âmbito nacional pelos governos autoritários pós-64 criou uma demanda de mão-de-obra própria destas décadas, acentuando a necessidade de “transformar” trabalhadores do campo, “migrantes”, vindo principalmente do Nordeste brasileiro para os grande pólos industriais, notadamente para o ABC paulista, triângulo mineiro — entre outros — em trabalhadores fabris.

GARCIA, <sup>120</sup> associa este processo na região à expansão do parque industrial da cidade de São Paulo e Grande São Paulo para o interior paulista. Destacando os objetivos destes governos de descentralização industrial dos grandes centros urbanos. Esta política, segundo o autor, sem considerar as realidades regionais, tendências e impactos sobre o meio ambiente e, principalmente, sobre as populações locais, empurrou, irresponsavelmente, o processo de industrialização para os interiores dos Estados a partir de subsídios e incentivos à exportação.

Carlos, que chegou em Franca em 1975, ainda jovem e solteiro, saiu da cidade de Claraval e atualmente reside no bairro de Santa Rita, não chegou a trabalhar nas fazendas de café da região. Fez vários “bicos” antes de iniciar sua vida de curtumeiro no Curtume Pessoto em 1978. Também ele pretendia encontrar melhores condições de trabalho nas indústrias francana. Embora seus pais não tenham se adaptados e voltado para a região mineira, Carlos continuou na cidade:

*(...) È como eu te falei, aquelas cidadinha da região mum tinha emprego não. A gente era jovem, então o que queria? Queria um emprego melhor. Antes de vim vários amigos meus vieram, então todo mundo dizia que era melhor. Você sabe a rapaziada queria comprar roupa, ter um dinheirinho pra gastar... Isto era difícil lá. Num vou dizer que lá num era bom, era, mas a gente tava cansada daquela vida (...) Bom, eles voltaram, mas eu continuei, falei, vou voltar pra que? Eu já estava trabalhando aqui (...) Não era em curtume não, mas não demorou e*

---

<sup>118</sup> GARCIA, Ronaldo Aurélio G. **Migrantes mineiros em Franca**, Franca: UNESP, 1997.

<sup>119</sup> Atualmente a região de Ribeirão Preto congrega as seguintes sub-regiões: Ribeirão Preto, Franca, Ituverava, São Joaquim da Barra, Barretos, Jaboticabal, Araraquara e São Carlos. SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo, Editora da Unesp, 1998.

<sup>120</sup> GARCIA, Ronaldo Aurélio G. **Migrantes mineiros em Franca**. Franca: UNESP, 1997.

*já arrumei emprego. Acho que foi no Delatorre, fiquei muitos anos lá. Hoje só sei trabalhar em curtume.*

Aos seus olhos a cidade representava possibilidades de uma vida mais “agitada”, com mais possibilidades de maiores salários e lazer:

*“Muito amigos meus vieram assim, era como eu te disse, também tinha aquele negócio de sair na imprensa que a região aqui tinha emprego. A juventude queria um lugar mais agitado, que tivesse diversão (...) Você sabe naquele tempo nu era que nem é hoje, mas tinha...tinha os bailinhos, os cinemas, namoros, a gente gostava da sair a noite na cidade, aqui assim era só praça, dava pra namorar bastante. Vira e mexe alguém tinha um carro, ai era a sensação, mas era difícil, porque carro naqueles anos aqui tinha pouco (...) Eu gostava, tinha muita coisa boa, as praças pra namorar, os bailinhos. Também você tinha de tomar cuidado, você num conhecia ninguém e naquela época tinha muita briga, mum era com a cidade de onde eu vim, cidade pacata sabe (...) Num era fácil, imagina você, uma cidade que você num conhecia ninguém... A polícia também, que a policia pegava no pé, num pode isso, num pode aquilo...não dava pra andar na tarde da noite.”*

Apesar de ter passado a infância e a adolescência no campo, Carlos tem poucas lembranças deste período em sua vida. Sempre gostou da cidade e não teve dificuldades em viver no espaço urbano mesmo depois que seus pais voltaram, embora destaque dificuldades de moradia já na cidade de Franca.

*“Rapaz isto eu não sei te dizer, é claro que era muito diferente, sei do que meus pais falavam... olha eles gostavam, você sabe pros velhos é melhor. Era aquela vida, da roça pra casa, aquele sossego, apesar das dificuldades, penso que pra eles tava bom, tanto que voltaram, mas pra mim que era jovem num dava (...). Bem quando eu vim pra Franca, é como eu te contei, eu vim com meus pais, mas num deu pra comprar casa aqui não. Ai tivemos de pagar aluguel muito tempo. O centro aqui da cidade num tinha muita casa, então era difícil. Eu mesmo achava ruim, a gente teve que mudar muitas vezes (...). É como eu te disse, eu já conhecia Franca, então não demorei muito para fazer novas amizades, mas não era com todo mundo não”*

Como a maioria dos novos trabalhadores que se dirigiram pra a região a partir dos anos 60, empregou-se diretamente em atividades no centro urbano da cidade e, em um segundo momento, nos curtumes. A representação da região de Franca como prósperas e com mais possibilidades de trabalho, segundo relata, chegava a outras cidades, e até a outros estados através do *Jornal Nacional*:

*“Então falava assim, no Jornal Nacional, no Jornal Regional..., da região aqui, que abrange 250 cidade, você imagina o que é isso, uma televisão falando pra 250 cidades, cidades que tem pouco recurso, só tem lavoura, e tá ruim, de repente tem um local que eles sabe que ali de um jeito ou de outro eles vão arrumar, que está precisando, é lógico que eles vai, né, então isso foi o que aconteceu, ai o pessoal veio, das cidadezinhas aqui perto, dá cem quilômetros do Sul de Minas aqui né (...). Aí saía nos jornais, mesmo aqui, o Francano, o Diário... O Comércio de Franca quase não saia, mas mesmo assim você vê que até hoje, você pode ver que o que sai na Folha sai no Jornal Nacional, ou que sai no Jornal Nacional no outro dia tá na Folha (.....) Então um conta pro outro, e faz aquele comercial, então, o que acontece, as pessoa vem”*

Sindicalista, Carlos faz uma análise mais articulada do poder da mídia como veículo de divulgação das transformações econômicas da região nas pequenas e próximas cidades sul-mineiras neste período. Momento em que à solidariedade e à preocupação com os que ficavam acrescentava-se um importante e sedutor “incentivo” por parte do empresariado local. Como relata:

*“Fazia um lote assim, um número assim, de dez pessoa, eles vinha lá do Sul de Minas, lá daqueles confins, aí vinha pra cá e tava bom de serviço.....então ele ganhava um dinheirinho....ganhava em torno de...hoje, de dez a vinte reais, que nessa época de colheita você trabalhava mais de empreita, você ganha por produção, quanto mais você colhe mais você ganha....esse tipo de coisa...meeiro também né, então o que acontece, aí eles achava que ia ficar rico né, ou qualquer coisa assim, baseado nisso.*

*Ai então influenciado por isso já ligava daí a uma semana... Recebia todo Sábado ou de quinze em quinze dias, lá ele nunca via dinheiro, aqui ele recebia todo sábado... Às vezes tinha um alojamento, quando a fazenda era muito grande, então eles fazia os alojamentos né, tinha 70, 80 peão, né, então pagava... Vamos supor a colheita vai durar quatro meis....então ele tinha uma média quanto ia*

*ganhar cada um, então ele te adiantava lá, vamos supor, hoje em torno de 150 reais, pra você comprar ai arroz, feijão, carne...ai então ele dizia o patrão aqui é bão e tal...a semana que vem eu já tou recebendo aqui, vou mandar dinheiro para duas passagens...então vinha, inclusive o patrão chamava...falava ó, se você quiser mandar alguém de lá, a outra fazenda, a fazenda do patrão tá precisando de mais cem, então cada um queria, seu amigo, seu irmão, seu pai, sua mãe pra vim, aí vinha né, influenciado por isso.....então ali ficava..”<sup>121</sup>*

Experiências de deslocamento pontuando o sentimento de querer buscar os “seus” para junto de si, socializar as possibilidades de uma vida melhor, combinado com a necessidade de minimizar as dificuldades de viver só em terra diferente. A saudade de esposas, filhos e pais, fazia com que, assim que possível, se buscasse aqueles que ficavam, tornando-se importante fazer uma pequena economia que possibilitasse o custeio da viagem.

Mas quais eram os seus sonhos? Porque continuavam saindo de suas cidades dirigindo-se para outras regiões ainda nos anos 60 e 70? Carlos fornece algumas pistas:

*“Olha, eu acho que todo mundo pensava que aqui não faltava trabalho, depois tinha aquela vontade de vim pra cidade, sei lá, criar os filhos, estudar os filhos... Naquelas cidadinhas de Minas era muito difícil. Eu penso que as pessoas queriam uma vidinha melhor. Lembro de meu pai, ele dizia que aqui em Franca se o sujeito trabalhasse dava.”<sup>122</sup>*

A História Oral tende a representar a realidade não exatamente como um tabuleiro, em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico em uma colcha de retalhos, em que as partes são diferentes, porém formando um todo coerente uma vez reunido,<sup>123</sup> possibilitando assim, articular lembranças e trajetórias pessoais de curtumeiros no diálogo com conjunturas sociais e econômicas em que constituíram suas vidas naquele espaço.

Foi a partir dos anos 60 que esta região também conheceu, *paripassu* ao seu desenvolvimento industrial, importante processo de mecanização agrícola. Processo este que se intensificou nos anos 70 e se solidificou nos anos 80, fazendo com que a região se tornasse uma das mais avançadas do Estado de São Paulo, contando com capitais privados e apoio governamental

---

<sup>121</sup> Idem

<sup>122</sup> Idem

<sup>123</sup> PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** In: Revista Projeto História n. 14. Programa de Estudos Pós-graduandos em História da PUC / SP, São Paulo: Edusp, 1997.

através do crédito barato para o financiamento da produção e a aquisição de máquinas e insumos.

124

Conforme Carlos:

*Que não tinha mão-de-obra aqui em Franca, (...) da década de 70 até 88, ai depois foi ficando mais ruim. (...) 20 % da população que mora em Franca hoje é francano, e o resto garanto pra você que não é de Franca (...). O irmão vinha, trazia o amigo, o primo, a mãe, o irmão. Ia trazendo todo mundo entendeu. E aquele ia avisando pro outro amigo e assim por diante, entendeu. De 67 até 87 foi bom, então foi muito tempo pra atrair gente, vindo gente, ai tava faltando mão-de-obra em Franca, né, você via na região de Ribeirão que a laranja perdia que num tinha mão-de-obra. Então saiu no Jornal Nacional, saiu três ou quatro veis, que Franca, Ribeirão Preto precisava de mão-de-obra, que num tinha mão-de-obra. Tinha serviço e num tinha mão-de-obra, então Goiás, Bahia, tudo, vieram pra cá (...). Pois é, imagina a Globo, né, falava no Jornal Nacional né, Franca e Ribeirão falta mão-de-obra, a laranja já está caindo, apodrecendo e não tem como panhar porque não tem mão-de-obra Franca nesta época tinha cem milhões de pé de café, hoje tem quatro milhões, então veio gente de Paraná, Mato Grosso, Goiás, de tudo quanto era estado.”*

Mas esse processo de “modernização” no campo, com diminuição de postos de trabalho, associados às constantes oscilações do café, contribuíram para que um número grande de trabalhadores deixasse as fazendas em que viviam e, juntamente com aqueles que vinham de outras regiões nos mesmos anos, buscassem trabalho na cidade. Processo este que já havia se iniciado nos anos 50, quando a região paulista, já naquele momento, passou por modificações na sua estrutura fundiária, causando repercussões nas relações de trabalho, entre elas, um significativo movimento de liberação de trabalhadores para o mercado de trabalho urbano.

Sendo fundamental considerar também que, se as décadas de 50 e 60 são apontadas como o momento em que a região paulista iniciou sua modernização agrícola, esta modernização não significou melhorias nas condições de vida para o trabalhador do campo, como se pôde constatar por meio da leitura deste editorial do *O Francano*, de 25 de janeiro de 1953.

Denunciando as péssimas condições de trabalhos e de vida daqueles trabalhadores nos

municípios da região, afirmava o editorial:

*“No Brasil a situação do homem que labuta na roça é das mais precárias, assemelhando-se a tudo e por tudo à do trabalhador chinês. Em pleno século XX o nosso caboclo não tem casa para morar porque a que ele vive não pode ser chamada moradia. Também não tem recursos médicos de qualquer espécie. Em nosso país o trabalhador rural não existe para os legisladores, e por isso mesmo as leis de amparo e proteção aos que trabalham são feitas para a cidade. Antigamente o fazendeiro permitia que o seu empregado tivesse uma rocinha, que criasse algum capado, e que engordasse duas ou três vacas no pasto, hoje isto acabou, e aos que permitem tal coisa são elogiados e até estatuas se levantam em sua honra. Felizmente ainda há uns poucos desses naipes.*

*A verdade clara, patente, insofismável é que nosso homem do campo não vive, vegeta.”*

Documentação — assim como o processo-crime de suicídio que envolveu Benevuto — reveladora das condições de trabalho e das formas de exploração do trabalho nas fazendas de café paulistas. Explicitando que o sonho de uma vida melhor naquelas fazendas estava bem distante da realidade vivida por aqueles que para a região se dirigiam em busca de melhores condições de vida.

Estes fatores e a substituição do café por culturas que demandavam menos mão-de-obra, ao longo destes anos, impulsionaram a desestruturação do sistema de colonato, aumentando o deslocamento rural-urbano na região como um todo.<sup>125</sup>

Nas palavras de Carlos:

*“ Vieram pra Franca pra colher pé de café, aí o café ficou ruim de preço, isto foi .... ai o que aconteceu, as empresas, elas pediam no rádio pra gente vim, a Amazonas pagava dois meis o seu salário que você ganhava dentro da empresa quando você conseguia um da roça pra trabalhar na Amazonas, entendeu. Era esse o prêmio pra cada pessoa que conseguia trazer um.”*

Carlos, mesmo reproduzindo representações próprias de um olhar preconceituoso sobre “migrantes”, destacou também o momento em que a cidade passou a receber trabalhadores de outras regiões de Minas e até de outros estados, mas agora na condição de trabalhadores urbanos,

alimentando representações e imaginários em torno do trabalho e do trabalhador fabril naqueles anos:

*“Vinha mais de Minas... do Paraná, entendeu, baiano tem muito, mas não é tipo São Paulo... , que nem a gente fala, os nordestinos está tudo em São Paulo, em Franca você num tem isso, é mais de Goiás e de Minas....a gente aqui tem o costume de falar assim, ó, aqui em Franca você num vê um carioca, acho que em São Paulo também é muito difícil você vê um carioca, só de passagem, goiano também...são pessoas que num gosta de trabalhar né, e os mineiros que num vem é aqueles que num gosta de trabalhar, aqueles que gostam de trabalhar, necessitam, então esses vem, pra trabalhar, pra fazer a vida, e o pior é que consegue, você enrtendeu, (vinham de) Teófilo Otoni, Delfinópolis, divisa com a Bahia vinha bastante, ah, de Salinas né”*

Também o Sr. Zequinha, e Hélio, assim como Carlos não chegaram a trabalhar nas fazendas em Franca, vieram para a cidade na década de 1970 empregaram-se diretamente nas indústrias coureiro-calçadistas.

Sr. Zequinha, atualmente com 76 anos de idade, chegou em Franca em 1975, trabalhou em pequenas fábricas de calçados e em vários curtumes da cidade. Já com família constituída, mudou-se para Franca devido à vontade da esposa:

*“Naquele tempo a minha mulher não tinha a saúde muito boa não, então a gente já vinha bastante pra Franca, era a cidade mais perto (...) Se você perguntar se eu gostava de Franca, eu não gostava não. Vim porque foi o jeito. Naquele tempo num era que nem hoje que tem ônibus toda hora, então ficar mais perto dos médicos foi que eu e minha mulher viemos.”*

Quando saiu de Pratápolis para Franca já tinha três filhos pequenos, recorda-se como era a cidade e o trabalho nos curtumes naqueles anos. Mesmo tendo iniciado sua carreira de curteumeiro em 1976, o seu depoimento revela que as condições de trabalho não haviam mudado significativamente nas últimas décadas:

*“(...) olha eu não me lembro mais no que trabalhei primeiro quando cheguei aqui, sei que num foi em curtumes não. Aquilo era muito pesado e fido, então trabalhei muito naquelas fabriquinhas de sapato que tinha aqui. Depois acho que os curtumes começaram a pagar bem...num sei quando, não me lembro.*

*Sei que ai eu fui (...) Sei que o primeiro curtume que trabalhei foi o Progresso. Era um serviço ruim que só vendo. Com o tempo foi melhorando, fui aprendendo...trabalhei muito anos de descanador, depois de rebaixador, ai foi ficando melhor...trabalhei lá muitos anos”*

Atualmente aposentado e “vendedor” de bilhete da loteria, gosta de conversar com os amigos na praça do bairro Santa Rita onde mora e recordar como era a cidade “antigamente”:

*“È verdade Franca era muito menor que hoje, tinha roça até aqui perto. Esses prédios todos aqui que você vê num tinha não. Demorou muito pra ser o que é hoje. Olha, quando eu cheguei pensei aqui deve ser muito ruim de morar, porque em Pratápolis a gente morava tudo no sítio, já aqui vim direto pra cidade com a mulher, num vou dizer que foi fácil, era muito diferente. Mas deu certo. A primeira coisa que eu estranhava muito era o barulho da cidade, até que já tinha alguns carros. Esse negócio de trabalhar nas máquinas também estranhei, mas o pessoal ensinava.”*

*Assim, buscando tangenciar trechos dos caminhos percorridos por trabalhadores do campo na cidade, de várias categorias profissionais, curtumeiros, sapateiros, entre outros — invisibilizados na cidade — é que se destacam memórias de velhos curtumeiros, que ao rememorar suas experiências de vida e de trabalho, falam de símbolos afetivos, locais de suas memórias na cidade.*

Locais carregados de sentidos e significados, que suscitam lembranças e pertencimentos. Locais presentes nas memórias do Sr. Zequinha ao rememorar com tristeza o momento da mudança do Curtume Pessoto — curtume em que trabalhou muitos anos — para o Distrito industrial da cidade:

*“ (...) ah, isto eu me lembro bem, aquilo foi muito triste, eu ainda trabalhava no Pessoto, aí o patrão falava, não, vai ser melhor porque é um lugar que vocês vai ter mais conforto, mais espaço, estas coisas...e depois a prefeitura já estava pegando no pé do patrão, diziam que os curtumes estavam poluindo a cidade, sabe? A gente não entendia direito disto, mais eu preferia mesmo era nunca ter saído de lá, era aqui em baixa ó, cinco ruas daqui... e depois a gente trabalhou tanto tempo ali, parece que ali tinha um pedacinho da gente.”*

Memórias vividas que permitem o contraponto à um processo de apagamento dos locais da memória dos velhos trabalhadores.

Hélio, curtumeiro de 37 anos de idade atualmente trabalha no curtume Progresso, mudou-se definitivamente para Franca em 1978 depois de ter trabalhado na cidade em outros momentos, em 1973 e 1976:

*(...) Demorei para me acostumar com o trabalho de curtumeiro. Quando eu juntava um dinheiro voltava. Com o tempo fui percebendo que aquele negócio de voltar não estava certo, não dava seis meses o dinheiro acabava, e lá o trabalho era na roça, não dava dinheiro não. Foi assim até mais ou menos 1978...é 1978, aí eu vim definitivamente. Naquele tempo tinha muita pensão aqui em Franca, que Franca sempre recebeu muita gente de fora, era baratinho. Comprar casa mesmo foi só depois que eu casei.”*

Casou-se em 1982, já em Franca, repetiu uma trajetória muito comum entre àqueles que buscam no constante deslocamento melhores condições de vida. Ou seja, a constante mudança de região e de emprego, mas sempre retornando à cidade nata assim que se conseguia juntar algum dinheiro, até se instalar definitivamente em Franca.

Atualmente tem um filho ainda criança e mora no bairro Estação. Em suas lembranças da cidade na década de 70, Helio também destaca as possibilidades de ganhos e de lazer:

*“Eu sei que não faltava emprego aqui, hoje não, hoje falta, mas em 70 era aquele negócio de fabricas abrindo... o comércio aqui também começa a parecer muitas lojas grandes (...) tinha, isto era o que não faltava, muita diversão, a rapaziada freqüentava os bailes, tinha os bares aqui que também dava pra ir, já tinha até cinema”.*

Se os velhos curtumeiros foram incluídos nos anos 40 a 70, quando para a região se dirigiram, “atraídos” pelo desejo e pelas possibilidades de trabalho na região paulista — revelando momentos em que o trabalho fabril no Brasil se constituía *paripassu* a importantes movimentos de deslocamento social — foram excluídos nos anos 80 e 90, resultado das mudanças dos curtumes nos quais trabalhavam, para o *Distrito Industrial* da cidade e a introdução de novas máquinas e processos produtivos os quais não dominavam. Fazendo desaparecer velhas formas de se trabalhar, elaboradas na experiência e no saber-fazer do cotidiano do trabalho e ao longo da vida de cada curtumeiro. Como se recorda o Sr. Benetido:

*“Aquilo era muito diferente...eu mesmo num consegui trabaiá naquelas máquinas, era muito diferente...Eu via eles mexendo com aqueles trem tudo lá, mas eu mesmo num aprendi...”*

Momentos em que o ramo coureiro-calçadista francano se especializou, começando a incorporar em seus processos produtivos novas técnicas e tecnologias, exigindo novos conhecimentos, rompendo com práticas de trabalho que valorizavam o saber constituído na viver no campo e na cidade e que exigia habilidades muito próprias, adquiridas apenas com a experiência de trabalho, agora desvalorizadas por novas tecnologias e novos processos produtivos .

Recordar lugares e modos de se trabalhar já descartados pelas novas tecnologias, momento em que a organização do trabalho se dava de outras formas. Em que relações pessoais, nuances do religioso, do lazer e do viver imbricavam-se ao tempo do trabalho, é não permitir que o avassalador processo de reestruturação produtiva, que achata salários, invalida conquistas, impessoaliza as relações, acelera o tempo do trabalhador, precarizando as suas condições de trabalho e de vida, passe despercebido, ou seja, naturalizado.

Processo este que, por fim, descarta os conhecimentos e o saber-fazer de gerações de trabalhadores das mais diversas categorias de trabalho, por não mais atender às exigências de um novo perfil de trabalhadores. E que, apesar de terem dedicado grande parte das suas vidas ao trabalho cabe-lhes agora a invisibilidade imposta aos velhos pela sociedade industrial<sup>126</sup> e por uma série de transformações, físicas e simbólicas, que a cidade implantou nas últimas décadas, coroando este processo com a implantação do seu *Distrito Industrial*, projeto de 1939 e concluída em 1984.

O processo de adoção de novas máquinas na indústria coureiro-calçadista francana já havia se iniciado na década de 60, como informou um edital do *O Francano* em edição de 30 de junho de 1967, com a manchete *NOVAS MAQUINAS PARA INDUSTRIA DE CALÇADOS*:

*“Conforme tivemos oportunidade de noticiar a conceituada firma INTERNACIONAL SHOE MACHINE DO BRASIL, por intermédio de seu digno diretor Sr. Luiz Kadar, em data de 24 do mês finda, no salão do Hotel Francano de máquinas para calçados de sua representação. As máquinas são dotadas de novo método de montagem. Trabalham com cola plástica, secagem instantânea. Elas passam cola e seca de uma só vez. Manejo facilímo com produtividade muito*

---

<sup>126</sup>

Chauí, Marilena IN: Bosí, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de velho*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

*grande*”.

Máquinas dotadas com novos métodos de trabalho e secagem automática, entre outras “vantagens”. Mudanças tecnológicas que já anunciavam a exclusão daquela geração de curtumeiros do processo produtivo dos curtumes nos anos 80 e 90. Sugerindo que os processos de exclusão social dos conhecimentos e saberes dos velhos trabalhadores do mundo do trabalho precisam ser compreendidos como resultado das opções e ações próprias de cada ramo produtivo.

Inscritos em decisões, por parte daqueles que tem o controle de tais processos, que caminham *paripassu* à outros projetos para a cidade. Agregando interesses das várias elites presentes. Repensando a cidade como um todo, que define lugares para uns e para outros, desqualificando saberes e práticas, tanto do ponto de vista urbanísticos como da produção e dos interesses do capital.<sup>127</sup>

Sendo que para os velhos curtumeiros este é o aspecto mais marcante nas suas experiências de vida e de trabalho, pontuando significativamente as suas memórias, quando viram as suas experiências de trabalho e o seu saber-fazer, elaborados ao longo de anos de experiência ser substituídos por trabalhadores mais jovens e mais “qualificados” em um momento, os nos 80 e 90, em que os curtumes da cidade introduziram em seus processos produtivos novas máquinas, geralmente importadas e novos procedimentos.

Mudanças que se concretizaram com a mudança dos curtumes para o Distrito Industrial em 1984. Pela leitura do já citado artigo do *Diário de Franca* de três de junho de 1990, podemos perceber as dimensões deste empreendimento na cidade:

*“Com um total de 71 indústrias diversificadas em pleno funcionamento, e pelo menos 111 como projetos em fase inicial ou em conclusão, do alto de seus 80 alqueires localizados em pontos estratégicos do município, em meio a longas avenidas e generosas áreas verdes, o Distrito industrial de Franca já uma grande realidade. Dotada de redes de energia elétrica, água e esgoto, telefone, galerias fluviais e com 75 por cento de avenidas pavimentadas, o Distrito Industrial já desponta como um empreendimento modelo para diversas cidades do país, coroando de êxito um antigo sonho que começou em 1938 (...)”*

Sr. Elídio, que ainda mora no mesmo galpão, bastante degradado, que no passado abrigou o

---

<sup>127</sup> ARANTES, Antonio Augusto. **Paisagens Paulistas. Transformações do Espaço Público.** São Paulo: Imesp, 1990.

curtume em que trabalhou durante muitos anos de sua vida — o curtume Progresso, atualmente transferido para o *Distrito Industrial* da Cidade — também rememora este momento.

A percepção que os curtumes poluíam a cidade foi ganhando força no projeto de construção do *Distrito Industrial* no início dos anos 80, quando este fator também se tornou importante para o discurso da modernização pretendida para a cidade, marcando também as memórias dos velhos costumeiros. Como se recorda o Sr. Elídio:

*“ Ah, eu sei que todo mundo falava que ia ser melhor, porque eles diziam que ali os curtumes num podia ficar mais, acho que estava sujando o rio (Cubatão), mais a gente gostava mesmo era dali. Mesmo no domingo, que a gente num trabalhava, eu gostava de passar na frente do Cubatão, agora é muito longe”.*

Os projetos de reorganização do espaço urbano comumente estão inseridos em lógicas que atendem aos interesses econômicos e urbanísticos, geralmente articulados, e em Franca não foi diferente. Mas dificilmente preocupam-se com outros grupos presentes e geralmente prejudicados.

Sendo assim, a mudança dos curtumes para o *Distrito Industrial* da cidade fez parte uma série de outras mudanças urbanísticas que a mesma vinha implantando nestes anos que visavam a reorganização e a valorização do centro da cidade, como foi possível inferir por meio da leitura dos editoriais do *O Francano* e dos processos-crimes nos capítulos anteriores.

Transformações que também marcaram as lembranças do Sr. Benedito:

*“A gente sente falta, mas hoje é tudo diferente, aqui mesmo perto do progresso, hoje num tem mais, mais antigamente era tudo...tinha o campos de futebol, era difícil um domingo que a gente num ia jogar, depois da missa. Os patrão mesmo combinava, jogava um curtume contra outro. Hoje em dia Franca mudou muito, eu mesmo quase num vou mais na rua (referindo-se ao centro da cidade), num veja mais nada daquele tempo. Outro dia tive que ir na rua comprar um remédio, foi aquela agonia, ta muito diferente.”*

A cidade atual não é mais a cidade de suas lembranças, dos tempos de sua juventude. Bairros populares, distantes do centro da cidade, foram criados. Trajetos foram mudados, novas ruas foram abertas. Novos prédios e novas praças surgiram, o comércio mudou ou expandiu-se. Velhos caminhos e lugares da memória na cidade sumiram. Modos de vida, revelando relações de amizade, do lazer e das formas de sociabilidades constituídas a partir da convivência no trabalho desapareceram. São palavras de saudades de um tempo no qual trabalhavam e até podiam escolher

onde e para quem trabalhar.



*Imagem 3: Time de futebol do curtume Orlando em 1º de maio de 1973.*

Entre os vários acontecimentos que marcam suas falas quando relembram momentos de suas vidas nos curtumes, destaca-se o jogo intercurtumes. Campeonato organizado pelos patrões no 1º de maio de cada ano e coroado com troféus e churrasco.

Há nessas lembranças um sentimento de pertença a uma profissão, a um grupo de companheiros de trabalho, de lazer e sociabilidades, enfim, a uma categoria de trabalho e a uma cidade. Mas a forma saudosa como rememoram suas experiências de trabalho revelam o lugar social de onde falam: o presente de quem perdeu essa condição, já excluídos das novas formas de trabalho, às quais não dominam mais.

Memórias que pontuam importantes estratégias e resistências na manutenção de seus modos de vida, ainda marcado pelo rural, no trabalho nos curtumes, revelando também outras relações com os patrões, pautadas por estratégias patronais – como a organização do campeonato intercurtumes – de dissimulação das relações de exploração às quais estavam submetidos.

Lugares de memórias de práticas do trabalho, de lazer e da religiosidade, como o curtume, o campo de futebol e a Igreja já não estão mais nos mesmos locais na cidade, mas ainda compõe a memória dos velhos curtumeiros, ligando modos de vida e práticas ao presente de cada um.

Os curtumes, a Igreja, o campo de futebol, e também as praças públicas, o hospital, o cemitério, a cadeia, entre tantos outros espaços, são lugares das memórias, como sugere NORA. Lugares onde os diversos sujeitos deixaram suas marcas invisíveis e por eles foram marcados, lugares capazes de suscitar lembranças, reflexões e conflitos de momentos distantes, mas significativos na vida dos sujeitos. Marcos concretos nos quais “o sentimento de continuidade

*torna-se residual aos locais*”.<sup>128</sup>

Transitar nas temporalidades das memórias do Sr. Benedito e do Sr. Jácomo do Sr. Elídio, do Sr. Zequinha do Sr. José do Patrocínio, entre outros velhos curtumeiros, sugere um olhar sobre a cidade como território híbrido, espaço que para se firmar, precisa acomodar as mais diversas configurações simbólicas e memórias sociais como nos fornece pistas a fala do Sr. Elídio:

*“ (...) hoje mudou muito, parece que nem é mais a mesma Franca que a gente vivia, outro dia mesmo passei lá no centro, aquilo tá mudando muito, tinha aquela praça onde a gente podia parar pra descansar, agora a prefeitura tirou a praça dali, disseram que estava atrapalhando o trânsito”*

Assim, o centro da cidade não é mais o lugar em que ele e outros velhos curtumeiros paravam para descansar e conversar, passando à ser, no presente, um dos lugares das suas memórias.

Parar para descansar e conversar nas praças, social e historicamente compõem as práticas pelas quais as pessoas comuns se apropriam dos lugares na cidade, dando significados aos espaços e equipamentos públicos e impessoais, atribuindo lhes sentidos a partir desta apropriação. Ao recordar da territorialidade de suas experiências, os velhos curtumeiros demarcam uma relação com o trabalho em que não se separavam o trabalhar, o morar e o relacionar-se com a cidade, ampliando o universo destas relações

Atualmente a cidade de Franca possui poucas praças centrais, mas os bairros nos quais os velhos curtumeiros habitam ainda conservam algumas. Praças que são verdadeiros “pontos de encontros” de velhos trabalhadores, local no qual se reúnem cotidianamente para conversar e jogar baralho.

Entre tantas outras possíveis combinações, lugares da memória são os “lugares” onde as pessoas teceram suas vidas. As possibilidades de trabalho e de ganhos, as possibilidades de lazer, as práticas de sociabilidades, políticas e religiosas, enfim, os mais diversos suportes materiais nos quais os sujeitos construíram suas experiências e que compõe a Cidade.

Retomando ARANTES, o espaço urbano continua sendo local de práticas e experiências vividas, assim como das diferentes memórias sociais. Memórias de outras formas de se viver na cidade, outras práticas e formas diferenciadas de se trabalhar.

Assim, e considerando as inúmeras representações sociais que os diferentes sujeitos podem formular em determinados momentos de suas vidas<sup>129</sup>, momentos que dão sentido ao seu presente.

---

<sup>128</sup> NORA, Pierre. Op. Cit.

<sup>129</sup> PORTELLI, Alessandro. Op. Cit.

E, a partir das interpretações e articulações das suas memórias e lembranças, percebemos nuances do papel e dos sentidos do trabalhar nos curtumes na constituição das vidas destes homens.

Mesmo revelando diferentes dimensões da exploração, insalubridade e riscos de acidentes, os velhos curtumeiros atribuem sentidos significativos àquelas experiências, nas quais eram valorizados como profissionais donos de um saber-fazer e de uma habilidade específica, em um momento em que o trabalho nos curtumes exigia habilidades próprias. Conhecimento valioso, possível de se adquirir apenas ao longo da experiência do trabalhador e tão desqualificado nas atuais relações de trabalho.

Suas lembranças também revelam nuances de rompimentos e permanências do viver entre o campo e a cidade na exploração do trabalho. Possibilitando indagar que, se naquele momento as suas vidas tinham sentido no trabalho, também permitiam importantes estratégias de exploração por parte dos patrões.

São indagações para as quais são possíveis multiplicidades de respostas, mas que se trata de inúmeros significados e sentidos dados por aqueles que viveram e vivem tal experiência, sempre com o devido respeito aos envolvidos, à autenticidade de suas tristezas, alegrias e à gravidade de seus motivos. E ciente que se trata de uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas.<sup>130</sup>

A memória é seletiva e seleciona em um universo complexo e contraditório, em que sentimentos e significados que tem sentidos no presente são atribuídos a momentos passados. Sendo assim, ao trabalhar com memórias de velhos curtumeiros, e outros velhos trabalhadores, é preciso perceber que o que é sentido e expresso como saudade não significa simples saudosismo, mas uma forma própria de significar perdas do presente a partir de relações afetivas com o passado. Para os velhos curtumeiros, como também para outros velhos trabalhadores, portanto, apegar-se afetivamente, e até saudosamente, às suas experiências de trabalho é repor, no presente, papéis e lugares os quais não mais ocupam no atual mundo do trabalho.

Recuperar a percepção dos velhos curtumeiros sobre formas antigas de se trabalhar com o couro — geralmente manuais, insalubres e árduas — tornou-se importante como possibilidade de se contrapor a uma forma de desqualificação do trabalho e do trabalhador muito presente nas atuais relações de trabalho no Brasil.

Ao desqualificá-las como superadas e já sem importância para o atual mundo da produção fabril, esta depreciação impossibilita a percepção que tais formas de trabalho eram marcadas pelo domínio, por parte do trabalhador, dos processos produtivos, dos tempos e do conhecimento adquirido pela experiência. Constituindo-se, portanto, em um elemento fundamental de sua

---

<sup>130</sup>

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto

organização enquanto sujeitos e como categoria de trabalho e de classe.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho pretende contribuir para o conjunto de pesquisas que buscam desvendar nuances das questões e desafios relativos ao atual momento das relações de trabalho no Brasil. Relações atualmente marcadas pela dilapidação das conquistas, dos salários e das condições de vida do trabalhador. Sedimentando um pouco mais a percepção que algumas gerações de trabalhadores urbanos que compõem, no presente, determinadas segmentos sociais, aposentados, homens placas, vendedores de loterias, porteiros informais, ambulantes - entre outras atividades de ganho na cidade ocupadas por “velhos” - são homens do campo que se fizeram trabalhadores na cidade, nos processos de mudanças constantes entre o viver no campo e na cidade, na busca de melhores condições de vida, associada às possibilidades de melhores condições de trabalho, moradia, saúde e educação.

Mas que, ao chegar na cidade, “descobriram” que este caminhar era árduo, incluídos em alguns momentos e excluídos em outros. E que a vida melhor na cidade, sonhos alcançados, às vezes, apenas por seus filhos ou netos, cabendo a estes velhos trabalhadores viver com suas poucas aposentadorias, que também, no momento presente, sofre profundo processo de dilapidação.

Este caminhar mostrou-lhes que aprender um ofício, uma profissão na cidade exigia aprender a lidar com novos valores, identidades e relações nem sempre favoráveis à eles. Enfim, a lógica da cidade, que, em diversos momentos, choca-se com a lógica do campo à qual faziam parte.

Lógica excludente, que viveram como desafios e necessidades de enfrentamentos, mas também como sujeitos presentes neste processo. Reagindo às necessidades das mudanças no enfrentamento às novas formas de trabalhar, morar e se relacionar com a cidade. Contando muito para este enfrentamento as suas próprias experiências de deslocamentos.

Acompanhar o caminhar daqueles homens, em suas trajetórias pessoais, mas também sociais em que trabalhadores do campo tornam-se trabalhadores urbanos, sugeriu que, para a grande maioria dos velhos trabalhadores brasileiros, a aprendizagem de um ofício na cidade, na experiência do deslocamento, significou processos tensos e complexos, às vezes contraditórios e ambíguos, em que não se separavam o trabalho e a constituição de suas próprias vidas. O significa compreender que o mesmo processo que os transformam em trabalhadores urbanos, transforma-os em desempregados e excluídos na cidade.

Perceber o tornar-se trabalhadores na cidade exigiu também flagrar alguns aspectos da

cidade que se apresentava àqueles que chegavam naqueles anos. Perscrutando a cidade vivida, as possibilidades de caminhos por parte de curtumeiros e outros trabalhadores. Caminhos que em alguns momentos aproximavam homens e categorias de trabalho, sonhos e perspectivas, possibilidades, discriminações e expulsões e limites. Conhecer os desafios enfrentados em uma cidade que buscava insistentemente construir uma representação de cidade moderna, tendo a cidade de São Paulo como ideal a ser perseguido e elegendo o desenvolvimento urbano e industrial como símbolos deste projeto.

Destacando a percepção que o processo de reorganização do espaço urbano, a busca da industrialização e da modernidade, objetiva, geralmente, além de afastar trabalhadores e suas práticas do centro urbano, também possibilitar novas formas de trabalho. Afastando práticas em que se fundiam aspectos do viver no campo e na cidade.

Sendo assim, transitar pela memória de velhos trabalhadores - considerando que a memória é seletiva e seleciona sempre em um universo complexo de lembranças e esquecimentos - tentando flagrar alguns aspectos do seu viver, sonhos, ilusões, tristezas, alegrias, perspectivas e suas trajetórias pessoais na cidade, possibilita perceber como os velhos trabalhadores se sentem, vendo afastar-se deles, temporal, espacial e socialmente, experiências que são verdadeiras referências em suas vidas. Lócus físico e social de suas memórias no espaço urbano, que na sua constante reorganização destrói marcos das suas experiências de vida e de trabalho.

Valorizando as suas interpretações do seu próprio caminhar, como se vêem, no presente, neste processo, possibilitando que os mesmos repensem as trajetórias de suas vidas e os significados à elas atribuídas. Levantando questões sobre aspectos das suas experiências sociais sobre as quais, nunca tiveram oportunidade de avaliar. A partir de uma forma própria de se situar no presente, resultado dos impasses próprios da memória, lembranças e esquecimentos.

Compreendeu-se, portanto, que para vários segmentos de trabalhadores no Brasil, o tornar-se trabalhador na cidade, adquirir um ofício urbano, fazer parte de uma categoria de trabalho, significou dialogar com processos, sempre tensos, em que não se separam trajetórias de vida, a relação com os locais - seja o campo, seja a cidade - e os novos desafios do trabalho como táticas de famílias pobres em suas labutas diárias pelo sustento em seu viver entre o campo e a cidade. Vestígios do cotidiano de homens comuns que adquirem um ofício em constantes processos de deslocamentos no constante redimensionamento da vida.

Pensar sobre estes processos possibilita também tangenciar raízes sociais fincadas na tradição de deslocamentos sazonais já presente na consolidação do trabalho livre no Brasil.

Possibilidades de sobrevivência e relativa autonomia cavada na diversidade de práticas de ganhos de região para região, que se ampliavam com o crescimento do processo de urbanização em várias regiões do país a partir das primeiras décadas do XX.

Assim, entre narrativas e o manuseio de outras fontes, desvendou-se uma malha de sentidos na cidade, na qual os velhos curtumeiros passaram a viver. Espaço das diversas práticas e algumas possibilidades de constituir-se “trabalhadores”, em suas lutas para firmarem-se como cidadãos.

Destacou-se também a percepção que a as transformações urbanas, buscando adequar a cidade para a lógica do capital, atinge diretamente maneiras de se trabalhar de se ganhar a vida na cidade, proibindo práticas, dificultando acessos antes possíveis, criando normas de usos e costumes. Formas de se trabalhar, mesmo fabril, em que elementos da cultura do campo ainda se faziam presentes e, por fim, exigindo um novo perfil de trabalhador.

Estas transformações colocam para o velho trabalhador indagações relativas ao seu viver na cidade a partir do lugar social que ocupam individual e socialmente, geralmente senhores aposentados, mas que precisam fazer pequenos bicos para completar a aposentadoria, donos de uma memória distante no tempo, mas que, no presente, dão sentido às suas vidas.

Em um momento em se exige um novo perfil de trabalhadores, mais “qualificados”, e, principalmente mais jovens, trabalhadores “sem passado”, revistar experiências de trabalho de velhos trabalhadores significa repor o seu antes — suas vidas no campo — e o seu depois — já no espaço urbano — valorizando suas trajetórias pessoais e experiências individuais. Considerando suas interpretações - às vezes contraditórias e antagônicas - sensações, sentidos e percepções deste caminhar.

Refletir sobre lugares e modos de se trabalhar já descartados pelas novas tecnologias, momentos em que a organização do trabalho se dava de outras formas, é não permitir que o avassalador processo de reestruturação produtiva, que achata salários, invalida conquistas, impessoaliza as relações, acelera o tempo do trabalhador, precarizando as suas condições de trabalho e de vida, passe despercebido, ou seja, naturalizado.

Processo este que, por fim, descartou conhecimentos e experiências dos velhos trabalhadores, “cabendo-lhes”, no presente, a invisibilidade imposta aos velhos pela sociedade industrial<sup>131</sup> e pelas constantes transformações, físicas e simbólicas, dos espaços urbanos. Destruindo marcos e lugares de suas experiências. Marco que acentua a percepção das experiências de trabalho e sua importância no presente, dividindo o tempo entre o antes e o depois, mas, principalmente, marco nas suas referências de trabalho e de vida de gerações de trabalhadores.

A forma saudosa como os velhos trabalhadores rememoram tais experiências revelam

---

<sup>131</sup>

CHAUÍ, Marilena IN: Bosi, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de velho*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

mais que a saudade de um tempo passado, mas o lugar social de onde falam, o lugar de quem perdeu essa condição, já excluídos das novas formas de trabalho, às quais não dominam mais.

Percebem a quebra entre momentos em que o trabalho fabril ainda mantinha fortes relações com o campo, marcando mesmo aspectos da relação campo e cidade, momento em as suas experiências tinham sentido e valor e a percepção que as novas tecnologias tiram os seus lugares e suas funções, impondo uma nova aprendizagem que não mais tinham tempo para adquirir.

Sendo assim, ao trabalhar com memórias de velhos trabalhadores revela que o que é sentido e expressado como saudade não significa simples saudosismo, mas uma forma própria de significar perdas do presente a partir da relação afetiva com o passado. Para os velhos trabalhadores, portanto, apegar-se afetivamente, e até saudosamente, à suas experiências de trabalho é repor, no presente, papéis e lugares os quais não mais ocupam no atual mundo do trabalho.

## **FONTES**

1. Processos-Crimes 1940 - 1960 . Arquivo Histórico Municipal de Franca – AHMF . Franca – SP.
2. O Francano. Museu Histórico Municipal José Chiachiri. Franca – SP.
3. Velhos curtumeiros com o quais dialoguei: Sr. Sebastião, Sr. Jácomo, Sr. Benedito, Sr. José Elídio, Sr. José do Patrocínio, Sr. Zequinha, Carlos, e Helio,

## BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Janaína. **A culpa nossa de cada dia. Ética e história oral.** In: Revista Projeto História n. 14. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC / SP, São Paulo: Edusp, 1997
- ARANTES, Antonio Augusto. **Paisagens Paulistas. Transformações do Espaço Público.** São Paulo: Imesp, 1990.
- AZEVEDO, Amailton Magno. **No ritmo do rap: Música cotidiano e sociabilidade negra – São Paulo, 1980 – 1997.** Tese de mestrado em História defendida pelo Programa de Estudo Pós-Graduados em História, Puc-SP, São Paulo, 2000.
- BALCÃO, Lier Ferreira. **A Cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913)’. In: Pesquisa em História, vol 1. São Paulo: Olho d’água, nov/1999.**
- BARREIRO, José Carlos. **Tradição, Cultura e Protesto Popular no Brasil, 1780-1880.** In: Revista Projeto História, nº 16, São Paulo: EDUC, fev/1998,.
- BLUME, Luiz Henrique dos Santos. **O Porto Maldito: modernização, epidemias e moradia da população pobre em Santos no final do século XIX.** In: Pesquisa em História, vol 1. São Paulo: Olho d’água, nov/1999.
- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado e BRIOCHI, Lucila (orgs.). **Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista.** São Paulo: Humanitas / Ceru, 2000.
- BARROSO, Agnaldo de Souza. **Política e Modernização em Franca 1945 –1964.** Série História Local n. 9, Franca: Unesp, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de História. In: Magia, Arte, Técnica e Política.** Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOLÊME, Genevieve. **O povo por escrito.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CANDIDO, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito.** 9<sup>a</sup> Edição São Paulo: Editora 34, 2001.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 1998.
- CERTEU, Michel de. **A Cultura no plural.** Campinas: Papyrus, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A invenção do Cotidiano: artes de fazer.** 3. edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Política Cultural, Cultura e Patrimônio Histórico. In: O Direito a Memória: patrimônio Histórico e Cidadania.** São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, DPH, 1982.

CARMO, Luiz Carlos do. **Funções de Preto.** Tese de mestrado em História defendida pelo Programa de Estudo Pós-Graduandos em História, Puc-SP: São Paulo, 2000.

CHALHOB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_, **Cidade Febril. Cortiços e epidemias na Corte imperial.** São Paulo: Companhia. Das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_, **Visões da liberdade.** São Paulo: Companhia da Letras 1990.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** 2ª ed – São Paulo: Forense

Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Cultura no Plural.** Campinas: Papyrus, 1993.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

CRUZ, Heloísa de Faria. **A Cidade e o Reclame: Propaganda e o Periodismo em São Paulo.** In: **Revista Projeto História.** São Paulo: EDUC, Nº 13, junho/1996,

\_\_\_\_\_. **São Paulo em Papel e Tinta: Periodismo e vida urbana – 1890-1915.** São Paulo: EDUC, 2000

DAVIS, Natalie Z. **Culturas do Povo. Sociedade e cultura no início da França moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DIAS. Maria Odila Leite da Silva, **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cotidiano e Poder.** São Paulo: Brasiliense 2001.

DARTON, Robert. **O Grande massacre dos gatos.** São Paulo: Graal, 1988.

DOMINGUES, Andréa Silva. **A Arte de Falar: Redescobrimo Trajetórias e outras Histórias. Colônia do Pulador – Anastácio / MT.** Tese de mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

DUBY, George. **A História Continua.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

- DURHAN, Eunice R. **A Caminho da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e História Social: historiografia e pesquisa**. In: Revista Projeto História n. 10. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC / SP , São Paulo: Edusp, 1993
- FERREIRA, Mauro. **O Espaço edificado e a indústria de calçados em Franca**, USP, São Carlos, 1979.
- GARCIA, Ronaldo Aurélio G. **Migrantes mineiros em Franca**, Franca: UNESP, 1997.
- FILHO, Aurelino José Ferreira. **Trabalho, insalubridade e resistências. A Experiência dos trabalhadores da categoria Química do ABC Paulista 1984 – 1990**. Tese de mestrado defendida no Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Artes da memória, fontes orais e relato histórico**. In: História e Perspectivas. Uberlândia – MG. EDUFU, n. 23, 2000.
- GUINSBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras 1998.
- \_\_\_\_\_. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras 1998.
- IUMATTI, Paulo Teixeira. **Cidadania e Questão Agrária: Caio Prado Júnior e a Cidade de São Paulo**. In: Revista Projeto História. São Paulo: EDUC, Nº 19, novembro/1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.
- OLIVEIRA, Luiz Lélío de. **Economia e História em Franca**, Franca: Unesp, 1996.
- HOBBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Os Trabalhadores: estudo sobre a história do operariado**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- MOURA, Denise Aparecida Soares de. **Saindo das Sombras: homens livres do escravismo**. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1998.
- HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JURKEVICS, Vera Irene. **O confronto entre católicos e espíritas na cidade de Franca**. Revista Estudos de História, Unesp/Franca, 1996.
- LARA, Silvia Hunold. **Escravidão, Cidadania e História do Trabalho no Brasil**. In: Revista Projeto

História, nº 16, São Paulo: EDUC, fev/1998.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LINDENFELD, Jacqueline. **Palavras Rituais nos Mercados Urbanos na França**. In: Revista Projeto História. São Paulo: EDUC, Nº 19, novembro/1999.

LOPES, Rosana Miziara. **Os Restos e a Cidade**. In: Pesquisa em História, vol 1. São Paulo: Olho d'água, nov/1999.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. In: Revista Projeto História n. 17. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC / SP , São Paulo: Edusp, 1998

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar. (Re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 1999

MALUF, Marina. **Os ruídos da Memória**. São Paulo: Ed. Siciliano, 1995.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar. A Utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890 – 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 19985.

RINALDI, Dalva Marlene Chioca. **A indústria curtumeira em Franca**. Tese de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduados em História da Unesp, Franca: 1979.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 3.ed. São Paulo: Contexto,1994

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. In: Revista Projeto História n. 14. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC / SP , São Paulo: Edusp, 1997

\_\_\_\_\_. **Sonhos Úcrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores**. In: Revista Projeto História n. 10. Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC / SP , São Paulo: Edusp, 1993.

\_\_\_\_\_. **História Oral como Gênero**. In: Revista Projeto História n. 12. Programa de Estudos Pós-graduandos em História da PUC- SP, São Paulo: Edusp, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Massacre de Civitela Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum**. IN Ferreira, Marieta e Amada, Janaina (org.) Usos e abusos da História Oral. São Paulo: FGV, 1998.

\_\_\_\_\_. **Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Revista Tempo. Vol. 1, n.2, Rio de Janeiro, 1996.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História. A problemática dos lugares**. Trad. KHOURY, Iara Aun. In: Revista Projeto História n. 10. Programa de Estudos Pós-graduandos em História da

- PUC- SP, São Paulo: Edusp, 1993.
- PALERMO, Mirte Rinaldi. A diversificação das atividades Econômicas do Município de Franca, Tese de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduados em História da USP, São Carlos: 1979.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**. Rio de Janeiro, 1992.
- PRIORI, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RINALDI, Dalva Marlene Chioca. **A Indústria curtumeira em Franca**. Franca: Unesp, 1987.
- ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**. São Paulo: Edusp, 1997.
- SOUZA, Fábio Gutemberg R. Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920 – 1945**. Tese de doutoramento em História pela Departamento de História do Inst. De Filosofia e Ciências Humana da Unicamp, Campinas, 2001
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **A conquista da água**. In: Revista Projeto História. São Paulo: EDUC, Nº 18, maio/1999.
- \_\_\_\_\_. **O Receio dos 'Trabalhos Perdidos: Corpo e Cidade**. In: Revista Projeto História. São Paulo: EDUC, Nº 13, junho/1996.
- \_\_\_\_\_. **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Corpos de Passagem: Ensaio sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo: Edusp, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina. Mentres insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Luzia Márcia Resende. **Carregadores de Mercadorias: memórias e lutas. Uberlândia, MG, 1970 – 2000**. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SILVA, Lúcia. **A Cidade do Rio de Janeiro nos anos 20: urbanização e vida urbana**. In: Pesquisa em História, vol 1. São Paulo: Olho d'água, nov/1999.84.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo, Editora da Unesp, 1998.
- GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. **Migrantes mineiros em Franca**. Série História local n. 2.

Franca: Unesp, 1989.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I. 3ª. Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Senhores e Caçadores: a origem da lei negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KHOURY, Yara Aun. **A pesquisa em História Oral: Perspectivas e desafios**. Curso ministrado no Programa de Pós-Graduando em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **Campo e Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **O campo e a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. Schwarcz. 1990.

ZUNTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)